

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DE LÍDERES
COMUNITÁRIOS PARA ALUNOS DE 2ª E 3ª SÉRIES DO ENSINO MÉDIO**

EVALDO CHAUVET BECHARA

CAMPINAS – S.P.

2004

EVALDO CHAUVET BECHARA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DE LÍDERES
COMUNITÁRIOS PARA ALUNOS DE 2ª E 3ª SÉRIES DO ENSINO MÉDIO**

**Este exemplar corresponde à redação final da tese
de doutorado, defendida por Evaldo Chauvet
Bechara e aprovada pela Comissão Julgadora em 25
de março de 2004.**

A handwritten signature in black ink, consisting of a series of loops and strokes, positioned above the printed name of the professor.

Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo.

CAMPINAS – S.P.

2004

NIDADE	80
2ª CHAMADA	UNICAMP
	B387e
EX	
OMBO BC/	59281
ROC.	16-117-04
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/07/04
Nº CPD	

CM00200744-2

BIB ID 318360

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF
UNICAMP**

B387e Bechara, Evaldo Chauvet

Educação Física escolar: proposta de formação de líderes comunitários para alunos de 2ª e 3ª séries do ensino médio / Evaldo Chauvet Bechara.— Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador: Jorge Sergio Pérez Gallardo

Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física escolar. 2. Ensino médio. 3. Liderança comunitária. 4. Ensino-Planejamento. I. Pérez Gallardo, Jorge Sergio. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Dedicatória:

**Divido este trabalho com Deus pela sua
proteção divina que me guiou o tempo todo ao
longo dessa empreitada possibilitando assim
meu desenvolvimento como ser humano e
aprimorando meus conhecimentos na Área de
Educação Física.**

PENSAMENTO

Estava sozinho, perplexo e revoltado com as desigualdades que via...

Meus gritos atraíram pessoas e com elas dividi minha indignação...

Nossa discussão virou discurso e com ele nos permitimos sonhar...

Nossos sonhos erigiram paredes e nelas trabalhamos para que as pessoas fossem mais iguais...

A princípio movidos pela emoção, com passos vitoriosos, porém inseguros, com ações eficazes, mas por vezes mescladas de esforços supérfluos e repetitivos...

Hoje juntamos razão à emoção, discutimos, planejamos, avaliamos, hoje somos uma equipe.

Uma equipe que reconhece igualmente líder e liderados, que valoriza a opinião e supera o limite de todos, entrelaçando habilidades, saberes e virtudes.

Uma equipe que se empenha em buscar formas de gestão atuais e eficientes, sem nunca perder de vista a sua vocação para o amor, pois sabe que ele é a força necessária para aqueles que têm pretensão de tornar um mundo melhor.

(Autor Desconhecido)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo, pelo respeito, amizade, dedicação, paciência e competência com que me orientou na elaboração deste estudo;

Aos professores Elizabeth Paoliello Machado de Souza, Leopoldo Shönardie Filho e Eliana Ayoub, pelas criteriosas e valiosas observações apresentadas no Exame de Qualificação;

Aos demais membros da Banca Examinadora, José Augusto Victória Palma e João Batista Andreotti Gomes Tojal, que gentilmente aceitaram fazer parte da Defesa;

À minha companheira Dalva, que me apoiou em todos os momentos para que eu conseguisse realizar, com sucesso, a tarefa de escrever essa Tese;

Aos meus filhos, Isabel e Henrique, pela compreensão, carinho, fundamentais, para que eu pudesse superar mais esta etapa;

Aos meus pais, irmãos e amigos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desse trabalho;

Aos inseparáveis Luiz Antonio (Mono), Mônica, Thais, Henrique, Chilote, e demais colegas do Curso de Pós-Graduação da UNICAMP, pelo convívio harmonioso durante todo esse tempo de curso;

Aos grupos de pesquisas de Ginástica Geral e Educação Física Escolar, pela amizade, carinho e estudos, que contribuíram sensivelmente para aumentar meus conhecimentos profissionais.

A todos os professores, colegas e funcionários da Graduação e Pós-Graduação da UNICAMP com quem tive a oportunidade de conviver e crescer como pessoa.

Ao amigo Prof. Dr. Umberto César Correa, que gentilmente contribuiu para o engrandecimento do trabalho;

Ao prof Dr. Evanildo Cavalcante Bechara pela gentileza da revisão gramatical;

A Uerj, Unigranrio e Colégio Pedro II, que possibilitaram meu afastamento para cursar o Doutorado na Unicamp.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	xv
LISTA DE QUADROS	xvii
RESUMO	xix
ABSTRACT	xxi
INTRODUÇÃO	1
 CAPÍTULO I – Caminho Metodológico	 5
Delimitação do Estudo	5
Objetivo Geral	5
Objetivos Específicos	5
Metodologia	6
 CAPÍTULO II – Formação Profissional e Capacitação para o Ensino Médio	 7
2.1 – Os conceitos norteadores da Tese	7
2.1.1 – O que se entende por Educação Física	7
2.1.2 – Qual a função da Universidade	8
2.1.3 – Qual deve ser a função da Licenciatura	9
2.1.4 – Qual deve ser a função da Escola	11
2.2 – A preparação profissional em Educação Física	12
2.2.1 – A Educação Física como Disciplina	12
2.2.2 – Preparação Profissional: Novas Demandas	14
2.2.3 – Teoria versus Prática	16
2.2.4 – O Currículo de Preparação Profissional	18
2.2.4.1 – Orientação Acadêmica	20
2.2.4.1.1 – Aspectos Biológicos	20
2.2.4.1.2 – Aspectos do Comportamento Motor Humano	21
2.2.4.1.3 – Aspectos Sócio-culturais	22
2.2.4.1.2 – Orientação Didático-Pedagógico	23
2.2.5 – Formação Humana e Capacitação	25
2.2.6 – Sobre o Perfil Profissional do Professor	29
2.3 – Orientação para Atividades	31
2.3.1 – A Cultura Corporal	31
2.4 – Por que Planejar	34
 CAPÍTULO III – A Educação Física Escolar no Ensino Médio	 36
3.1 – O aluno de Ensino Médio	36
3.2 – O sentido da Educação Física para os alunos do Ensino Médio	37
3.3 – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio	39
3.4 – O Conhecimento em Educação Física dentro dos PCNs	41
3.5 – Análise dos dados obtidos	43
3.6 – As Características dos Alunos do Ensino Médio	50
 CAPÍTULO IV – Os Conteúdos da Educação Física	 58
4.1 – Ginástica	58
4.2 – As Danças	61

4.2.1 – Classificação das Danças segundo suas origens	62
4.2.2 – Classificação das Danças segundo sua conotação	63
4.2.3 – Classificação das Danças segundo seu valor pedagógico	64
4.3 – Elementos das Artes Musicais	66
4.4 – Elementos das Artes Plásticas	66
4.5 – Elementos das Artes Cênicas	68
4.5.1 – Artes Cênicas da Educação Física Escolar e Comunitária	68
4.6 – Jogos e/ou Brincadeiras	69
4.7 – Os Esportes	71
4.8 – As Lutas	73
CAPÍTULO V – Formação de Líderes Comunitários	74
5.1 – Conceito de Líder e Liderança	77
5.1.1 – O que é Liderar?	77
5.2 – Outros pontos a Serem Exercidos pelo Líder Comunitário	78
5.2.1 – Respeito e Autoridade	78
5.2.2 – Tentações da Liderança	79
5.2.3 – Líder com Personalidade Narcisista	79
5.2.4 – Líder com Vocação Autoritária	79
5.2.5 – A Síndrome do “Salvador”	80
5.2.6 – O Líder “Bonzinho”	80
5.2.7 – O Líder Laissez-faire	81
5.2.8 – O Líder Democrático	81
5.3 – Funções e Atribuições do Líder Comunitário	83
5.4 – Conceito de Grupo e Necessidades de seus Membros	85
5.4.1 – Que é um grupo	85
5.4.2 – Relações Pessoais entre os Membros	85
5.4.3 – Interações Dependentes ou Cooperativas	85
5.4.3.1 – Ação Competitiva	85
5.4.3.2 – Ação Cooperativa	85
5.5 – Níveis que Compõem um grupo	85
5.5.1 – Nível de Conteúdo	85
5.5.2 – Nível Sócio-emocional	85
5.5.3 – Nível de Procedimento	86
5.6 – O Grupo	86
5.6.1 – Por que as Pessoas Entram num Grupo	86
5.6.2 – Fatores que Aumentam o Atrativo do Grupo	86
5.7 – Proposta de Formação de Líderes Comunitários	87
5.8 – Planificação da educação Física para o Ensino Médio	89
5.9 – Planejamento dos Conteúdos da Educação Física do Ensino Médio	90
5.9.1 – Primeira Série	90
5.9.2 – Segunda Série	91
5.9.3 – Terceira Série	92
5.10 – Lista de Atividades	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXOS	108

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Roteiro de Observação-----	108
ANEXO 2 – Itens Verificados na Formação de Eventos-----	109

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipo de Escola-----	44
QUADRO 2 - Infraestrutura da Escola-----	45
QUADRO 3 – Agente Pedagógico -----	46
QUADRO 4 – Caracterização da Aula -----	47
QUADRO 5 - Conteúdo das Aulas de Educação Física-----	48
QUADRO 6 - Comportamento dos Líderes -----	82

RESUMO

A Educação Física no Ensino Médio encontra-se descontextualizada da realidade escolar e educacional e está em franca decadência. Devem ser tomadas medidas urgentes para evitar sua extinção neste segmento escolar. A monotonia e as atividades monotemáticas que são desenvolvidas como conteúdo curricular, contemplam apenas as atividades esportivas que, certamente, já foram tratadas nas séries anteriores e, portanto, não apresentam nenhum desafio para os alunos, principalmente os das séries terminais (2ª e 3ª séries). Além disso, são poucas as propostas que tratam a Educação Física como disciplina, isto é, com um conteúdo acadêmico a ser oferecido. Ela é vista apenas como atividades para o domínio de habilidades esportivas, fazendo dela uma atividade com fim em si mesma, o que deturpa os objetivos educacionais para a formação de seres humanos críticos e sensíveis aos problemas do meio físico e social, tão pregoados nos dias de hoje na formação profissional dos professores de Educação Física. A falta de conhecimento do que seja a função das instituições educacionais (Universidade, Escolas – Ensino Médio, Ensino fundamental e Pré-escola) é, a nosso ver, o principal obstáculo para o desenvolvimento de uma Educação Física relevante: formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e capacitados para intervir dentro dessa sociedade para satisfazer as necessidades dela. Diante desta situação, apresentamos, como alternativa para a Educação Física do Ensino Médio, uma proposta baseada nos conceitos oferecidos por Paoliello e Pérez Gallardo (1997) para a Educação Física Escolar, nos quais a Formação Humana é o real objetivo da Educação Física, e os conteúdos da cultura corporal o seu conhecimento de Capacitação, que devem ser socializados no interior das instituições escolares, respeitando as características, necessidades e interesse dos alunos e das próprias instituições escolares que eles frequentam. Assim, este estudo se constitui numa continuação do estudo de Schönardie (2001), que elaborou a Tese intitulada ‘Educação Física na 1ª Série do Ensino Médio: Uma Prática por Compromisso’, objetivando capacitar o aluno da 1ª Série do Ensino Médio a desenvolver, com autonomia, programas de condicionamento físico para a melhoria da performance esportiva e/ou o nível de aptidão física relacionada à saúde. Nosso estudo procura oferecer uma fundamentação acadêmica e subsídios para a elaboração de uma proposta de formação de Líderes Comunitários para os alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, organizando todo o material necessário para a estruturação desta proposta. No capítulo II, discutimos a formação profissional do professor de Educação Física e a capacitação que ele recebe na graduação para atuar no Ensino Médio. No capítulo III, analisamos os conteúdos oferecidos pelos PCNs para este segmento escolar. O capítulo IV demonstra a existência de uma grande quantidade de conteúdos que supomos sejam da nossa área acadêmica. Finalmente, no capítulo V indicamos outra possibilidade de atuação profissional no Ensino Médio - a formação de Líderes Comunitários.

ABSTRACT

The Physical Education at Secondary School is out of context of scholar and educational reality and is in plump decadence. Urgent changes must be done to avoid its extinction in this scholar segment. The monotony and lack of variety in the activities developed as curricular contents consider only sporting activities which, certainly, have already been practiced in the previous series and, thus, do not present any challenge for the students, mainly for those of the last grades (second and third). In addition, there are only few proposals in which Physical Education is treated as a discipline, that is, with an academic subject matter to be offered. It's seen only as activities to develop sporting abilities, making it an activity with the end in itself, what distorts the educational aims to the formation of human beings critical and sensitive about the physical and social environment, so proclaimed nowadays in the professional formation of Physical Education teachers. The absence of knowledge of what is the function of educational institutions (Universities, Schools – Secondary School, Elementary School, Preschool) is, in our point of view, the main obstacle to the development of a relevant Physical Education: formation of citizens conscious of their role in society and capable to interfere in this society, to satisfy its necessities. Before this situation, we present, as an alternative to the Secondary School Physical Education, one proposal based on the concepts offered by Paoliello and Pérez Gallardo (1997) to Scholar Physical Education, in which, the Human Formation is the real object of Physical Education, and the contents of corporal culture its knowledge of Capacitation, that must be socialized into the scholar institutions, respecting the student's characteristics, necessities and interests, and the ones of the institutions they frequent. So, this study consists of a continuation of Schönardie's study (2001), that elaborated the Thesis entitled 'Physical Education in the First Grade of Secondary School: A Practice for Compromise', objectifying to capacitate the students of the first grade of Secondary School to develop, with autonomy, physical conditioning programs to improve the sporting and/or the level of fitness related with healthy. Our study seek offer an academic basis and subsidies for the elaboration of a community leaders propose for the second and third series of Secondary School, organizing all the material for this program structure. In chapter II we discuss the Physical Education teacher's professional formation and the capacitation he receives during the graduation to act at Secondary School. In chapter III we analyze the contents offered by PCNs for this school level. The chapter IV shows the existence of a great quantity of contents that we believe to belong to our academic area. Finally, in chapter V, we suggest another possibility of professional acting at Secondary School – the formation of community leaders.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo analisar e estudar a Educação Física que é oferecida nas escolas de Ensino Médio e, a partir daí, propor a Formação de Líderes Comunitários para os alunos de 2ª e 3ª séries. Ao analisarmos as variáveis que supomos serem as mais importantes, aquelas que alteram de forma mais marcante a atuação do professor, encontramos a Formação Profissional, que tem a incumbência de preparar, eficientemente, os futuros docentes para atuar no campo profissional.

Quando focalizamos a Formação Profissional, identificamos uma falta de conhecimento da função das instituições educacionais (Universidade, Escolas – Ensino Médio, Ensino fundamental e Pré-escola) o que é, a nosso ver, o principal obstáculo para o desenvolvimento de uma Educação Física relevante: à formação de profissionais conscientes de seu papel na sociedade e capacitados para intervir dentro dessa sociedade para satisfazer as necessidades dela.

Ao enfocarmos o campo de atuação profissional identificamos que ele é extremamente diversificado, e que em cada uma das suas vertentes como professor, técnico entre outros, encontram-se características específicas, que devem ser levadas em consideração para satisfazer os objetivos tanto dos professores, quanto dos alunos.

Na atuação profissional, são os conteúdos que permitem atingir os nossos objetivos, e estes têm relação direta com nossa forma de pensar, isto é, com a filosofia de vida que possuímos, a qual deveria se modificar durante a formação. Desta forma temos aqui a triangulação das principais variáveis de nosso estudo: A nossa forma de ver o mundo, a formação e capacitação que obtivemos na universidade e a forma de agir.

Por esses motivos, analisaremos, primeiramente, os princípios norteadores da nossa Tese; a seguir, a Formação Profissional que nos é oferecida, tentando desvendar se ela nos prepara efetivamente para atuar no âmbito escolar e comunitário, e, finalmente, os conteúdos de que dispomos para atingir os nossos objetivos.

Todas essas análises nos levaram a definir a forma de atuação profissional no âmbito escolar, mais especificamente nas duas últimas séries do Ensino Médio. Visto desta

forma, apresentamos as análises e discussões separadamente e por capítulos, para finalmente propor a formação de Líderes Comunitários que poderia ser aplicado nas duas últimas séries do Ensino Médio.

Assim, foi necessário eleger alguns parâmetros que serviram como orientadores deste estudo, dado que todo e qualquer trabalho deve possuir uma filosofia de orientação construída a base de experiências profissionais e pessoais, dado que nós somos fruto destas interações.

O primeiro passo foi definir o tipo de ser humano que queremos formar nas instituições escolares, já que, a partir dessa definição, podemos estabelecer os conhecimentos, as habilidades didático-pedagógicas e as atitudes necessárias para formar esse ser humano (PÉREZ GALLARDO, e COLABORADORES, 2003). Esses conhecimentos, habilidades didático-pedagógicas e as atitudes, devem servir de base para construir o perfil de formação profissional dos futuros professores de Educação Física.

Esta visão é a de um homem preocupado com os problemas de sua sociedade e capacitado para intervir quando seja requerido ou quando estime necessário. Assim, a visão é a de um homem unicista que observa, analisa, valoriza e planifica estratégias de ação para satisfazer as necessidades sentidas pelo seu grupo social e pela sua comunidade. É esse homem que se sente e se torna uma ferramenta ao serviço de sua comunidade e sem tirar proveito dela para satisfazer suas próprias necessidades e interesses. Isto é, uma visão humanista do ser humano.

Para formar esse ser humano, temos que prestar atenção nos procedimentos que são utilizados nas instituições escolares; isto significa analisar as características dos programas educacionais promovidos pelo Ministério da Educação que são utilizados nas escolas. Como também a interpretação desses programas nas escolas, uma vez que existem diferenças marcantes entre a formação oferecida nas escolas públicas e nas particulares.

Dada essa grande divergência, adotamos como a sugerida por Pérez Gallardo e colaboradores (2003), fundamentada na proposta de Maturana e De Rezepka (1995), onde é visto o processo educativo composto por dois fenômenos diferentes: a Formação Humana e a Capacitação.

A Formação Humana é o processo de apreensão de normas, regras e regulamentos que servem de base para viver num grupo social, e a Capacitação, como os conhecimentos

que se supomos úteis para viver nessa organização social (PÉREZ GALLARDO, 2002). A função do professor em relação à Formação Humana é a de criar um ambiente adequado para que o processo de capacitação ocorra.

Na Capacitação, a função do professor visa desenvolver em seus alunos as capacidades e as habilidades que lhes permitam interagir com seu meio físico e social, utilizando procedimentos que facilitem a apropriação de todas as manifestações da Cultura Corporal (jogos, brincadeiras, danças populares e folclóricas, atividades ginásticas, esportes, aspectos das artes cênicas, das artes plásticas, das artes musicais, etc) do seu meio local, regional, nacional e internacional.

A partir daí observamos que a Formação Cultural Humana deve ser o objetivo do processo educativo, já que tem este a ver com as mudanças e modificações do comportamento, priorizando aqueles que maximizem e/ou fortaleçam os laços sociais entre os indivíduos e se evitem aqueles que os minimizem.

A Capacitação é o processo de apropriação dos conhecimentos úteis para viver dentro dessa organização social (PÉREZ GALLARDO e COLABORADORES, 1997). Ela tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar ou vivenciar.

Em decorrência disso, a Capacitação como tarefa educacional consiste na criação de espaços de ações onde se exercitem as habilidades, ampliando as capacidades do fazer, com reflexão sobre esse fazer, como parte da experiência que se vive e se deseja viver (PÉREZ GALLARDO, 2002).

Falando sobre o conceito “Socialização/Sociabilização”, que tem como orientação a Socialização, que é entendida como a apropriação e respeito pelas formas de organização do grupo familiar (normas, regras e regulamentos) que são consideradas importantes para o convívio familiar (Formação Humana), junto com as formas culturais que são valorizadas pelo grupo familiar (Capacitação).

E a Sociabilização pode ser entendida como a apropriação e respeito pelas diferentes formas de organização social (normas, regras e regulamentos), pelas quais se organizam as diferentes instituições da sociedade como um todo (Formação Humana) e pela apropriação dos diferentes conhecimentos que se acredita sejam úteis para viver nessa sociedade (Capacitação).

Assim, consideramos a Socialização/Sociabilização como o conceito de orientação para a atuação profissional no âmbito da Educação Física escolar, no que tange à 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Capítulo I: Caminho Metodológico

Delimitação do Estudo

Este estudo está orientado para elaborar uma proposta para formação de Líderes Comunitários, para alunos de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Objetivo Geral

Elaborar proposta para a formação de líderes comunitários. Feitas às análises correspondentes proceder-se-á a organização do material que entendemos necessário. Aproveitando serão apresentados possíveis conteúdos para desenvolver esta proposta durante o ano letivo, tanto para o professor como para a atuação do líder comunitário.

Objetivos Específicos

a) Segunda Série - Estágio de socialização dentro da escola

O aluno deverá apropriar-se dos diferentes conhecimentos que lhe permitam organizar, administrar e gerenciar as diferentes atividades extraprogramáticas na Escola.

b) Terceira série - Estágio de Socialização na escola e na comunidade

O aluno deverá apropriar-se dos diferentes conhecimentos que lhe permitam organizar, administrar e gerenciar as diferentes atividades extraprogramáticas com a comunidade escolar (alunos, professores, pessoal administrativo, pais e responsáveis, etc.) e, dentro das possibilidades, com a comunidade onde a escola está inserida.

Metodologia

O material analisado está de acordo com Lakatos e Marconi (1991: 183-185). Foram utilizadas fontes bibliográficas, tais como: livros, teses, monografias, artigos e etc. Posteriormente, optamos por uma análise dos dados obtidos no trabalho de observação na disciplina MH 502 Educação Motora da FEF/Unicamp, elaborado por Martini (2003).

Os alunos dessa disciplina saem a campo a visitar escolas de Ensino Médio, em grupos de três, munidos de um roteiro de observação, e logo estes grupos apresentam os resultados de suas investigações nas aulas da disciplina destinada a este objetivo. Nelas são analisados e discutidos os resultados das observações e elaborados relatórios. Os relatórios registram os resultados das observações e das discussões feitas em aula, e uma cópia é encaminhada à escola visitada e outra ao arquivo de visitas que fica com o professor responsável dessa disciplina. Foi realizado estudo preliminar, com objetivo de validar o roteiro de observação nos anos de 2000 e 2001 (anexo1).

Cabe lembrar que, neste estudo, algumas ocorrências ou eventos nem sempre são acessíveis à observação direta. Determinados fatos podem ocorrer numa situação que foge à oportunidade da observação direta, de outra pessoa.

Capítulo II: A Formação Profissional e a Capacitação para o Ensino Médio

2.1. Os Conceitos Norteadores da Tese.

Os principais conceitos que nortearam este trabalho foram retirados da Dissertação de Livre Docência do Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo, defendida no ano de 2002, na FEF/Unicamp e exaustivamente discutidos no Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar. São eles: o significado da Educação Física, a função da Universidade, a função da Licenciatura e a função da Escola.

2.1.1. O que se entende por Educação Física

A Educação Física pode ser considerada como uma área de estudo e de aplicação de um conhecimento, que ainda não definiu seu nome, podendo ser conhecida, segundo diferentes autores, como: **Cineantropologia** (RENSON, 1989), **Cinesiologia** (ARNOLD, 1993; NEWELL, 1989; 1990; ROBERTS, 1985; WADE, 1991), **Motricidade Humana** (CUNHA, 1990; ORO, 1994; SÉRGIO, 1991; TOJAL, 1994), **Ciência do Exercício** (KATCH, 1990), **Ciência do Esporte** (THOMAS, 1987), entre outros, cujo objeto de estudo é o movimento humano, tendo como paradigma de orientação um paradigma sistêmico, segundo Tani, (1996), o qual varia conforme a área de pesquisa ou de atuação profissional.

Assim sendo, a Educação Física é uma área de uma ciência que tem como principal função a orientação pedagógica, tanto na preparação quanto na atuação profissional dos professores de Educação Física. Essa finalidade mostra-se clara quando observamos que a maior parte das Instituições de Ensino Superior que prepara professores de Educação Física outorga o título de Licenciado em Educação Física.

Por ser o Licenciado em Educação Física o especialista em motricidade humana, sua área de atuação profissional deveria ser o Ensino Formal, desde a Pré-escola até o Ensino Superior. E pelas características de sua ação pedagógica pode atuar no âmbito comunitário.

Esse profissional tem como função principal a Formação Humana, isto é, o desenvolvimento daqueles valores humanos mais importantes para a vida em comunidade, tais como o auto-respeito, o respeito pelos outros, a responsabilidade, honradez, liberdade, além de todos os valores necessários à auto-independência, como a criatividade, o espírito crítico, a sensibilidade e o amor pelas pessoas, pelo meio ambiente e pela sociedade em que o indivíduo está inserido.

Isso pode ser possível através da Capacitação, isto é, da apropriação dos elementos e técnicas que fazem parte da Cultura Corporal, seja ela de seu patrimônio de origem (cultura de seu grupo familiar).

Por essa razão, é função do Licenciado em Educação Física facilitar ao aluno a apropriar-se de e vivenciar na prática os valores humanos, utilizando como meio os conteúdos da Cultura Corporal (Capacitação), respeitando as características, necessidades e expectativas dos seus alunos, tomando como base para esse processo sua cultura de procedência.

Significa também que esse profissional deve possuir um conhecimento profundo do desenvolvimento humano em seus três níveis (Biológico; de Comportamento Motor Humano e Sócio-cultural), para criar processos de aquisição adequados aos níveis de desenvolvimento dos educandos, além da habilidade de utilizar procedimentos Didático-Pedagógicos que facilitem a apropriação não só das técnicas de cada manifestação da Cultura Corporal da área, mas também dos fundamentos históricos que envolvem cada conteúdo, de maneira tal que permita ao aluno fazer críticas conscientes sobre o que aprende, e assim influenciar seu meio social, superando e diversificando os conteúdos culturais, de forma que aumentem seu patrimônio cultural.

2.1.2. Qual deve ser a função da Universidade?

O objetivo intrínseco da Universidade é recopilar e armazenar todo o conhecimento universalmente produzido seja da cultura tradicional ou da erudita, com o intuito de analisá-lo, amplificá-lo e distribuí-lo por meio das suas três grandes funções: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Para satisfazer esse objetivo, ela é constituída de Faculdades e Departamentos, responsáveis pelo desenvolvimento de seus respectivos campos de conhecimento e áreas de atuação.

No que tange à função de socialização do conhecimento (Ensino), existe uma área específica que se denomina Licenciatura, responsável pela escolha, análise e adequação do conhecimento, que será distribuído no interior de uma instituição denominada Escola (Pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Dentro das Licenciaturas se encontra a área da Educação Física, responsável pela socialização de todo o conhecimento universalmente produzido pela Cultura Corporal, tais como Jogos, Brincadeiras, Esportes, Danças, Lutas, Elementos das Artes Cênicas, Elementos das Artes Musicais, Elementos das Artes Plásticas e de todo o conhecimento por ela produzido, denominado Ginásticas.

2.1.3. Qual deve ser a função da Licenciatura?

É função das Licenciaturas em Educação Física formar especialistas para atuar no meio educacional, preparando academicamente para que seja capaz de analisar, compreender, descrever e sistematizar qualquer atividade da Cultura Corporal, e aplicar esses conhecimentos em qualquer de seus âmbitos de atuação profissional (vivência, prática e treinamento), já que ele é o especialista em motricidade humana. Apesar de este profissional ter um direcionamento específico de atuação profissional para a Escola, sua preparação acadêmica lhe deveria permitir atuar em outros espaços.

Porém, o fundamental é saber distinguir os objetivos e as limitações do espaço da atuação profissional, dado que cada espaço tem objetivos e limitações diferentes, como acontece com os espaços de atuação profissional do clube, academia e atividades comunitárias.

Centrando-nos na Escola, nela existem limites de tempo, espaço, materiais e de amplitude e profundidade dos conhecimentos a serem oferecidos.

Devido às características do meio escolar e da maioria das manifestações culturais desenvolvidas com a comunidade, podem ser encontradas três formas de aplicar os conteúdos, cada uma das quais envolve interesses diferentes, a saber:

Vivência

Seu objetivo central é o de colocar em contato com a Cultura Corporal os alunos, partindo do pressuposto de que a cultura é um patrimônio universal, ao qual todo ser humano deve ter direito. Dentro das limitações do espaço escolar (um máximo de três horas-aula semanais, distribuídas em dois encontros de uma e de duas horas-aula respectivamente), e considerando a enorme quantidade de conteúdos a serem oferecidos aos alunos, fazem-se necessários uma organização e um planejamento desses conteúdos de forma que em cada série os alunos tomem contato com aqueles que, pelas características de desenvolvimento (necessidades, expectativas e interesses), sejam mais adequados.

O interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles (dentro da perspectiva de uma análise histórico-crítica que supere o senso comum), dentro de um espaço humano de convivência, onde possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo.

As manifestações culturais devem seguir uma planificação para possibilitar a incorporação de muitas técnicas de execução, que possibilitem a sua transferência para várias outras situações ou contextos. A variedade de conteúdos oferecidos aumenta as chances de escolha dos alunos para a formação de grupos de prática. Seu espaço é a aula de Educação Física.

Prática

É um espaço de livre organização dos alunos, onde escolhem as modalidades e/ou elementos da Cultura Corporal que foram vistos na aula de Educação Física (Vivência) e que despertaram maior interesse neles (mais relevantes para eles), criando assim grupos de interesses. O objetivo do professor de Educação Física para esse espaço é fazer com que os alunos aprendam a dominar e estabilizar as técnicas de execução dos conteúdos escolhidos. Aqui aumenta o tempo de experimentação e existe uma maior preocupação com a técnica (Capacitação) - já que, executando bem, o aluno tem mais possibilidades de interagir com seu grupo. Seus espaços ideais são as atividades extra-escolares e as comunitárias, as que

deveriam ser organizadas e administradas pelos próprios integrantes do grupo social e gerenciados pelo professor de Educação Física.

Treinamento

Seu objetivo é fazer com que o aluno internalize as técnicas de uma modalidade da Cultura Corporal. Para isso, ele precisa de uma quantidade muito maior de tempo de treino, uma disposição particular para ser bem sucedido nessa modalidade, de material específico e do técnico com conhecimentos aprofundados dessa modalidade. O alvo principal do técnico é a execução correta das habilidades que fazem parte dessa modalidade, para que o atleta possa participar com êxito de eventos desportivos competitivos. Seu espaço é o extra-escolar, preferencialmente Clubes e Instituições que visem ao rendimento e à competição.

2.1.4. Qual deve ser a função da Escola?

É função das Escolas socializar o conhecimento universalmente produzido, com todos os integrantes da sociedade, de acordo com as características, necessidades e expectativas da população escolar. Cabe-lhes também possibilitar a vivência de valores humanos que sejam relevantes para viver nesse grupo social (Normas, Regras e Regulamentos que fazem parte de sua organização social).

Por esse motivo, a Escola é uma instituição social cuja finalidade principal é a transmissão da memória cultural, ou seja, dos saberes produzidos historicamente pelo ser humano nas relações sociais e com a natureza.

Dadas as manifestações culturais que constituem uma Escola (tais como situação geográfica, clima, tipo de população que é atendida, grau de preparação profissional dos diferentes profissionais que trabalham nela, seja ela particular ou pública, de infra-estrutura, disponibilidade de espaços tanto para as aulas como para as atividades extraclasse, entre outras e apesar de toda essa heterogeneidade), a Escola deve oferecer um conteúdo e esse conteúdo deve ser todo o conhecimento universalmente produzido, ao qual o aluno tem direito.

Assim, podemos inferir que a função do professor de Educação Física que atua profissionalmente na Escola é oferecer a vivência e apropriação de todos e de cada um dos

componentes da Cultura Corporal, levando em consideração o nível de desenvolvimento dos alunos, num espaço humano de convivência, onde a vivência dos valores humanos seja o alvo principal de sua ação pedagógica.

Como indica Pinto (2001, p. 52), *a boa escola é aquela que se preocupa com a criança em todos seus aspectos, não perdendo a visão global do aluno, favorecendo seu desenvolvimento integral.*

2.2. A Preparação Profissional em Educação Física

2.2.1. Educação Física como disciplina

A preocupação com o desenvolvimento de um corpo de conhecimento da Educação Física se iniciou, fundamentalmente, com o trabalho de Henry (1964), no qual ele propôs que a Educação Física deveria passar a ser uma disciplina acadêmica, com um objeto de estudo próprio, para que assim produzisse seu próprio corpo de conhecimentos, deixando de ser apenas atividades.

Broekhoff (1982) considerava que os conhecimentos acadêmicos que fundamentam a nossa atuação profissional têm sido elaborados de forma segmentada, sendo muito difícil integrá-los para os aplicar em uma situação de ensino.

Para Henry (1964) uma disciplina acadêmica deve possuir um corpo de conhecimentos organizado dentro de uma área específica e com um objeto de estudo bem delimitado. Isto possibilitaria a criação de uma estrutura que permitiria orientações lógicas para a produção, organização e difusão dos conhecimentos da área.

Para o autor, a disciplina acadêmica da Educação Física não consistiria na simples aplicação de disciplinas de outras áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Fisiologia, Psicologia, entre outras, à aprendizagem e execução de atividades físicas. Pelo contrário, a Educação Física estaria constituída de certas porções dessas disciplinas, sendo que o foco da atenção estaria no estudo do ser humano, como indivíduo engajado em performances motoras requisitadas na vida diária e outras performances motoras que produzem valores estéticos, ou que servem como expressões da natureza física e competitiva de uma pessoa, aceitando desafios da capacidade de dominar o ambiente hostil,

e participar de atividades de tempo livre, que têm assumido uma importância cada vez maior na nossa cultura (PÉREZ GALLARDO, 1988).

Ao comparar a formação profissional oferecida nos dias de hoje com os pensamentos de Henry (1964) e de Broekhoff (1982), é possível distinguir dois tipos de formação profissional na área da Educação Física: um com uma formação de caráter profissionalizante, orientado diretamente à aplicação do conhecimento, e outro formado academicamente, com o objetivo de analisar, produzir e socializar o conhecimento da área.

Paulo Waichmann (1998), ao falar da preparação profissional numa especialidade muito próxima à da nossa área, a Recreação, faz a distinção entre o recreacionista e o recreólogo, onde o primeiro aplica o conhecimento e o segundo pesquisa o conhecimento nessa área.

A preparação profissional deve fornecer subsídios para que o futuro profissional tenha conhecimentos generalizáveis o suficiente para fundamentar sua atuação, bem como permitir a aquisição de princípios metodológicos flexíveis o suficiente para que o profissional possa usá-los como instrumento na adaptação de programas de ação, diante das diferentes demandas do ambiente real de trabalho.

Dentro da preparação profissional, a Educação Física tem tido como preocupação principal indagar como ela poderia contribuir com as pessoas. Nesse contexto, Tani (1996) afirmou que duas tendências podem ser identificadas: uma biológica, que considera a atividade física como fator de terapia e profilaxia, em que o objetivo é a melhoria da aptidão física, e outra, de origem pedagógica, que considera a Educação Física como um elemento importante para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

Essas tendências têm tido um grande impacto na preparação profissional, no sentido de que a sua principal preocupação está centrada em preparar profissionais com domínio dos procedimentos capazes de atender a essas demandas.

Para Morford (1972), os professores de Educação Física se caracterizam como executores com pouca ou nenhuma fundamentação teórica para o que executam, caracterizando-se como técnicos ou simples artesãos. Da mesma forma, Rarick (1967), afirma que os profissionais da Educação Física têm sido em grande parte executores e não pensadores. Fato que ainda hoje está presente no Brasil.

Lawson & Morford (1979), por sua vez, enfatizam que uma verdadeira profissão se caracteriza por um corpo teórico codificado de conhecimentos profissionais sobre o qual julgamentos práticos estão baseados. Dentro da área da Educação Física, esse corpo de conhecimentos, de que o profissional necessita, deveria estar intimamente relacionado com a questão do que é ensinar. Entretanto, o que deve ser ensinado e qual deve ser o conteúdo desses conhecimentos não estão claramente definidos.

Na verdade a Educação Física pouco fez no sentido de desenvolver um corpo de conhecimentos que pudesse fundamentar a atuação dos seus profissionais.

É inegável que o profissional terá maior segurança em seus procedimentos no momento em que princípios amplamente comprovados pela prática científica (fundamentados cientificamente), alicerces suas atuações. Entretanto, a definição desse corpo de conhecimentos, que realmente seja útil na atuação profissional, não tem sido simples, mesmo porque de nada adianta produzir conhecimentos que pouca ou nenhuma contribuição traz para o esclarecimento do objeto de estudo e da aplicação na Educação Física.

A possibilidade de generalização e operacionalização dos conhecimentos em princípios, bem como a flexibilidade para as adaptações, não estão na dependência somente de questões metodológicas. Essa possibilidade está na dependência de uma melhor definição do que se entende por Educação Física (Licenciatura em Educação Física). Evidentemente, não se trata de buscar uma resposta definitiva, sob pena de transformá-la em uma camisa de força. Na ciência, a produção, a organização e a integração de conhecimentos são muito dinâmicas. (Uma pena que isso não tenha acontecido em nossa área!). Portanto, trata-se, isso sim, de buscar subsídios na discussão “Educação Física: disciplina acadêmica ou profissão”, para uma melhor definição do campo de pesquisa e atuação que norteará a organização do processo de formação profissional.

2.2.2. Preparação Profissional: Novas demandas

Na mesma época em que houve uma enorme preocupação em se buscar uma identidade da Educação Física, ocorreu um fenômeno social no qual as atividades físicas ganharam um espaço enorme na sociedade.

Esse fenômeno está constituído pelo crescimento do esporte como um veículo de comunicação e marketing (econômico e/ou político), como também pelo reconhecimento do papel da atividade física na reabilitação ou no desenvolvimento global de uma pessoa, passando pelo culto do corpo, ora numa concepção bem material e estética, ora numa concepção bem existencial e espiritual, ocasionando uma diversidade de opções de trabalho para o profissional que lida com atividades motoras. Porém, curiosamente, houve uma perda de espaço na educação sistematizada.

Se por um lado, a diversidade é mais um reflexo da falta de identidade, que por isso sujeita a Educação Física a todo tipo de modismos, por outro lado, ela mostra um fato que atualmente é inegável, que se refere à importância e ao significado que o movimento, como um bem cultural, tem para o ser humano e às possibilidades que as atividades físicas oferecem como retorno social para os indivíduos.

É nesse segundo aspecto que reside o ponto fundamental para a preparação profissional. Ou seja, postos os modismos de lado, é essencial que haja uma diferenciação profissional coerente e consistente para atender à atuação profissional na Escola (Licenciado em Educação Física) e às novas demandas que surgem e surgirão do reconhecimento da importância da atividade motora para o ser humano.

A preparação profissional em Educação Física é feita, em sua grande maioria, através de cursos de Licenciatura, os que têm como objetivo a preparação profissional para atuar no segmento formal escolar de Ensino Fundamental e Médio. E mesmo esse objetivo não tem sido alcançado, pelo menos quando analisamos os currículos das Escolas de Educação Física, que evidenciam uma porcentagem mínima de disciplinas voltadas para a compreensão da criança e do jovem nos seus aspectos biológicos, psicológicos, motores, sociais e culturais. Para Mariz de Oliveira (1983a), a preparação profissional caracteriza-se essencialmente pela transmissão de procedimentos, o que tem contribuído para uma formação profissional superficial, com pouco compromisso com o processo educacional, constituindo-se mesmo na formação de pseudo-educadores.

Tem sido fácil constatar que os alunos que procuram a Licenciatura em Educação Física, por terem sido eles ou por ainda serem esportistas, ao se formarem, passam a utilizar os mesmos procedimentos metodológicos que foram aplicados quando eles eram esportistas, demonstrando que a passagem pela Universidade não teve nenhum impacto na

sua Formação Profissional, já que, quando atuam nas Escolas, o fazem desenvolvendo apenas as atividades esportivas que caracterizaram sua vida de atleta.

As próprias Escolas também têm um alto grau de responsabilidade, já que, quando vão a contratar um professor de Educação Física, esta contratação tem direta relação com a falta de técnicos de alguma modalidade desportiva específica, mostrando desta maneira a quase nula compreensão do que seja a Educação Física na Escola.

Perante essa indefinição do profissional que se deseja formar, Mariz de Oliveira (1983b) propôs uma diferenciação do profissional de Educação Física, criando a figura do Bacharel. O ponto essencial dessa proposta é a organização dos conhecimentos que vêm sendo produzidos na disciplina acadêmica da Educação Física.

Após mais de dez anos da implantação do Bacharelado diferenciado da Licenciatura, a realidade mostra que a grande maioria dos formandos faz um Bacharelado e complementam os estudos com a Licenciatura. Passando assim o Bacharelado a ser apenas uma especialização precoce da Licenciatura.

Ante as novas demandas da sociedade, se faz necessária a diversificação da Formação Profissional. Entretanto, essa diversificação não pode ser vista de forma simplista, como é possível constatar em alguns Cursos ou Faculdades de Educação Física, onde se adaptam algumas disciplinas do currículo de Formação Profissional às novas demandas do mercado, sem fazer um estudo aprofundado das características dessas demandas ou simplesmente, complementam essa formação com cursinhos de curta duração e de duvidosa qualidade.

2.2.3. Teoria versus Prática

Nas discussões entre a Educação Física como disciplina acadêmica ou como profissão (no sentido de profissionalizante), um dos pontos polêmicos refere-se à discussão do papel da teoria e da prática na Educação Física. Isso traz, evidentemente, consequências para a Preparação Profissional.

Na verdade, parte-se de uma premissa errônea, segundo a qual o trabalho prático não envolve raciocínio, ou que o raciocínio é governado pelas situações específicas que surgem na prática. Entretanto, é o raciocínio que se modifica em função do propósito de

quem está pensando. Assim, na atuação profissional, há várias operações nas quais o raciocínio está estruturado no planejamento de uma aula, como se mostra a seguir:

- O planejamento que envolve o estabelecimento coerente entre o que acontece e as explicações para os fenômenos visando a tomar uma decisão sobre a melhor forma de ação.
- A operacionalização da forma de ação em uma seqüência adequada à execução em si da ação programada.
- Os diferentes tipos de avaliação que dão condições para o profissional fazer sugestões de mudanças ou correções na ação programada em função dos objetivos estabelecidos, sendo que os ajustamentos podem ser imediatos, no curso da própria aula, ou posteriormente, quando sejam analisadas todas as variáveis que envolvem a ação (condições materiais, biológicas, motoras, psicológicas e sociais dos alunos), permitindo alterar o planejamento para criar situações mais adequadas à realidade dos alunos, da Escola e do meio social.

Dentro dessa concepção, a dicotomia teoria e prática não tem razão de ser. Na sua atuação, o professor observa, usa critérios abstratos para o julgamento do que ele observou, toma decisões sobre o que fazer, programa como atingir o que foi decidido, executa, observa novamente o que acontece, avalia e faz as modificações necessárias em tudo o que foi decidido. Por mais que um professor vá para aula sem planificar o que ele vai fazer, é inevitável que ele, antes, durante e depois da aula, esteja envolvido nessas operações, e se até aparentemente ele não estiver, com certeza, as dificuldades que encontrará terão como causa a ausência ou má qualidade de uma dessas operações.

Em geral, a Preparação Profissional em Educação Física está enfatizando a utilização de conhecimentos através da transmissão de procedimentos didático-pedagógicos pré-estabelecidos em forma de seqüências pedagógicas presas ao passado, rígidas e muitas vezes inadequadas. Em outras palavras, as famosas receitas ou fórmulas mágicas de ensino estão sendo transmitidas sem uma análise profunda e séria dos princípios ou conhecimentos em que se fundamentam e que dão condições para o profissional generalizar informações

específicas, conseguindo aplicá-las de forma flexível a diferentes condições situacionais que ele enfrenta.

Neste sentido, Pérez Gallardo (1993b) indica que um dos principais problemas que enfrentam os professores de Educação Física que atuam nas Escolas (considerando o nível Infantil - Fundamental e Médio) é o de como atender melhor a população escolar, dado que, nas instituições formadoras desses professores, os conhecimentos adquiridos não têm relação com a realidade escolar.

Esse problema acredita-se, se deriva do tipo de orientação dos conhecimentos acadêmicos que historicamente são utilizados nessas instituições formadoras, já que de 100% dos conhecimentos fornecidos na Preparação Profissional dos professores, entre 30 a 40 % correspondem a uma Orientação Acadêmica, e, dentro dessa orientação, 60 a 65% correspondem a conhecimentos de origem Biológica, 20 a 25 % correspondem a conhecimentos sobre o Comportamento Motor Humano e apenas 10 a 15% correspondem a conhecimentos de origem Sócio-cultural.

Entre quinze e 20 % da carga horária total correspondem a Orientações Didático – Pedagógicas e entre 60 e 70 % dessa carga horária total, correspondem a Orientações para Atividades.

Assim, fica difícil entender como uma Preparação Profissional que esteja orientada quase que em sua totalidade para Atividades possa ser considerada uma disciplina acadêmica; mais ainda, quando mais de 60 % da carga horária das Orientações Acadêmicas correspondem a um nível de entendimento do Movimento Humano numa perspectiva estritamente biológica.

2.2.4. O Currículo de Preparação Profissional.

Numa análise dos currículos de preparação profissional em Educação Física no Estado de São Paulo, Pérez Gallardo (1988) identificou três grandes orientações de suas disciplinas:

- **Orientação Acadêmica:** Disciplinas que têm como objetivo fornecer uma base teórica e filosófica que permita uma atuação profissional autônoma.

- **Orientação Didático–Pedagógica:** Disciplinas que têm como objetivo facilitar a construção e aplicação de metodologias adequadas a cada um dos campos de atuação profissional.
- **Orientação para atividades:** Disciplinas que oferecem os conhecimentos e vivências dos diferentes conteúdos da cultura corporal que se acredita serem parte da Educação Física.

Dentro das disciplinas de **Orientação Acadêmicas** podem ser identificados quatro Aspectos:

- 1) **Aspectos Biológicos:** O conjunto de suas disciplinas: Biologia, Anatomia, Fisiologia, entre outras, têm como objeto de estudo "A preparação Física" e se orientam pelo paradigma *Controle/Energia*. Aspectos sobre o Comportamento Motor Humano: O conjunto das suas disciplinas: Maturação, Crescimento, Desenvolvimento e Aprendizagem Motora, entre outras, têm como objeto de estudo "Os processos internos ou mentais na aprendizagem de habilidades motoras" e se orientam pelo paradigma *Controle/Informação*.
- 2) **Aspectos Sócio-culturais:** O conjunto das suas disciplinas: História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, entre outras, têm como objeto de estudo "As variáveis do meio físico e social que intervêm na apropriação dos conteúdos da cultura corporal" e se orientam pelo paradigma *Socialização/Sociabilização*.
- 3) **Aspectos Gerais da Formação Profissional:** O conjunto das suas disciplinas: Administração, Idiomas, Estatística, Computação, entre outras, têm como objeto de estudo "As análises de conhecimentos acadêmicos que podem contribuir com a Formação Profissional", e se orientam por um paradigma *Sistêmico*.

2.2.4.1. Orientação Acadêmica

2.2.4.1.1. Aspectos Biológicos

Seguindo a perspectiva descrita anteriormente, podemos dizer que a Formação Profissional tradicional da área da Educação Física está baseada historicamente nas Ciências Biológicas, que direciona a Atuação Profissional para aspectos de higiene, saúde e melhoria da aptidão física do jovem brasileiro, focalizando o aumento da capacidade de produção e de defesa da pátria, por meio da prática gímico/esportiva tanto de massa como competitiva (CASTELLANI FILHO, 1988).

Os conhecimentos da área das Ciências Biológicas (Biologia, Anatomia, Fisiologia, etc.) que se caracterizam pelo estudo das funções orgânicas na execução de tarefas motoras, centram sua atenção no desenvolvimento das capacidades motoras solicitadas na execução de um ato motor, com o objetivo de minimizar o gasto energético numa situação específica de demanda (Controle/Energia), tendo como alvo da sua atuação o jovem adulto, saudável obediente e produtivo, clássico da visão médico-higienista de inícios do século passado.

O enfoque desses conhecimentos está orientado para a compreensão de como se produz a energia necessária para a execução de tarefas motoras, isto é, aos processos internos que acontecem no interior das células, especificamente nas Mitocôndrias e de como criar estímulos para provocar a adaptação fisiológica necessária para a execução das tarefas motoras.

Nessa perspectiva, a visão integral do homem não existe, dado que o interesse é justamente fazer desse homem um ser capaz de produzir, sem que ele se canse, transformando-o num ser forte, resistente à dor e à fadiga muscular e de preferência, obediente para que não faça reivindicações. Dito de outra forma o homem é visto como um objeto ou uma máquina. A máquina humana da ciência positivista.

Apesar desse objetivo estar largamente superado no nível acadêmico, nas escolas ainda se desenvolvem atividades inerentes a esse paradigma, situação constatada por muitos pesquisadores (FARIA, 1985; MEDINA, 1983; MOREIRA, 1988; PÉREZ GALLARDO, 1988, 1993; MARIZ DE OLIVEIRA, 1988; QUINAN, 1982, entre outros), em que o professor reproduz essa prática já ultrapassada, sem refletir, aplicando-a inclusive nas séries escolares iniciais.

Mais ainda: ao se constatar a visão do ser humano que esta orientação procura, “o jovem produtivo”, esse enfoque se torna incompatível com a atuação profissional do professor de Educação Física nas instituições Pré-escolares, dado que as crianças que as freqüentam não podem ser trabalhadas em seu aspecto de rendimento biológico, como é de praxe com os jovens.

2.2.4.1.2. Aspectos do Comportamento Motor Humano

A influência dos conhecimentos sobre o Comportamento Motor Humano, no início da década de oitenta, direciona a Formação Profissional para uma melhor compreensão do desenvolvimento da criança, especialmente para o processo de aquisição de habilidades motoras.

Os conhecimentos sobre o Comportamento Motor Humano (Crescimento, Desenvolvimento, Aprendizagem Motora, Biomecânica, entre outros) que se caracterizam pelo estudo das ações humanas, enfatizam o processo de aquisição de habilidades motoras, centrando sua atenção no controle das informações necessárias ao ato motor (Controle/Informação).

Embora seja certo que isso provocou uma mudança de enfoque, do conhecimento Biológico para o Comportamento Motor Humano, onde a preocupação deveria ser com os processos e mudanças no desenvolvimento integral da criança, a pobreza acadêmica de nossos profissionais privilegiou apenas o desenvolvimento motor e as mudanças internas que ocorrem no Sistema Nervoso Central, quando se aprende um movimento, especificamente os esportivos.

Bracht (1987) indicou que esta orientação teve como resultado a especialização precoce das crianças e a marginalização das crianças sem aptidão e/ou deficientes, as que não podem participar das atividades esportivas, onde o lema é “competir”, e o ganhar é o fim último do processo, não importando a forma como se ganha, dado que no esporte se produz o mesmo fenômeno que acontece no mundo das transações comerciais, onde o importante é ganhar, não importando a forma de como se ganha.

Mais grave ainda foi a introdução dessa visão nas instituições que atendem crianças portadoras de necessidades especiais, criando competições entre as mesmas e acentuando

essas diferenças. Assim sendo, as possibilidades de trabalhar com estímulos adequados ao nível de desenvolvimento (necessidades, características e expectativas) das crianças se viram frustradas (PÉREZ GALLARDO, 1993).

Nessa tendência, acima descrita, pode-se observar que a visão de criança ou de aluno que elas refletem é a de um aluno "objetivado" (SOUZA, 1997), que precisa ser moldado, isto é, atuar de acordo com os modelos que lhe são impostos. Conduzido, isto é, as metas lhe são impostas e os resultados de suas ações definidos de antemão, segundo suas potencialidades e ensinado que na vida real existem diferenças entre as pessoas, onde se tem que aprender a ganhar (não importando a que custo) e a aceitar a derrota (porque os outros são melhores).

2.2.4.1.3. Aspectos Sócios – culturais

A influência dos conhecimentos Sócio-Culturais, no início da década de noventa, trouxe novas perspectivas para o estudo da criança e abriu outras possibilidades de atuação para o professor de Educação Física, especialmente na área da Recreação e Lazer. Marcellino (1990) destaca a função social da Educação Física como agente de transformação, não somente do físico, mas também de transformação e superação da realidade histórico-social do homem (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Com isso, o homem passa a ser o centro da atenção da Atuação Profissional, e não o conteúdo, como nas visões anteriores. O conteúdo passa a ser a Cultura Corporal que é utilizada pelo homem no seu contexto social, como uma manifestação motora carregada de significado, da qual a criança deve apropriar-se.

Os conhecimentos da área Sócio-cultural (Sociologia, Filosofia, Antropologia, Psicologia Evolutiva, História, entre outras) apontam para a necessidade de facilitar aos educandos a apropriação dos elementos da Cultura Corporal que fazem parte de cada grupo social. Baseando-se no pressuposto de que a cultura acontece de forma espiralada, sendo necessário levar em consideração que a criança aprende primeiro e de forma natural a cultura local e/ou familiar, poderemos posteriormente facilitar a apropriação da cultura motora regional, nacional e finalmente internacional, centrando a atenção nos processos de organização social (normas, regras e regulamentos implícitos e/ou explícitos) que estão por

detrás de cada uma das organizações sociais e que podem ser observadas nas manifestações da Cultura Corporal.

Para Bracht (1992), o movimento realizado por uma criança apresenta repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento. Pelo movimento, uma criança se apresenta situada num determinado contexto histórico-social, e este movimento é realizado em função de um determinado objetivo. Sergio (1991) considera impensável a motricidade humana afastada a sua intencionalidade e sua intersubjetividade. Nesse sentido, a motricidade humana se constitui na forma concreta do ser humano se manifestar, apresentando-se como sujeito, de relacionar-se com o mundo, de interferir na sua construção, bem como, de ser agente de transformação do mundo.

De acordo com o exposto, dentro dos Aspectos Sócio-culturais, o desenvolvimento das Habilidades motoras passa a ser entendido como o processo educacional que permite a apropriação dos conteúdos que fazem parte da Cultura Corporal dos alunos, de maneira que eles tenham a possibilidade de vivenciar e analisar o que há por trás de cada conteúdo, isto é, o processo histórico da ginástica, da dança, dos esportes e dos jogos que lhes propicia os conhecimentos relativos aos aspectos motores e a aplicação desses conhecimentos no cotidiano, visando à otimização motora e à integração social.

Porém, o que fica claro é que na atualidade são poucas as instituições que preparam o professor de Educação Física para atuar com pessoas de diferentes faixas etárias, dado que a visão de aluno que as instituições possuem é a do jovem adulto produtivo.

2.2.4.2. Orientação Didático–Pedagógica

Nesta orientação se encontram as disciplinas que têm como objetivo facilitar a construção e aplicação de metodologias adequadas a cada um dos campos de Atuação Profissional, tais como: Didática, Metodologia e Prática de Ensino ou Estágio de Ensino Supervisionado.

É na utilização de metodologias que o professor se mostra como ele realmente é, já que na aplicação das metodologias podem ser observados a filosofia de orientação profissional e o grau de domínio dos conhecimentos da sua área de Atuação Profissional.

O domínio conceitual do conhecimento deve permitir ao professor poder responder às questões do processo educativo do: Por quê? Para quê? Como? Para quem? E Por quem?

Na perspectiva que estamos apresentando, acreditamos que as respostas para cada uma delas deve ser:

Por quê?

Para satisfazer os objetivos da Educação sistematizada.

Sistematização de um saber universal que se acredita seja patrimônio da humanidade.

Para quê?

Para socializar ao homem, para que ele se torne um ser integrado em sua sociedade, onde seja capaz de perceber os valores de convívio social de seu grupo, e de seu país, identificando se estes valores são intrínsecos ou extrínsecos ao grupo.

Como?

Através da sistematização deste saber universal, com graus crescentes de complexidade e de acordo com as características dos alunos.

Para quem?

Como este conhecimento socializado nas instituições de ensino é adequada às características, necessidades e expectativas dos alunos, à maneira de promover a igualdade de oportunidades.

Por quem?

Qual é a formação profissional necessária para responder a contento às perguntas anteriormente formuladas? Sem lugar a dúvida tem que ser um profissional com uma formação acadêmica sólida, onde princípios filosóficos e de atuação profissional se fundamentem.

Esta matriz teórica, inferida a partir das leituras dos livros "Formación Humana y Capacitación", do livro "El sentido de lo Humano" e do livro "Amor y Juego: fundamentos olvidados de lo humano" permitiram a seguinte compreensão dos fundamentos da Educação, que em seguida apresento:

2.2.5. Formação Humana e Capacitação

O que se entende por Educar?

O Educar está intimamente ligado ao aprender e o aprender está associado a valores outorgados pelo grupo social ao objeto da aprendizagem, portanto, a aprendizagem e o ensinar são fenômenos sociais. Maturana e Varela (1994) caracterizam essa conotação na página x do seu livro "El árbol del conocimiento".

O que se entende por Educação?

Em sua forma mais simples, podemos definir a Educação como a forma ou procedimento de ensinar, tendo como sinônimos: guiar, conduzir, levar, formar. É considerada também como o desenvolvimento de capacidades, atitudes e/ou formas de conduta e aquisição de conhecimentos como resultado do treino e/ou ensino, sendo que seus conteúdos e procedimentos se agrupam numa Ciência chamada de Pedagogia.

O que se ensina?

De acordo com a definição citada, temos duas coisas que devem ser ensinadas: as normas, regras e regulamentos que servem de base para a organização de um grupo social (**Formação Humana**), e os conhecimentos que se acredita úteis para viver dentro dessa organização social (**Capacitação**).

Assim, dentro da Formação Humana devem ser vivenciadas nas aulas as seguintes categorias comportamentais: Responsabilidade, Cooperação, Auto-respeito, Respeito pelos outros, Honradez, Solidariedade, Organização, Espírito crítico, Criatividade, Individualidade, Identidade, Confiança em si mesmo, Sensibilidade, Tolerância, entre outros comportamentos de interação desejáveis na vida dentro de um grupo social.

Dentro dos elementos de Capacitação, é função do pedagogo: Desenvolver as capacidades biológicas; Desenvolver as habilidades específicas do ser humano, Facilitar a apropriação de todas as manifestações da Cultura Corporal que sejam relevantes para a convivência no seu meio físico e social, Desenvolver a Cultura Corporal (jogos, brincadeiras, danças populares e folclóricas) do seu meio local, regional, nacional e internacional, Desenvolver atividades ginásticas, esportes, aspectos das artes cênicas, das artes plásticas, das artes musicais, etc., que tenham relação com o movimento humano.

As funções do Professor quanto à Formação Humana

- Preparar as pessoas para o presente, para o agora, já que o futuro é uma incógnita, pensando que elas são as que viverão no futuro.
- Preparar as pessoas para que elas façam seu próprio futuro.
- Fazer vivenciar agora a responsabilidade, a cooperação, a honradez, etc., para que assim elas construam seu próprio futuro com autonomia, responsáveis do seu viver e pelo que elas farão, conscientes do seu ser social.
- Fazer com que as pessoas entendam que o mundo em que vivemos é feito pelos próprios seres humanos no seu viver, capazes de aprender qualquer coisa, já que sua identidade não está no fazer, mas em sua forma de ser.
- Formar a pessoa para o presente, para qualquer presente, formar seres em quem qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar.
- Formar seres capazes de pensar em tudo e fazer o necessário para procurar soluções, como um ato responsável da sua consciência social.

Em síntese

A **Formação Humana** tem relação com o desenvolvimento da pessoa como cidadão, capaz de ser co-criador, junto com os outros, de um espaço humano de convivência social desejável.

Em decorrência disso, a **Formação Humana**, como tarefa educacional, consiste em criar condições que o orientem e o apoiem no seu desenvolvimento, como ser capaz de viver o auto-respeito e o respeito pelos outros.

As funções do Professor quanto à Capacitação

- Conhecer em profundidade o desenvolvimento do ser humano, para assim poder escolher as atividades que são adequadas e próprias de cada período de desenvolvimento.
- Conhecer as atividades que são relevantes para cada região ou localidade à qual a pessoa pertence.
- Saber criar um meio ambiente de confiança, pleno de estímulos diversificados e adequados às características, necessidades e interesses das pessoas.
- Respeitar a individualidade de cada pessoa, sua cultura de origem, seus valores e expectativas, e a partir delas desenvolver o processo educativo.
- Nunca criticar o ser da pessoa, já que ela é o resultado da ação de seu meio físico e social; criticando-a em seu ser, você critica a família e a sociedade à qual a pessoa pertence.
- Fazer correções a seu fazer, já que ela está num processo permanente de estruturação do seu ser, fazendo bem terá mais possibilidades de comunicar-se com as outras pessoas, melhorando desta forma o seu ser.
- Criar espaços de ação onde a pessoa exercite as habilidades que deseja desenvolver, facilitando a ampliação de suas capacidades de fazer, com reflexão nesse fazer, como parte da experiência que se vive e se deseja viver.

Em síntese

A **Capacitação** tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que ela queira vivenciar.

Em decorrência disso, a **Capacitação**, como tarefa educacional, consiste na criação de espaços de ações onde se exercitem as habilidades que se deseja desenvolver, criando a ampliação das capacidades de fazer com reflexão sobre esse fazer como parte da experiência que se vive e se deseja viver.

Principais Atitudes e Procedimentos

No aspecto de **Formação Humana**, a principal atitude do professor para com a pessoa deve ser a de ensinar a vivenciar os valores humanos, criando atividades em que ela tenha a oportunidade de vivenciar a cooperação, responsabilidade, amizade, etc. O professor deve ter presente que os valores humanos não são para ser exercidos no futuro ou na vida adulta, mas no agora. O procedimento deveria ser a prática de atividades com regras criadas pelas pessoas junto com o professor, discutindo com elas quando uma regra não é útil, para assim poder modificá-la.

Os procedimentos que o professor adota devem conduzir à vivência dos valores mais caros para o ser humano (**Formação Humana**), tais como: a criatividade, a curiosidade, o respeito às normas e leis do grupo e da sociedade como um todo, a crítica e a busca de soluções aos problemas que se criticam, colocar-se ao serviço dos outros e não que os outros estejam ao seu serviço. Isso o professor pode conseguir por meio das atividades oferecidas nas instituições escolares e comunitárias, onde as próprias pessoas possam construir suas normas e regras de comportamento com o incentivo e auxílio do professor, que deve contribuir problematizando e apresentando chances para que as pessoas possam perceber os limites das ações que desenvolvem.

O professor deve saber que está preparando pessoas para o agora, já que o futuro é uma incógnita, e não temos o direito de oferecer como futuro a nossa visão de presente. Saber que os valores humanos devem ser vivenciados agora, já que não queremos que elas sejam responsáveis, independentes e cooperativas no futuro, elas devem aprender a ser responsáveis na vivência de seu agora, ser responsáveis e cooperativas no fazer e no ser de seu dia-a-dia. Pensar que muitas das pessoas não terão possibilidades de continuar seus estudos e que os valores vivenciados nas instituições escolares as acompanharão pelo resto de suas vidas. Fazer deste momento uma oportunidade rica em contribuições no aspecto da formação humana geral.

Por outro lado, as atividades esportivo-recreativas são o principal conteúdo utilizado para a educação das pessoas nas instituições escolares e comunitárias por acreditar-se que por meio delas a pessoa aprende a socializar-se.

2.2.6. Sobre o perfil profissional do professor:

Conhecimentos:

- Deve possuir uma ampla cultura que lhe permita uma grande flexibilidade.

Habilidades:

- Deve conhecer os procedimentos didático-pedagógicos ou técnicas para desenvolver adequadamente as Capacidades e Habilidades do ser humano em qualquer nível de desenvolvimento.

Atitudes:

- Deve ser um mediador ou facilitador para que as pessoas se apropriem da Cultura Corporal.
- Deve enfatizar a Formação Humana, tendo como ferramenta os conteúdos da Cultura Corporal.

Assim, através desses pressupostos teóricos, podemos inferir que as Orientações Didático–Pedagógicas que se acredita úteis na atuação profissional no âmbito escolar do Licenciado em Educação Física devem ser:

- Trabalhar respeitando o nível de desenvolvimento dos alunos.
- Trabalhar os conteúdos da Cultura Corporal de maneira diversificada, para permitir uma sólida base de experiências, sob as quais outros conhecimentos se sustentem.
- Fazer com que as atividades utilizadas sempre sejam permeadas pelo prazer, através da ludicidade.
- Procurar o aumento gradual da complexidade da interação social na execução das diferentes tarefas motoras.
- Utilizar as atividades da Cultura Corporal que fazem parte do cotidiano das pessoas e da sua cultura, de preferência as que fazem parte da cultura local, regional e nacional, em seguida à Cultura Corporal internacional, iniciando pela cultura Latino americana.

Na pesquisa realizada por Paoliello e Pérez Gallardo (1997), onde definem o processo de construção de orientação e o tipo de conteúdos que devem ser tratados no

âmbito escolar, levantaram-se as seguintes características das atividades da Cultura Corporal:

Características que devem ter as Atividades da Cultura Corporal para a Formação Humana e a Capacitação

Sobre o usuário:

- Que não o marginalize por causa da sua capacidade de desempenho, da sua competência, idade, sexo e nível social.
- Que sejam adequadas ao nível do desenvolvimento (biológico, do comportamento motor e cultural).
- Que sejam parte das experiências individuais e do grupo.

Assim os seus objetivos se centralizam:

- a. No ótimo de cada indivíduo;
- b. Na aprendizagem e na interação, e não na competição;
- c. No indivíduo;
- d. No desenvolvimento do potencial dos participantes, tendo como referência fundamental as limitações dos mesmos;
- e. Na periodicidade e intensidade, o que é diferente do treino (que visa à obtenção da condição física), já que é apenas uma prática (vivência de diferentes conteúdos da Cultura Corporal);
- f. Na vivência e apropriação dos diferentes elementos da Cultura Corporal;
- g. No processo de vivência dos valores humanos de convívio social e não no resultado ou produto.
- h. Em mostrar às comunidades o resultado de um esforço grupal e a satisfação de um trabalho organizado coletivamente.

Sobre os conteúdos:

Todos os da Cultura Corporal da Educação Física:

- Que sejam integrados, o que não significa a perda de sua especificidade;

- Que enfatizem as experiências do grupo;
- Que promovam a possibilidade de mostrar o produto dos esforços do grupo.

2.3. Orientação para atividades

Seguindo os pressupostos adotados, passamos agora a identificar quais são os conteúdos da área da Educação Física, partindo da premissa de que estes conteúdos devem permitir que os alunos tenham experiências práticas que lhes permitam participar com êxito nas atividades cotidianas, para que assim possam contribuir melhor com seu grupo social.

2.3.1. A Cultura Corporal

No livro "Metodologia do Ensino de Educação Física" (COLETIVO DE AUTORES, 1992), indica-se que os conteúdos da área não são somente os esportivos, já que deveriam fazer parte destes conhecimentos outras atividades da Cultura Corporal, tais como: Jogos, Capoeira, Ginástica e Dança. Porém os autores foram muito ambíguos em delimitá-los.

Os autores se situaram na perspectiva Sócio-cultural da Educação Física para oferecer esses conteúdos, porém se basearam no que é feito atualmente na área, não levando em conta que, num enfoque Sócio-cultural, os processos da evolução da história (a gêneses) são fundamentais para uma compreensão dos fenômenos culturais.

O enfoque Sócio-cultural teve um impacto muito forte na área, já que permitiu chegar a um entendimento que o que se faz por Educação Física no âmbito escolar atualmente está redondamente equivocado e que mudar não só é necessário, mas sim imprescindível.

O entendimento do que seja um enfoque Sócio-cultural foi expresso no livro "Educação Física: contribuições à formação profissional" (1997).

Dentro da abordagem sócio-cultural da Educação Física, os estudos apontam para a preocupação com o processo e a forma de produção cultural nas diferentes regiões e culturas, a saber: processo de organização social (criação de leis, regras, normas de

convívio social), forma de exploração dos recursos alimentares (agricultura, pecuária, pesca, etc.), das manifestações religiosas (crenças, credos e mitologias expressadas nos ritos e manifestações mágico-religiosas), da forma de expressar estas manifestações (danças, cantos, jogos e brincadeiras, etc.). Enfatizando-se os aspectos que tenham relação com a cultura corporal e/ou motora, e com os componentes lúdicos historicamente situados.

Assim podemos observar que a abordagem sócio-cultural da Educação Física aponta para a necessidade de facilitar a apropriação dos elementos da cultura motora que fazem parte de cada grupo social, de todos os integrantes de uma sociedade. Com base no pressuposto de que a cultura acontece de forma espiralada, em que se faz necessário que a criança aprenda primeiro a cultura local e/ou familiar, para posteriormente facilitar a apropriação da cultura motora regional, nacional e finalmente a internacional. (PÉREZ GALLARDO e COLABORADORES, 1997, p. 22).

Essas análises partiram do pressuposto de que se somos nós os que formamos os Licenciados, e que dentro das Licenciaturas se encontra a área da Educação Física, a ela caberia a responsabilidade de socializar todos os conhecimentos universalmente produzidos pela Cultura Corporal, tais como Jogos, Brincadeiras, Esportes, Danças, Lutas, Elementos das Artes Cênicas, Elementos das Artes Musicais, Elementos das Artes Plásticas e de todo o conhecimento produzido na área, denominado Ginástica.

Como esses conteúdos são manifestações culturais, não podemos fazer julgamentos de valor, salvo os que afetem os valores universais do convívio social. Apesar de que essas delimitações esclareçam melhor a forma de escolher os conteúdos, surge o dilema da profundidade em que devem ser oferecidos nas escolas e da competência para ministrá-los, dado que, nesta orientação, fica clara a necessidade de se formar um professor generalista e que se utilizem procedimentos didático – metodológicos com os alunos, onde as suas próprias experiências sirvam de modelo para as demonstrações, retirando o papel de modelos dos professores.

Ao professor caberia a responsabilidade de criar um meio ambiente adequado para que ocorra aqui a apropriação das formas básicas de execução das habilidades da Cultura Corporal, como também de um ambiente livre de constrangimentos, onde a vivência de

valores humanos e convívio social seja o verdadeiro alvo de ensino. Contribui para esta orientação o fato de que as aulas de Educação Física na Escola estão reduzidas a um encontro de duas horas ou no máximo dois encontros, com uma e duas horas respectivamente.

Dada a grande quantidade de conteúdos possíveis de ser utilizados e o pouco espaço para ministrá-los, as aulas se caracterizariam apenas como uma vivência, isto é, a apresentação de um conteúdo dos quais já exista um conhecimento prévio (dado que ele é uma manifestação cultural e, portanto já conhecido, seja pela própria experiência dos alunos ou dos envolvidos no processo educativo). Não seriam conhecimentos “novos”, já que tudo o que fazemos na área é conhecido, pelo menos como referência visual – (visto na TV).

Um outro problema detectado no âmbito escolar foi a existência de conteúdos que são compartilhados com professores de outras áreas, que reivindicam alguns desses conteúdos que nós acreditamos sejam da nossa área, como no caso a Dança e o Teatro. Essa dicotomia foi amplamente discutida e seus resultados apresentados no VIII Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa – Lisboa, Portugal, 2000, onde Pérez Gallardo apresentou os limites e a abrangência da aplicação dos conteúdos da Cultura Corporal pelo professor de Educação Física, para não correr o risco de ser acusado de invadir outras áreas ou de não saber qual é a extensão de nossa área no âmbito escolar e comunitário.

Na atualidade, temos nos defrontado com um problema, que é a compreensão por parte dos alunos sobre o planejamento, isto é, como distribuir os diferentes conteúdos da área em cada uma das séries da Educação Básica.

E esse problema decorra da maneira estruturada que lhes foi embutido o conhecimento durante seu período escolar e também no Ensino Superior, onde todos os conhecimentos são oferecidos como compartimentos estanques, sem relação uns com os outros, ficando impossibilitada a sua integração. Os nossos alunos universitários não sabem relacionar o conhecimento com as experiências vividas.

Como é um problema amplamente difundido, nos deteremos para analisar os diferentes conteúdos que acreditamos devam ser da área, e oferecer pistas para que cada

professor possa fazer o planejamento escolar de acordo com as características das escolas e dos alunos que as freqüentam.

2.4. Por que planejar

Um dos tantos problemas detectados no âmbito escolar é a falta de planejamento das manifestações culturais e conteúdos a serem oferecidos durante o período de aulas. É muito comum que os conteúdos nesse planejamento sejam distribuídos segundo as modalidades esportivas e/ou a especialidade do professor em cada uma dessas modalidades.

Como destacamos, os conteúdos da Cultura Corporal são muitos e muito diversificados, tornando-se necessário escolher dentre esses conteúdos os mais adequados. Porém, que significa ‘mais adequados’?

Para responder a esse questionamento se faz necessário partir de alguns pressupostos já analisados:

- A cultura é um patrimônio da humanidade e como tal todos os homens têm direito a esse patrimônio.
- Os conteúdos da Cultura Corporal são os conteúdos da Educação Física Escolar.
- Os alunos devem ter acesso a todos esses conteúdos, sem privilegiar nenhum deles.
- Existem conteúdos específicos para cada faixa etária. Em todas as culturas há atividades específicas para bebês, crianças, adolescentes, adultos e anciãos.
- Os conteúdos da Cultura Corporal podem ser flexibilizados de maneira tal, que em cada uma das faixas etárias possam ser vivenciadas essas formas culturais. Assim em cada série é possível vivenciar os diferentes conteúdos da Cultura Corporal, porém adequando-os às características, necessidades e expectativas dos alunos.

A forma de utilizar nossos conhecimentos e adequá-los às características, necessidades e expectativas dos alunos é utilizar as variações que podem ser feitas nos mesmos, para atingir o pleno desenvolvimento dos alunos de cada faixa etária.

Pelo anteriormente descrito, podemos inferir que a função da Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental é de extrema importância para a formação dos alunos, necessitando, por isso, de um planejamento adequado, que nem sempre acontece.

Pérez Gallardo e colaboradores (2003) apresentam um planejamento de Educação Física para o Ensino Fundamental, que leva em conta as considerações apresentadas. Apesar da relevância do tema, no entanto, não o abordaremos na presente Tese, uma vez que esta é voltada especificamente para o Ensino Médio, que será discutido no próximo capítulo.

Capítulo III: A Educação Física no Ensino Médio

3.1. O aluno de Ensino Médio

O Ensino Médio, sempre teve problemas em seu desenvolvimento no que diz respeito ao ensino público. O governo nunca deu o devido valor a esse nível de ensino, provocando, assim, uma escassez de vagas para os jovens, principalmente de baixo poder aquisitivo que pretendem continuar seus estudos. Isso ocasionou o crescimento do Ensino Médio dentro das Instituições educacionais particulares, ou seja, voltado, principalmente, para escolares economicamente favorecidas.

Mafra e Cavalcanti (1992), em estudo feito sobre o Ensino Médio, em nove estados brasileiros, indicaram que “para as camadas populares, permanece uma instância educacional ainda inacessível à maioria”. Não somente pela escassez de vagas na rede pública, mas também porque muitos jovens desde cedo já iniciam sua vida de trabalhador, para ajudar na renda familiar. Com esse quadro, os períodos noturnos do Ensino Médio, tanto particular quanto público, se torna a melhor opção, lembrando que nesse turno as aulas de Educação Física são facultativas, e a grande maioria opta por não tê-las.

Oliveira (1998) constatou em seus estudos que o interesse pelas atividades físicas, na escola de Ensino Médio noturna, vai decrescendo à medida que a criança se torna adolescente, principalmente porque as atividades propostas, pouco se relacionam com os interesses e necessidades dos participantes, assim, como tem pouca aplicação fora da escola.

Outro aspecto a ser considerado é a idade dos alunos que compõem esse nível de ensino. Teoricamente esses alunos devem completar seus estudos entre 17 e 18 anos, o que não ocorre, principalmente, na rede pública. Nesse sentido Mafra e Cavalcanti (1992) indicam que, apesar das dificuldades que se impõem a grande parte da população, esperava-se encontrar no Ensino Médio, alunos com uma faixa etária superior a essa média; no entanto, a maioria de estudantes se encontrava na faixa etária prevista oficialmente para sua conclusão no ensino diurno, inferindo que esses alunos são de origem socioeconômica mais elevada e, portanto, com uma trajetória escolar mais regular.

Com isso, podemos observar que é uma minoria da população que consegue alcançar o término da Educação Básica na faixa etária de 17 a 18 anos de idade em nosso país.

Quanto à constituição das classes no quesito gênero, atualmente o número de meninas ultrapassa o de meninos, o que não acontecia antigamente; as meninas não chegavam em número significativo ao final do segundo grau e os meninos abandonavam a escola pelo trabalho.

3.2 O Sentido da Educação Física em Alunos do Ensino Médio

Em estudos realizados por Barbosa (2001), Carvalho (1991), Jones (1991), Rangel Betti (1998), constatou-se que os escolares não sabem o real significado do termo Educação Física e quais são seus objetivos. Para muitos, Educação Física nada mais é do que jogar, praticar esportes e ginástica.

Alunos de Ensino Médio, quando perguntados sobre a visão e/ou compreensão que eles possuem da/a Educação Física seus discursos foram: “(...) eu acho que a Educação Física é uma distração, né? E serve para manter o corpo em forma...” e “(...) eu acho que Educação Física, eu considerava pra mim um lazer, uma hora pra relaxar” (JONES,1991,p.69)

Esse discurso mostra que para esses alunos a Educação Física é vista como uma “válvula de escape” do cotidiano, ou seja, “o adolescente encontra, na Educação Física, a possibilidade de movimentar-se, podada pela complexidade das outras disciplinas escolares que não utilizam o movimento”.

O significado atribuído à Educação Física deveria ser veiculado pela própria escola, seja ela de Ensino Fundamental ou Médio. Com esse entendimento, urge nos libertarmos das “amarras ideológicas” que permeiam o significado dessa disciplina e nos fazem acreditar que ela tem como meta principal trabalhar apenas o movimento corporal, sem maiores compromissos, situação que, já vimos, representa um esforço inútil (do ponto de vista da classe trabalhadora) na estrutura escolar atual. Vemos como solução mais acertada, ao invés de ficarmos conjecturando possíveis objetivos específicos para a Educação Física Escolar, identificá-la com o objetivo geral de uma educação revolucionária: “reeducação dos

homens pela transformação da sua mentalidade, da sua atitude para com o trabalho, a sociedade e a família (CARVALHO, 1991)".

E como faríamos isto? Ensinando os alunos a jogarem voleibol com regras prontas e acabadas, estabelecidas pela CBV? Mandando-os fazer "abdominais supra ou infra-umbilicais?" Colocando-os para correr sob o sol de meio-dia? Ou ministrando aulas baseadas somente na exposição oral dos conteúdos teóricos da Educação Física?

Para exemplificar, convidamos todos a relembrar uma situação pela qual certamente, muito de nós passamos. Durante os quatro anos finais do Ensino Fundamental e as três séries do Ensino Médio, o aluno tem aulas de Educação Física; e ao final desses sete anos, tem a triste constatação de que não aprendeu conteúdo algum sobre essa disciplina. O aluno não tem a mínima noção em montar um plano de condicionamento físico, por mais elementar que seja, não tem noção do seu corpo e suas possibilidades, não tem noção de suas necessidades orgânicas básicas. Conclusão: durante esses vários anos desenvolvendo atividade física direcionada, o aluno não consegue ter um mínimo de autonomia no que diz respeito ao seu corpo.

Quando os alunos são indagados sobre a importância da Educação Física, em sua grande maioria a resposta é positiva, porém, para os que não praticam esportes, sugerem que essas aulas poderiam ser melhores. Como nessa faixa etária o principal conteúdo passado é o esporte, vemos que "para alguns jovens o interesse pela atividade física na escola é decrescente".

Outro ponto a ser considerado é colocarmos em questão o que os alunos imaginam da Educação Física e o que almejam. Muitos desses alunos não conseguem responder a esse aspecto por não estarem acostumados a ser questionados nesse âmbito (JONES, 1991). Muitos alunos pensam a Educação Física como uma aula que deve proporcionar prazer, não contendo "atividades puxadas"; outros defendem a introdução de teoria nas aulas, explicação de regras, objetivos e metodologia.

"(...) eu gostaria que fosse mais direcionada com o meu curso, entendeu? Que tivesse metodologia, entendeu? E uma parte de objetivo das coisas, entendeu? Então eu acho que a Educação Física tem que ser feita dessa forma mesmo, você falar o objetivo para resgatar justamente isso, que as pessoas não sabem porque fazem e acham que é uma brincadeira".(JONES, 1991,p 76).

Mesmo tendo formas diferenciadas para responder à questão aqui abordada, os alunos desejam de uma certa forma um mesmo ideal para as aulas de Educação Física.

Vânia B. Jones justifica:

“A coletividade, portanto, produz seus imaginários sociais a partir de seus valores, preconceitos, ideologias, crenças apontando a sua identidade e suas aspirações, interferindo dessa forma na constituição das representações da Educação Física”.(JONES, 1991, p 79)

A definição de Educação Física para cada educando é diferente, porque está relacionada com as vivências, experiências e cultura de cada indivíduo. Entretanto, para a grande maioria a Educação Física é uma disciplina, que, se for bem trabalhada, é fascinante para o adolescente.

“Ou seja, o corpo do jovem encontra-se ainda livre dos condicionamentos político, morais, psicológicos ou sociológicos que lhes serão impostos futuramente pelos adultos. Seu corpo tornou-se uma unidade privilegiada de expressão e comunicação, capaz de libertá-lo das tensões externas e até mesmo fisiológicas. No jogo ele é livre, esquece-se do mundo e entra em um estado de ‘esquecimento temporário’ do mundo exterior”.(RANGEL BETTI, 1998, p 54).

3.3 Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio na Educação Física (PCNEM-EF)

Não é objetivo deste capítulo fazer uma análise crítica sobre o conteúdo dos PCNEM, dentro da área de Educação Física. Outros estudos já foram realizados nesse aspecto, apontando vários problemas na formulação do documento, sendo um deles o embasamento teórico, no qual são utilizadas as diferentes teorias existentes dentro da área, causando com isso, contradições conforme o documento foi redigido. Entretanto, o objetivo desse capítulo é dar ao leitor uma noção da proposta da Educação Física no Ensino Médio feita pelo MEC. Cabe ao leitor fazer sua análise pessoal.

Os PCNs são um documento elaborado em 1998, tendo como base a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) promulgada em 1996, que objetiva uma orientação pedagógica dos conteúdos trabalhados dentro das instituições educacionais, ou seja, conduzir o professor em seu planejamento de aulas, tentando, com isso, diminuir as diferenças do

ensino existentes entre as escolas públicas e privadas. Esse documento está dividido em níveis escolares, ou seja, Ensino Fundamental ciclos 1,2,3 e 4 e Ensino Médio. Cada nível de ensino tem os conteúdos específicos divididos em áreas, como por exemplo, no Ensino Médio, essas áreas são: Área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, onde encontramos as disciplinas de Biologias, Física, Química e Matemática; Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, onde encontramos as disciplina de: História, Geografia, Filosofia e Sociologia; e a Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, onde encontramos as disciplinas de: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física, Artes e Informática.

A Educação Física encontra-se na Área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, a qual tem como objetivos gerais os seguintes itens:

- Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela instituição de significados, expressão, comunicação e informação.
- Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionar textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir o patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação.
- Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores e colocar-se como protagonista do processo de produção/recepção.
- Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade.
- Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informação e as outras culturas e grupos sociais.

- Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação associa-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhe dão suporte e aos problemas que se propõe a solucionar.
- Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.
- Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida.

A partir daí, apresentamos os conhecimentos que aproximam os alunos do Ensino Médio, como preconizado nos PCNs.

3.4 O Conhecimento em Educação Física dentro dos PCNs

“Aproximar o aluno do Ensino Médio, novamente à Educação Física de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos é o objetivo do que aqui será proposto” (PCNEM, 1998, p 28). Com o objetivo definido, o documento segue fazendo uma breve análise do que vem acontecendo nas aulas de Educação Física nesse nível de ensino; cita o problema de como o esporte é trabalhado dentro da escola, sendo esse o principal conteúdo dado nas aulas, o problema do aumento da evasão de alunos que acontece no Ensino Médio, e mais para frente é citado o problema de infra-estrutura (tanto física como a falta de materiais) existentes nas escolas atualmente.

A legislação vigente aponta como finalidades específicas:

“O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática” (PCNEM, 1998, p 28).

Mas isso está claro que não acontece nas aulas de Educação Física que são ministradas atualmente. No PCNEM há uma discussão sobre as necessidades do aluno de Ensino Médio, fazendo uma crítica ao que ocorre realmente dentro da escola. Segundo o documento:

“O Ensino Médio compõe o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. O aluno começa a compreender e explicar que há propriedades comuns e lida com a regularidade científica, podendo a partir dela adquirir algumas condições para ser produtor de conhecimento científico, quando submetido à atividade de pesquisa”.

Quando pensamos nas aulas de Educação Física dentro do Ensino Médio, observamos apenas o esporte como conteúdo e mesmo esse não é trabalhado de uma maneira adequada. “A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos não o esporte da escola, mas, sim, o esporte na escola”.(SOARES, 1998 b, p 118).

Os professores não lidam com o esporte de forma pedagógica, não criam discussões a respeito do assunto, o que seria grande valia para a faixa etária, e principalmente não justificam seu aprendizado.

O professor de Educação Física adquire, em sua formação, uma bagagem de conhecimentos considerável, principalmente no sentido biológico. A explicação fisiológica dos benefícios da atividade física para o indivíduo, deve fazer parte do conteúdo das aulas. Passar conhecimentos que vão além da prática dentro das aulas é um ponto definido nos PCNS.

“Assim, não somente podemos apresentar-nos como competentes profissionais no momento da organização de campeonatos, como também, orientando os alunos na apresentação de trabalhos na Feira de Ciências da escola, exibição de conceitos adquiridos nas aulas, através de painéis e cartazes, e até a criação de eventos exclusivos da área: semana da saúde, sábados recreativos, torneios envolvendo a comunidade etc.” (PCNEM, 1998, p 33).

O documento prega que os professores devem passar conhecimentos de saúde, como o exercício deve ser realizado corretamente, o quanto deve variar a frequência cardíaca e tudo o mais que cabe à Educação Física com manutenção da saúde. Todos esses conhecimentos devem ser passados através da utilização de práticas corporais que compõem nossa cultura corporal: o aluno do Ensino Médio, após onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos de cultura corporal”, (PCNEM, 1998, p 38)

Sintetizando, os PCNS, após discussão sobre várias teorias da Educação Física, nos dizem que os conteúdos a serem trabalhados são todos aqueles ligados à cultura corporal (dança, jogos, esporte, ginástica e lutas), relacionando-os a conhecimentos de saúde e fisiologia de esforço, criando sujeitos conscientes e críticos aos modismos e ao fenômeno do esporte; fazendo com que o aluno não perca seu gosto pela atividade física e que tenha autonomia para realizá-las corretamente e; principalmente, que esse aluno leve sempre consigo os valores (respeito com o colega, com o adversário, cooperação, solidariedade, entre tantos outros) que as aulas de Educação Física deve passar aos educandos. Quanto aos professores, esses devem sempre estar incentivando a prática de atividades físicas, reciclando seus conhecimentos na área e respeitando a individualidade e a cultura de cada aluno.

“As visões, fantasias e decisões sobre o próprio corpo e saúde, base para um desenvolvimento autônomo, poderão ser mais bem orientadas se as aprendizagens da escola estiverem significativamente relacionadas com as preocupações comuns na vida de todo jovem: aparência, sexualidade e reprodução, consumo de drogas hábitos de alimentação, limite e capacidade física, repouso, atividade, lazer”.(PCNEM, 1998, p 94).

3.5 Análise dos dados obtidos

Analisando o trabalho de Martini (2003), que apresentou os relatórios de 12 escolas de Ensino Médio de Campinas e região, classificando-os em categorias de registro, aos quais serão apresentados em forma de quadros para obter uma melhor visualização dos mesmos. Após a exposição dos quadros, será feita a discussão, tentando relacionar todos os dados obtidos ao principal objetivo do capítulo: o conteúdo que está sendo trabalhado nas instituições de Ensino Médio nas aulas de Educação Física.

QUADRO 1: Categoria A – Tipo de Escola

	Escola Particular	Escola Pública
Escola 01		X
Escola 02		X
Escola 03	X	
Escola 04		X
Escola 05		X
Escola 06		X
Escola 07	X	
Escola 08		X
Escola 09		X
Escola 10	X	
Escola 11		X
Escola 12	X	

Observando o QUADRO 1, da categoria A, vemos que os dados obtidos em sua maioria foram de escolas públicas (8 de 12 são públicas), o que nos possibilita uma visão mais detalhada do ensino público em nosso país.

QUADRO 2: Categoria B – Infraestrutura da Escola

	Espaço Físico*	Materiais**
Escola 01	Bom	Diversificado
Escola 02	Ruim	Diversificado
Escola 03	Bom	Diversificado
Escola 04	Ruim	Restrito
Escola 05	Bom	Diversificado
Escola 06	Bom	Restrito
Escola 07	Razoável	Diversificado
Escola 08	Bom	Diversificado
Escola 09	Razoável	Diversificado
Escola 10	Bom	Diversificado
Escola 11	Razoável	Diversificado
Escola 12	Ruim	Diversificado

** Para a classificação desse item, foi feita uma análise quanto ao número de quadras, sendo bom para as escolas que possuem pelo menos duas quadras, sendo uma coberta; razoável, para as escolas que possuem duas quadras e nenhuma coberta e ruim para as que não possuem quadras cobertas ou poliesportivas.*

*** Para a classificação deste item, foi analisada a quantidade de materiais, sendo diversificado as escolas que possuem grande quantidade de materiais e não somente bolas, e considerado restrito as escolas que possuem materiais em pouca quantidade e somente bolas de modalidades esportivas.*

No QUADRO 2, categoria B, podemos notar que das 3 escolas que tiveram classificação de espaço físico ruim, duas são públicas. Mas se analisarmos proporcionalmente, 25% de cada tipo de escola possui espaço físico ruim. Quanto aos materiais diversificados, ou seja, que não se restringem apenas em bolas, mas sim em materiais de ginástica, jogos de tabuleiro, etc. Algumas dessas escolas, mesmo não sendo

apontado no quadro, oferecem além de uma diversidade de materiais, uma quantidade também significativa.

QUADRO 3 – Categoria C – Agente pedagógico

	O professor se atualiza?	O professor está motivado?*	Tempo de experiência?*
Escola 01	Sim	Sim	10 anos
Escola 02	...	...	1 ano e meio
Escola 03	Sim	Sim	9 anos
Escola 04	Não	...	14 anos
Escola 05	Sim	...	15 anos
Escola 06	Sim	Não	12 anos
Escola 07	Sim	...	18 anos
Escola 08	...	Não	12 anos
Escola 09	...	Não	...
Escola 10	Sim	Sim	15 anos
Escola 11	Não	Não	15 anos
Escola 12	Sim	Sim	5 anos

** Esse item foi analisado conforme a observação do aluno que foi diretamente assistir às aulas de Educação Física.*

No QUADRO 3, da Categoria C, gostaria de dar ênfase ao fato de que 7 dos 12 professores se atualizam, sendo que todos que atuam na rede particular fazem parte desse grupo. Esse resultado pode ser visto com bons olhos, pois a maioria dos professores que se atualizam já possui mais de 8 anos de experiência, uma boa fórmula para dar boas aulas: experiência com conhecimento atual. Porém, quando falamos de motivação, os professores que se mostram motivados, em sua maioria, estão nas escolas particulares, 75% deles contra 12,5 da rede pública.

QUADRO 4: Categoria D – Caracterização das Aulas

	Aulas planejadas?	Nº de aulas por semana	Relação professor/nº de alunos	Tempo de duração das aulas
Escola 01	Sim	2	...	45'
Escola 02	Não	1	1/40	...
Escola 03	Sim	2	1/30	50'
Escola 04	Não	2	1/39	50'
Escola 05	Sim	2	1/32	50'
Escola 06	Sim	1	1/53	50'
Escola 07	Sim	1	1/35	50'
Escola 08	Sim	...	1/45	...
Escola 09	Não	...	...	...
Escola 10	Sim	1	2/27	50'
Escola 11	Não	2	1/40	55'
Escola 12	Sim	1	1/35	55'

Quanto à caracterização das aulas QUADRO 4, categoria D, podemos ver que ainda há instituições de ensino que mantêm duas aulas por semana (5 de 12); um ponto a favor, sendo que 4 escolas são públicas, ou 50% delas, e somente uma é particular, 25% delas. Outro dado bastante interessante é que tanto a escola pública quanto à escola particular, possuem somente um professor para ministrar as aulas, o que não acontecia antigamente, onde as turmas eram separadas por sexo: o professor homem trabalhava com os meninos e uma professora trabalhava com as meninas. Mesmo tendo citado no quadro, em todas essas escolas analisadas, não existe divisão por sexo nas aulas de Educação Física. Quanto ao tempo de duração das aulas, não existe grande variação entre as escolas, o que faz a diferença é quantas aulas com esse tempo tem-se por semana para fazer um planejamento mais diversificado.

Em seguida, apresentamos o quadro de conteúdos que são trabalhados nas escolas analisadas. Segue-se, então, uma discussão relacionando esses conteúdos com os itens acima discutidos.

QUADRO 5 – Quadro dos Conteúdos das aulas de Educação Física

	Conteúdo das Aulas
Escola 01	Teoria ligada a Educação Física e Treinamento de Esportes
Escola 02	Futebol e Voleibol
Escola 03	Condicionamento Físico, Treinamento em Esportes e Teoria
Escola 04	Jogos Pré-Desportivos e Esportes
Escola 05	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol e handebol
Escola 06	Voleibol, Futebol, Dama e Tênis de Mesa.
Escola 07	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol, handebol, Atletismo.
Escola 08	Esportes e Jogos de Tabuleiro.
Escola 09	Os alunos que definem.
Escola 10	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol e handebol.
Escola 11	Esportes
Escola 12	Atletismo, Ginástica Artística e Jogos de Tabuleiro.

Já no QUADRO 5, o conteúdo predominante nas escolas de Ensino Médio analisadas é o Esporte, em sua maioria os esportes coletivos “tradicionais”. Em apenas duas notamos o trabalho de teoria dentro da área de Educação Física, sendo uma escola pública e a outra particular, sabendo-se que a teoria trabalhada é de fundo biológico, relacionado com a aptidão física e saúde. Apenas uma trabalha Ginástica e uma outra, Atletismo. Não podemos ignorar o fato de que também os jogos de tabuleiro se fazem presente significativamente; três das doze escolas os utilizam como conteúdo, sendo duas escolas públicas e uma particular. O tênis de mesa aparece somente em uma escola pública.

Traçando um paralelo entre os demais quadros, chega-se à conclusão que mesmo a maioria das escolas possuem uma boa infraestrutura (tanto de espaço físico como materiais diversificados); a maioria dos professores tem a preocupação de se atualizar e fazer planejamentos. O principal conteúdo em ambas modalidades de escola é o esporte. Não há diferenças gritantes entre as escolas públicas e as privadas nas características aqui

analisadas, a única diferença que nos chama atenção está no âmbito da motivação, no qual a maioria dos professores que se sente motivada, trabalha em escolas particulares. Um dos motivos devem ser as condições sub-humanas que os professores da rede pública têm que enfrentar para poder dar aula, como baixos salários, falta de cooperação de outros docentes ou até mesmo da escola, o descaso dos alunos para a aprendizagem, entre outros. Um forte exemplo dentro dos dados expostos é o da escola 10, onde podemos concluir que o professor já desistiu totalmente do seu papel de educador e orientador das aulas; simplesmente são os alunos que escolhem o conteúdo das aulas, havendo assim, o famoso “rola-bola”.

Por todas estas características observadas por Martini (2003) podemos deduzir que na Educação Física do Ensino Médio os conteúdos oferecidos têm como característica principal a monotonia (repetição das manifestações culturais), nem sempre motivantes, já que o conteúdo curricular contempla apenas as atividades esportivas que, certamente, já foram tratadas nas séries anteriores e, portanto, não apresentam nenhum desafio para o aluno, principalmente, das séries terminais do Ensino Médio (2ª e 3ª séries).

A Educação Física oferecida nas escolas de Ensino Médio é similar à de um clube. No entanto, qualquer clube, por pequeno que seja, tem melhores condições para a prática desportiva que a escola. Em contraposição, são poucas as propostas que tratam a Educação Física como disciplina, isto é, com um conteúdo acadêmico a oferecer. Ela é vista apenas como atividades para o domínio de habilidades esportivas, fazendo dela uma atividade com fim em si mesma, e deturpa os objetivos educacionais para a formação de seres humanos críticos e sensíveis aos problemas do meio físico e social, tão apregoados na formação profissional dos professores de Educação Física nos dias de hoje.

3.6 As características dos alunos de Ensino Médio.

O aluno do Ensino Médio, além dos aspectos sócio-econômicos analisados, tem como característica sua fase de vida bem peculiar: a transição da infância para a fase adulta, a qual chamamos de adolescência.

Muitos estudos foram feitos sobre os adolescentes e três fatores são característicos dessa fase, são eles: as mudanças físico-biológicas no corpo do indivíduo; os conflitos psicológicos; e os conflitos sociais pelos quais esses indivíduos passam.

Biologicamente, esse aluno está na fase final da puberdade, a qual é responsável pelas mudanças físicas, ou seja, seu corpo já é adulto, em grande parte dos casos, ele já está pronto para se reproduzir, o crescimento e desenvolvimento desse corpo, biologicamente, já foi concluso ou está perto de o ser. Porém, puberdade não é sinônimo de adolescência. Adolescência é uma criação cultural, que possui características específicas inseridas em cada cultura. A adolescência nada mais é do que uma invenção social, ao contrário da puberdade, que acontece em qualquer indivíduo, independente de raça, cultura e religião.

Em nossa sociedade não temos uma faixa etária para o término da adolescência, pois essa chega quando o indivíduo se torna independente financeiramente, podendo isso ocorrer aos 18 anos quanto aos 30 anos. Atualmente está ocorrendo um aumento dessa média de idade por vários motivos.

“Eriksson (1987) denominou de ‘crise’ a fase adolescente, pois acreditava que os jovens, nesta etapa da vida, colocam em cheque sua orientação familiar seus padrões incorporados pelo tipo de criação, características que os levam a um processo de luta contra a sociedade. Tais crises seriam encaradas como a forma pela a qual o adolescente tem de se afirmar, de reorganizar, e não pode ser vista como algo nocivo”.(ERIKSSON, 1987, P.45).

Essas características que aqui chamamos de conflitos sociais. O adolescente não consegue lidar com a família, questiona a sociedade, os problemas políticos e principalmente seu futuro, qual a melhor carreira a seguir.

“O jovem, sentindo mudanças físicas em seu corpo, percebe que existe uma outra mudança ocorrendo, que é a sua integração no mundo adulto, agora não mais como criança, mas como alguém capaz de dar opiniões refletidas sobre o mundo. O futuro o amedronta e, ao mesmo tempo, o deixa fascinado. Ele sente então, uma necessidade de mudar o mundo daí suas crises de insatisfação.” (RANGEL BETTI, 1998, P.45)

É neste período que o jovem obtém notável desenvolvimento intelectual, que surge com o desenvolvimento do que Piaget chamou de raciocínio hipotético-dedutivo (MARTINI, 2001). Também é nesse momento que o jovem fecha conceitos como regras, moral e ética, já sabe distinguir entre o que é certo e que é errado, não só para si como para a sociedade. Cria-se, assim, a consciência de cidadania, reflexões e extrema autonomia de suas ações. O papel dos pais, que permitem ou não uma tomada de decisão, é fundamental. Pais que dificultam a participação na escolha da escola e da futura profissão estão, com certeza, atrapalhando a tomada de consciência dos filhos.

Quanto ao âmbito psicológico, o adolescente não possui ainda maturidade emocional e está em busca de sua própria identidade, não somente dentro da sociedade, mas para si mesmo. Emocionalmente, não está preparado para assumir relacionamentos duradouros e consistentes: é normal a troca frequente de parceiros. Atualmente isso é mais evidente, já que o jovem “fica” com pessoas diferentes a cada final de semana, tendo experiências variadas e podendo conhecer outras pessoas até que encontre aquela com quem deseja relacionar-se.

Outro aspecto característico dessa fase é a busca por um grupo de pessoas com interesses comuns, o que atualmente chamamos de “tribos”. Essas são grupos de adolescentes que se vestem iguais, ouvem as mesmas músicas, vão aos mesmos lugares, porém respeitam a individualidade de cada um. É dentro dessas tribos ou grupo de amigos que o adolescente tenta se encontrar, achar sua identidade e é onde quer ser aceito. A aproximação com outros jovens será mais necessária se as diferenças com os pais forem muito grandes. Além disso, as regras dos grupos são sempre mais flexíveis do que as regras adultas, principalmente a autoridade. “A definição da identidade necessita de heróis, modelos, líderes ou até mesmo de campeões. O grupo de amigos assume primordial importância, pois pensam e até mesmo agem iguais, confortando uns aos outros.”(RANGEL BETTI, 1998, p.46)

Temas como sexo, AIDS e drogas são essenciais e devem ser discutidos nessa faixa etária, durante a qual os indivíduos estão em busca de novas experiências e podem acarretar prejuízos para o resto da vida.

Com relação à política, pode-se dizer que, de uma maneira geral, o jovem atual possui um conhecimento restrito e superficial, comparando-se com as gerações passadas. A decepção com os políticos e com os partidos faz com que poucos se engajem em algum destes. Talvez a própria sociedade capitalista em que vivemos, que incentiva o consumo e a individualidade, seja responsável igualmente pela apatia em que se encontram os adolescentes. Dentro do atual sistema educacional, vemos o descaso com a formação de líderes sociais e políticos. Em muitas escolas nem grêmio estudantil existe mais, reafirmando a apatia dos jovens com a política (RANGEL BETTI, 1998).

Esta fase é marcada por bruscas transformações, afetivas, morais, sociais, biológicas, cognitivas e motoras. O indivíduo é capaz de realizar fácil e eficientemente muitos tipos de tarefas e problemas intelectuais que uma criança de 10 anos teria como impossíveis ou pelo menos muito difíceis de resolver; mas não se deve esperar, com isso, que eles se lembrem de arrumar a própria cama ou de recolocar a tampa no tubo de pasta de dentes depois de usá-la.

Ao analisar as transformações anátomo-fisiológicas ocorridas na adolescência, estudar-se-á, portanto, a puberdade.

O termo puberdade deriva-se de pubes, que diz respeito a “buço”, “penugem” cabelo. Assim, pubescente significa criar buço ou tornar-se peludo. Outro ponto marcante alcançado nesta fase do desenvolvimento é a maturação sexual - período aproximadamente de dois anos, que precede o advento da puberdade e durante o qual as funções reprodutivas amadurecem (culmina com a menarca nas mulheres e a espermarca nos homens).

A chave de todas essas mudanças está na glândula pituitária, uma glândula endócrina localizada na base do cérebro. Na época da adolescência, há um aumento na atividade pituitária, às vezes conhecida como “glândula mestra”, porque suas secreções influenciam o crescimento e a atividade de todas as gônadas (glândulas sexuais: testículo nos machos e ovário nas fêmeas) e, através delas, o crescimento físico em geral. Podemos notar algumas diferenças durante a puberdade: crescimento das extremidades (pescoço, braços e pernas – mais que do tronco, alargamento dos ombros nos meninos), nas meninas

alargam-se os quadris, por efeito do alargamento da caixa óssea pélvica. Mudanças no rosto (cabeça começa a crescer, nariz e queixo proeminentes, o que faz a testa parecer pequena). As meninas desenvolvem uma camada gordurosa subcutânea que arredonda e suaviza os contornos do rosto e do corpo. Os meninos também estão sujeitos a ciclos de desenvolvimento de tecido gorduroso subcutâneo, que é, geralmente, menos pronunciado que o das meninas e suavizado pelo desenvolvimento dos músculos e ossos, de modo que os meninos têm um aspecto mais delgado e angular que as meninas.

Já na superfície do corpo, como foi apontando anteriormente, o mais notável talvez seja o crescimento de pêlos no corpo: pêlos púbicos e axilares.

Contudo, é o início da fase de reestruturação de habilidades e destrezas motoras, englobando a faixa etária que varia do 11º ao 15º ano de vida. Este tipo de comportamento tem como característica a notória satisfação pelo movimento, atividade e prontidão de entrada na atividade, seja ela desportiva ou não (gosta de vencer desafios e interagir no meio em que está inserido).

Meinel (1984) aponta uma contradição no sentido de que o comportamento motor nesta fase tende a modificar-se, em algumas situações de aula; o adolescente se recusa a participar ou demonstra um total desinteresse pela atividade que está sendo proposta. Meninos e meninas que mal podiam ficar sentados nas aulas (dentro das salas), que corriam de um lado para o outro no recreio, deparam-se com a solicitação física mais intensa de falta de vontade e afastamento interior. Na aula de Educação Física, esta contradição externa-se, especialmente clara, no comportamento motor geral.

Ao final desta fase, assinalam-se diferenças específicas de cada sexo e, em parte, diferenças individuais marcantes.

Na segunda fase, observa-se o amadurecimento, que engloba, mais ou menos, do 15º ao 19º ano de vida. É caracterizado pela fase da estabilização, da diferenciação específica do sexo e da crescente individualização. Estas tendências principais do desenvolvimento motor devem ser esclarecidas nas representações das habilidades típicas das fases do comportamento motor que se seguem.

- 1) Maior equilíbrio e estabilidade no desenvolvimento das habilidades motoras propostas;
- 2) Em algumas habilidades motoras, as diferenças entre os sexos tornam-se evidentes;

- 3) Jovens desta fase adquirem cada vez mais atitudes determinadas e relativamente bem delineadas em relação à ocupação esportiva em geral, nas aulas de Educação Física;
- 4) Os movimentos decorrem mais vigorosos, “mais leves” e elásticos; a dinâmica da condução do movimento melhora crescentemente;
- 5) Economia no movimento;
- 6) Não se observam movimentos supérfluos colaterais e paralelos;
- 7) Na aquisição de novas destrezas, observa-se cansaço em situações de lutas;
- 8) A força é mais desenvolvida nos rapazes;
- 9) As meninas, ao contrário, tendem a movimentos de proporções maiores, “mais moles” no decurso da força e no ritmo, bem como mais arredondados e soltos na fluência;

Gallahue & Ozmun (2001) oferecem mais algumas características a serem observadas no desenvolvimento motor dos adolescentes:

- O desenvolvimento das habilidades motoras especializadas é altamente dependente de oportunidades para prática, encorajamento e ensino de qualidade;
- As avaliações de área sobre aptidão física, freqüentemente, são inadequadas, quando procuram formular generalizações a respeito de aptidão juvenil, pois as técnicas de coleta de dados, os procedimentos de amostragem e as conclusões subjacentes são questionáveis;
- As meninas são comparáveis aos meninos em resistência e força abdominal antes da puberdade, porém, os meninos obtêm ganhos significativamente mais rápidos na adolescência;
- Indivíduos do sexo masculino tendem a obter rápidos ganhos em resistência e em força muscular na adolescência, enquanto indivíduos do sexo feminino tendem a atingir seu pico por ocasião do aparecimento da puberdade e regredir ligeiramente no final da adolescência;
- Os percentuais masculinos e gordura corporal aumentam no período pré-adolescente, diminuem muito na puberdade e se estabilizam na adolescência;
- Como população, as mulheres têm ganhado contínuo nas mensurações do percentual de gordura corporal desde a pré-adolescência até a adolescência;

- O processo de desenvolvimento motor ocorre em ambientes sociais de brincadeiras, jogos atividade física e esportes e, portanto, é influenciado pelo ambiente cultural do indivíduo.
- A adolescência é caracterizada pela exploração e pela experimentação, processos que podem ter consequências permanentes;
- A socialização envolve a modificação do comportamento do indivíduo para satisfazer às expectativas de um grupo;
- A socialização cultural depende da interação dos conceitos de status, papéis e de regras sociais;
- O processo de socialização é influenciado por membros da família, professores, treinadores e por amigos;
- O esporte e a atividade física têm potencial para serem poderosos agentes de socialização;
- Jogos, brincadeiras e esportes oferecem oportunidades para a filiação e a formação de uma identidade de grupo;
- A auto-estima e o desempenho estão vinculados, mas é difícil documentar a relação causal que os une;
- Formar atitudes é função importante da socialização cultural;
- O crescimento moral pode ser encorajado a partir de jogos, brincadeiras e esportes;
- A dissonância moral fornece um “clima” para o raciocínio moral, o que pode levar ao comportamento moral.

Agora, desde o ponto de vista etológico, o adolescente ou a adolescência é vista como um fenômeno recente na humanidade; é um dos subprodutos das sociedades modernas urbanas e industriais, onde há uma perda da sincronia entre os diferentes tipos de desenvolvimento. Naturalmente o homem está maduro sexualmente junto com sua maturidade social, isto é, ele domina todas as técnicas de sobrevivência necessárias para viver de forma independente e constituir uma família. Já em nossa sociedade, o homem para obter essa independência precisa estudar anos a fio, ultrapassando o tempo de sua maturidade sexual sem ser ainda maduro socialmente, já que ele depende da família, especialmente dos pais para sua sobrevivência.

Assim, conhecimentos sobre o aluno, tais como:

- Quais são as características do aluno de Ensino Médio.
- O que é adolescência e seu sinônimo biológico puberdade.
- Qual é o rol que os alunos de Ensino Médio estão desempenhando nos grupos sociais aos quais eles pertencem.
- Porque a necessidade de capacitar a estes jovens com conhecimentos sobre liderança e administração e/ou gerenciamento de atividades, para permitir que eles sejam ou tenham um papel mais relevante em seus grupos sociais (objetivo de formação humana de sociabilização).

São fundamentais para cumprir com os objetivos escolares, isto é, a formação de cidadãos.

Após as análises realizadas sobre a Educação Física no Ensino Médio, as propostas dos PCNs para a Educação Física para este segmento escolar e as características dos alunos que freqüentam este período de ensino, podemos inferir que:

1. A formação profissional existente não prepara ao futuro professor de Educação Física para atuar no Ensino Médio, dado a ênfase quase que puramente biológica (mais do 60 % das horas destinada aos conhecimentos acadêmicos têm essa orientação). A forma como são vistos os conteúdos práticos, objetivando apenas o domínio técnico de execução e a nula fundamentação do porquê desses conteúdos – o que lhe permitiria obter um status de disciplina - podemos indicar sem medo de errar que os futuros professores não estão sendo preparados como professores, somente como técnicos.
2. Em relação ao programa de Educação Física oferecido para o Ensino Médio nos PCNs, eles nos indicam novamente a tendência técnico/esportiva, onde são considerados apenas os desejos de prática esportiva dos alunos, sem considerar outras realidades dos alunos que cursam o Ensino Médio e que já atuam de alguma maneira em grupos dentro de sua sociedade, precisamente esta atuação no âmbito social extra classe exerce uma demanda de conhecimentos que não estão sendo oferecidos no âmbito escolar, e portanto não são levadas em consideração as novas necessidades, interesses e expectativas que esta inserção no meio social demanda.
3. Em relação à realidade detectada por Martini (2003), a repetição dos conteúdos vistos no Ensino Fundamental, especificamente de quinta a oitava série seguem sendo aplicados no

Ensino Médio, só que com uma diferença, em algumas das escolas são os alunos os que elegem os esportes a serem praticados e o professor assume apenas a função de “rola bola”.

Podemos indicar que da forma como são oferecidos os conteúdos da área: apenas como atividades, com repetição das mesmas aulas tendo, como objetivo o domínio de habilidades esportivas, especificamente dos esportes denominados básicos: Futebol, Basquetebol, Voleibol, Handebol e Atletismo, junto com o recente fenômeno detectado que é a terceirização da Educação Física do Ensino Médio em Academias de Ginástica. A falta de um conhecimento acadêmico que fundamente cada uma das atividades que devem ser oferecidas. Podemos dizer com grande temor que corremos o risco que a Educação Física do Ensino Médio desapareça do Ensino Fundamental.

Diante desta perspectiva, no próximo capítulo serão analisadas as possibilidades da Educação Física na Educação Básica, a maneira de mostrar o grande potencial da área e mostrar uma forma de distribuição destes conteúdos durante todo este período escolar.

Capítulo IV: Os conteúdos da Educação Física

4.1 A Ginástica

Com o início da Educação Física institucionalizada no final do século XIX, houve a necessidade de sistematizar o conhecimento para satisfazer as necessidades sociais da época, preparar a população jovem masculina para a defesa da pátria e para o aumento da produção industrializada. Para isso, foram sistematizados os conhecimentos que se dispunham na época, principalmente atividades militares de equitação e esgrima.

Os jogos, as brincadeiras e as danças não foram utilizados inicialmente no processo educativo por serem elas atividades “pouco sérias” e que não contribuíam para a “educação” da população tão carente de “valores”. Essa educação depositária (FREIRE, 1989), de valores rígidos e de comportamentos “refinados”, passou a ser a forma como deveriam ser educadas as classes operárias como forma de compensar a falta de “cultura” e de “valores sociais” (KRAMER, 1984; SOARES, 1994).

Assim, a idéia de realizar atividade física para exercitar o corpo para melhorar o espírito: “Mens sana in corpore sano”, a Ginástica teve um papel fundamental; porém, a compreensão do que é realmente a Ginástica nos dias de hoje merece uma análise mais pormenorizada.

Para uma compreensão do que é a essência da Ginástica devemos entender os termos aos quais ela está associada; assim, na Ginástica está implícita a idéia de exercitar e sua delimitação no âmbito do exercitar está o corpo em movimento.

Dentro do leque de possibilidades que oferece o exercitar o corpo em movimento, temos os diferentes fins para os quais a Ginástica é solicitada (Estética, Redefinição da Postura, Reabilitação, de Preparação ou Acondicionamento Físico, de Relaxação, entre outros), no entanto, em cada um dos fins podemos encontrar alguns elementos em comum, que é a melhoria da aptidão física, entendida como estar preparado para executar uma determinada ação, independentemente dos requerimentos energéticos que possam ser

solicitados no desenvolvimento da ação ou elementos motivadores que possam estar envolvidos.

Na **Ginástica** devemos distinguir duas orientações, uma destinada ao fortalecimento corporal e domínio de técnicas, chamada de **Ginástica Formativa**, e as outras que se desprendem delas, porém por sua característica de utilização derivaram em modalidades diferentes e com objetivos diferenciados, são as **Ginásticas Competitivas**:

A **Ginástica Formativa**: Seu objetivo é estimular o desenvolvimento do potencial biológico, para ser utilizado em diferentes situações (reabilitação, saúde, práticas esportivas, atividades laborais, fisiculturismo, entre outras) com o intuito de melhorar a eficiência mecânica e funcional do organismo.

Na **Ginástica Construída** são oferecidos modelos de execução de atividades e/ou habilidades, desenvolvidas por meio de pesquisa. Esses modelos possuem como paradigma a Máquina, assim, o corpo é visto como uma máquina tridimensional com eixos e planos de movimento (eixo em cada uma das articulações e alavancas de resistência nos segmentos corporais). Os movimentos podem ser descritos de acordo com os planos e eixos, como também de acordo com suas características ou objetivos a desenvolver, como, por exemplo, amplitude do movimento, número de repetições ou volume, velocidade de execução, entre outras. A Ginástica Calistênica está presente em todas as modalidades que objetivam o desenvolvimento da condição física específica (Aeróbica, Hidroginástica, Exercícios de Reabilitação, etc.)

A Ginástica Construída, além de servir como ferramenta principal do condicionamento físico, é ideal para ser utilizada como parte do processo de aquisição de habilidades motoras altamente estruturadas (habilidades que provêm de um modelo de execução baseado nas ciências do movimento, isto é, anatomia, fisiologia e biomecânica). Através das repetições se obtêm a coordenação necessária e se incorporam ou internalizam partes dos elementos que constituem este tipo de habilidades.

Na **Ginástica Natural** são consideradas todas as habilidades que fazem parte do repertório motor do ser humano e que permitem ao homem interagir com seu meio ambiente. As pessoas não precisam de um modelo para executar as atividades, elas se utilizam do seu repertório motor para realizar diferentes tarefas, onde o corpo se adapta ao tipo de atividades que as pessoas desenvolvem no seu meio, isto é, não seguem um modelo

para executar as habilidades do cotidiano. Por ser do patrimônio genético humano elas também são denominadas de habilidades específicas do ser humano (PÉREZ GALLARDO e COLABORADORES, 1997).

A Ginástica Natural serve para ampliar as experiências ou nível de proficiência das crianças, por meio das variações das atividades de jogos e brincadeiras e atividades pré-esportivas, oferecidas dentro de todas as suas possibilidades lúdicas e recreativas.

No entanto, essas denominações têm acarretado confusão, por isso é preferível associar as habilidades da Ginástica Natural como habilidades pouco estruturadas (que não seguem um modelo determinado para cumprir um objetivo ou solução de problemas motores), e a Ginástica Construída como habilidades altamente estruturadas (que seguem um modelo padronizado de execução), de acordo com as definições oferecidas por Magill (1984).

Com esse novo entendimento da Ginástica Formativa podemos fazer várias inferências, como, por exemplo, a Ginástica Natural é ideal para se adquirir uma base de experiências motoras que poderão ser utilizadas em situações diversificadas, e pela mesma razão ideal para desenvolver o condicionamento físico geral das pessoas. No entanto a Ginástica Construída ou Localizada, além de servir como ferramenta principal do condicionamento físico, é ideal para ser utilizada como parte do processo de aquisição de habilidades motoras altamente estruturadas. Através das repetições se obtém a coordenação necessária para incorporar ou internalizar partes dos elementos que constituem essas habilidades, tais como Saltos Ornamentais e Ginástica Acrobática, entre outras.

Assim, é necessário salientar que:

Por estas características a Ginástica Formativa está sempre presente nas aulas de Educação Física ou nos treinos, portanto elas são as partes constitutivas do que seja a Educação Física, dado que conformam a base de cada um dos componentes da Cultura Corporal.

As **Ginásticas Competitivas** têm sua origem na Ginástica Formativa e passaram a ter fins em si mesmas, isto é, a competição, com regulamentos específicos que determinam e avaliam cada uma de suas formas de expressão. Agrupam-se na Federação Internacional de Ginástica, a qual regulamenta a forma de participação e define o calendário das

competições. As mais antigas são a Ginástica Artística masculina e feminina, a Ginástica Rítmica, as mais recentes são as Ginásticas Aeróbicas e o Trampolim. Eventualmente elas aparecem em festivais e eventos artísticos, pelo caráter de virtuosismo, elegância e beleza de suas manifestações, porém modificando sua característica de esporte.

Como elas se encontram dentro das atividades esportivas, serão analisadas mais adiante, nessa situação.

A partir deste ponto passamos a analisar as atividades da Cultura Corporal que compartilhamos com as outras áreas do conhecimento e que não são especificamente da área da Educação Física, porém contribuem de forma consistente com a educação da criança e são partes importantes da Cultura Corporal, sobretudo nos aspectos lúdicos que as constituem, sendo a base na qual experiências mais complexas podem ser estruturadas. Dentre elas, apresentaremos os elementos que correspondem a nossa área, para não ultrapassar os limites, durante a sua utilização pedagógica.

4.2. As Danças

Tomando como base à definição de Expressão Corporal de Pérez Gallardo e colaboradores (1998), podemos dizer que as Danças são formas de comunicação que utilizam a Linguagem Corporal para expressar idéias, sentimentos e emoções por meio dos gestos corporais, onde as mensagens podem ser potencializadas com a utilização de outras formas de comunicação, como a Linguagem Musical e a Linguagem Falada (oral ou bocal).

Nas danças confluem todas as formas de linguagem: musical, oral ou falada, gestual, emocional, entre outras. Por ser uma maneira potencializada de comunicação, elas representam formas e valores culturais; assim, as danças são manifestações de um grupo social que refletem, interpretam e integram um conjunto de formas de expressar as necessidades sentidas de um grupo social.

São representações que refletem a emoção, sendo elas uma sincronia de emoções que representam de forma simbólica aspectos da vida cotidiana ou de sobrevivência, possuindo diferentes caracteres, desde o festivo até o funerário.

Dada a grande complexidade e heterogeneidade da Dança, se faz necessária a utilização de diferentes formas de classificação, para assim poder delimitar a sua utilização:

4.2.1. Classificação das Danças segundo sua origem:

1. Ancestrais, originárias ou autóctones: são aquelas danças praticadas antes da conquista espanhola ou portuguesa, e que apesar das proibições ainda se encontram alguns vestígios delas.

2. Tradicionais ou Folclóricas: são as danças que representam a cultura particular de uma região, podendo ter traços das danças ancestrais, e podem - pela miscigenação de culturas - ser adaptações de danças originárias dos países que nos conquistaram ou colonizaram. Elas podem eventualmente tornar-se populares.

3. Populares: são as danças que estão sendo veiculadas pelos meios de comunicação e praticadas pela comunidade. Algumas delas permanecem na atualidade, chegando a incorporar-se ao grupo das danças tradicionais ou folclóricas.

4. Clássicas ou Eruditas: são as danças que precisam de todo um processo de aprendizagem sistematizado, dado a sua complexidade e por serem em sua essência habilidades motoras altamente estruturadas (aquelas habilidades que se originam de estudos biomecânicos e devem ser incorporadas ou internalizadas para serem eficientes na prática da modalidade a que os modelos pertencem. Exemplos a Ginástica Artística, Saltos Ornamentais, entre outras).

De acordo com nossa concepção, acreditamos que devam fazer parte do âmbito escolar e comunitário, as danças folclóricas ou tradicionais e as danças populares; já, as danças clássicas e contemporâneas podem fazer parte do âmbito escolar, porém nas atividades extra-escolares, já que elas necessariamente precisam de um domínio técnico que se adquire através da prática e/ou do treino. No entanto há outras restrições que devem ser consideradas, e essas dizem relação à conotação moral das danças, sobretudo, às danças populares.

No Brasil, há um profundo sentido erótico nas danças populares, sobretudo daquelas veiculadas pela mídia. Num estudo: “A Dança na Escola: uma proposta de intervenção pedagógica”, Sborquia (2000) levou em consideração os valores morais da sociedade brasileira que são veiculados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) na Escola, e a partir dessa conotação moral nos fornece a seguinte classificação:

4.2.2. Classificação das Danças segundo sua conotação:

- 1.- Representativas:** são aquelas danças que representam a relação mítico-religiosa e os costumes de um grupo social, tais como, danças de caçaria, de colheita, etc.
- 2.- Sensoriais:** são aquelas danças em que os dançarinos mostram suas habilidades, sejam elas acrobáticas e/ou as que representam as emoções por eles experimentadas através do movimento.
- 3.- Sensuais:** danças que representam comportamentos de procura de parceiros, demonstrados de forma sutil através de olhares, posturas corporais ou utilizando mediadores tais como lenços ou leques.
- 4.- Sexuais:** danças que têm uma conotação mais direta na procura de parceiro sexual, porém os movimentos que correspondem ao ato sexual estão disfarçados ou não representados de forma direta.
- 5.- Eróticas:** danças que representam a vontade explícita da cópula, porém revestidas de alguma sutileza, como sentimentos de amor ou paixão.
- 6.- Pornográficas:** danças que imitam o ato sexual, seja com um parceiro real ou fictício, ou com algum objeto que se identifique com um órgão genital utilizado na masturbação.

Segundo essa classificação, as danças que podem formar parte do conteúdo escolar seriam as do número 1 ao 4, no entanto, devem estar vinculadas a uma análise histórico-crítica que supere o senso comum na vivência da dança.

Uma outra fonte de informações que temos para classificar as Danças é seu valor interpretativo ou de como elas podem ser utilizadas no âmbito escolar, estas no estudo de Pérez Gallardo (1993) denominadas “La puesta em escena de um hecho folclórico”. Nesse artigo se fundamentam as três formas possíveis de se analisar e aplicar um fato da Cultura Corporal tradicional ou folclórica num âmbito pedagógico:

4.2.3. Classificação das danças segundo seu valor pedagógico

1.- Mostrar ou demonstrar o que o grupo social realiza no convívio com seu ambiente físico e social, isto é, todas as atividades tais como o processo e a forma de produção cultural das diferentes regiões e culturas, a saber: processo de organização social (criação de leis, regras, normas de convívio social), forma de exploração dos recursos alimentares (agricultura, pecuária, pesca, etc.), das manifestações religiosas (crenças, credos e mitologias expressados nos ritos e manifestações mágico-religiosas), da forma de expressar estas manifestações (danças, cantos, jogos e brincadeiras, etc.). Enfatizando-se os aspectos que tenham relação com a cultura corporal e/ou motora, e com os componentes lúdicos historicamente situados. Sem nenhum tipo de modificação, isto é trasladando o fato social a um espaço de demonstração.

2.- A interpretação de um fato social, isto é, grupos de pessoas que observam os fatos sociais e de como eles acontecem, tratando de demonstrá-los da forma mais fiel possível à realidade observada.

3.- A recreação do fato social, onde os observadores retiram os aspectos mais significativos ou relevantes (para eles) desses fatos e os transformam em espetáculos.

Acreditamos que as duas primeiras formas são as mais indicadas para serem utilizadas pelo professor num ambiente escolar.

4.3. Artes Musicais

A grande contribuição da Música não só para a área da Educação Física, mas para todas as áreas da Cultura, é que nela esta inserida toda uma linguagem de sensações, emoções e percepções do compositor, que as transforma numa linguagem sonora que mantém todas as características sensitivas que o autor quis introduzir na linguagem musical e que, ao ser escutada, os ouvintes conseguem traduzir da linguagem musical as mesmas sensações e emoções que o compositor colocou nelas.

Essa magia da música, de nos transportar ao mundo das emoções, dos sonhos e fantasias, as que inicialmente pertencem ao autor, mas, quando incorporadas a nosso imaginário, passam a fazer parte de nós e permite-nos criar nossos próprios sonhos e fantasias ou formas de expressão, tal como a transformação da linguagem musical à

linguagem do movimento, criando assim as Danças ou acompanhando outras formas de linguagem como a oral ou falada, criando as canções.

A música, quando acompanha as tarefas do dia-a-dia ou as atividades laborais, confere ao trabalho a sensação de jogo, do lúdico que alivia ou ilude o cansaço e permite continuar trabalhando, sobretudo naquelas atividades monótonas, que pela mesma monotonia vão criando ritmos, estimulando a expressão oral, transformando-se nas canções da lavoura, tão características das atividades do campo, (Canções que acompanham as lavadeiras, as "quebra-cocos", a retirada do grão por meio de bordoadas, entre muitos outros exemplos) através das canções.

Assim, a contribuição de uma obra musical para uma aula, na primeira perspectiva, é fundamental, porque nos permite escolher a priori as características do ambiente que necessitamos, tais como calmo, agitado, sombrio, taciturno, íntimo, entre outras muitas possibilidades.

Na segunda perspectiva, a contribuição direta da música em nossa atuação profissional se apresenta em três grandes formas de utilização:

1.- Trabalho no pulso da música: Permite-nos marcar o tempo de execução das habilidades e ou exercícios, utilizando as variáveis do pulso da música, tais como: trabalho no pulso da música, no dobro do pulso, na metade do pulso, etc. Podendo utilizar a música em sua forma de percussão, ideal para marcar deslocamentos.

2.- Trabalho na melodia da música: Utilização de movimentos conduzidos que permitam unir os diferentes pulsos da música, criando, em consequência, frases de movimentos. É ideal para dar significados ao movimento, por exemplo, oferecer situações imaginárias onde o aluno possa realizar exercícios de força, flexibilidade e equilíbrio dinâmico com seu corpo, de acordo com a velocidade do pulso e da intencionalidade de melodia.

3.- Trabalho na intencionalidade da música: Expressar através do movimento os sentimentos e emoções que a música cria em cada um dos alunos.

4.4. Artes Plásticas

Em relação aos Elementos das Artes Plásticas, consideramos aqui a necessidade de ensinar a confeccionar todos os elementos que acompanham ou fazem parte da expressão da Cultura Corporal, tendo na confecção de brinquedos a oportunidade ideal para que os alunos se apropriem das atividades lúdicas realizadas por seus antepassados, recuperando em cada uma delas os contextos históricos dos quais os brinquedos e as formas de brincar fazem parte.

Nesta perspectiva a construção de brinquedos é muito mais que a confecção de um instrumento para brincar. Há em cada um deles um passado cheio de sensações e percepções que foram sentidas por nossos pais e avôs; em cada brinquedo e brincadeira está impregnada a história da vida das pessoas. Ao brincar, voltamos a sentir os que nossos antepassados sentiram, formando uma ponte que nos impregna de identidade.

Fazem parte também desses elementos a confecção de vestuários e/ou implementos que facilitem a representação (materiais tradicionais e/ou alternativos da ginástica, dos esportes e do cotidiano), cenários, disfarces, máscaras, instrumentos musicais entre outros. Isto é a fabricação de materiais que possam ser utilizados nas aulas de Educação Física, seja no âmbito escolar ou na comunidade.

Por esta razão os Elementos das Artes Plásticas e os Elementos das Artes musicais podem estar presentes nas aulas, já que eles enriquecem a nossa atuação profissional.

4.5. Artes Cênicas

As Artes Cênicas deveriam ser um dos nossos pontos centrais de intervenção profissional, dado que elas se constituem na base da Expressão Corporal, tida como *“A capacidade que permite expressar idéias, pensamentos, emoções e estados afetivos com o corpo. Portanto é uma capacidade de síntese que agrupa todas as outras capacidades no relacionamento com o ambiente”*. (PÉREZ GALLARDO E COLABORADORES, 1997).

O processo de construção que orienta a Educação Física Escolar é o Socialização/Sociabilização, então, devemos ter claro que a essência desse processo que é a interação social. Reconhecidamente a nossa forma original de comunicação foi a linguagem corporal, sendo eficiente nesta forma ancestral de comunicação, teremos mais chances de interagir com nossos pares.

É a arte de representar, de mostrar ao outros como sentimos e interpretamos os nossos sonhos e fantasias, é a arte de imitar e a capacidade de aprender que herdamos de nossos ancestrais, já que com a imitação experimentamos o mundo real das ações num espaço menos constrangedor, fato que a aproxima do jogo.

Por meio das representações podemos observar como a criança entende e compreende o mundo, uma ferramenta excepcionalmente útil no processo de avaliação do desenvolvimento.

Em relação aos Elementos das Artes Cênicas, que por suas características podem contribuir com nossa área, esses são muito abrangentes; no entanto, uns dos mais importantes são as Artes Circenses, já que através destas artes novos significados surgem, e a cada um de nossos conhecimentos e habilidades físicas, bastando imaginar um determinado personagem do mundo do circo e imitá-lo com nosso nível de domínio.

É por meio das Artes Cênicas que podemos ser qualquer coisa, pelo menos em nossa imaginação, e, dependendo do grau de desenvolvimento da capacidade de expressão corporal, conseguir a consistência do representado.

Como componente das Artes Cênicas encontram-se as habilidades da Ginástica (Ginástica Artística, Ginástica Rítmica Esportiva e Ginástica Acrobática), e os jogos e brincadeiras executadas com um alto grau de técnica e criatividade. Criatividade que permite criar um mundo que nos transporta ao imaginário e onírico. Uma outra fonte das Artes Circenses é a Ginástica Natural, a qual, através de suas variações, nos permite iniciar nos malabarismos e equilibrismos.

Como nas Artes Cênicas o objetivo é a representação de fatos da vida real e/ou fatos da imaginação, é o faz-de-conta a sua principal ferramenta no âmbito escolar e comunitário, tornando-se um desafio encontrar uma metodologia que permita que os participantes consigam representar com consistência as imitações, seja na mímica ou nas emoções dos personagens e/ou situações. As nossas pesquisas indicam que as ferramentas mais

adequadas são os contos dramatizados e as aulas temáticas (circo, carnaval, festas nacionais, dia do índio, desmatamento da floresta amazônica, etc.), através da seguinte metodologia:

4.5.1. As Artes Cênicas da Educação Física Escolar e Comunitária:

1. Criação de contos: Gravar fitas cassetes para crianças, Radiodifusão de contos infantis, Gravação de contos e/ou de lendas tradicionais, Gravação de contos criados por um grupo de crianças e que possibilitem sua colocação em cena no ginásio ou no playground, visando o desenvolvimento das capacidades e a estimulação da utilização das habilidades específicas do ser humano.

2. Colocação em cena de contos e/ou lendas tradicionais utilizando mediadores, tais como: Teatro de marionetes, com marionetes de dedos, de pano, bonecos articulados, fantoches. etc. Teatrinho: interpretação dos contos e/ou lendas tradicionais com o grupo de crianças.

3. Criação e representação de contos ou lendas tradicionais da cultura local, regional, nacional e/ou internacional. Utilizando o material ginástico tradicional ou alternativo para criar o cenário no ginásio ou no playground, visando ao desenvolvimento das capacidades e à estimulação das habilidades específicas do ser humano (por meio do faz-de-conta).

Finalizada a análise dos Elementos da Cultura Corporal que não têm uma especificidade para nossa área e por este motivo deveriam ser parte constitutiva de todas as metodologias, dado que elas representam como no caso das Ginásticas Formativas, os processos de aquisição das capacidades e habilidades dos outros componentes da Cultura Corporal, ou como no caso das Artes Musicais, Plásticas e Cênicas, os elementos desejáveis para realizar uma aula mais prazerosa e lúdica, assim, agora passamos a analisar os outros elementos que têm uma especificidade própria.

4.6. Os Jogos e ou brincadeiras

Maturana (1994, p. 89), “...na vida diária distinguimos como jogo qualquer atividade vivenciada no presente de sua realização e executada emocionalmente sem nenhum propósito exterior a ela. Ou, em outras palavras, falamos de jogo toda vez que observamos seres humanos ou outros animais envolvidos no prazer do que estão fazendo como se seu fazer não tivesse nenhum propósito externo”.

Apesar de nos parecer a definição acima descrita, como se os envolvidos nas atividades de jogos o estariam fazendo de maneira inconsciente, quando estas expressões culturais se manifestam, nelas ocorre um diálogo que permite aos participantes chegar a consensos para a sua realização. Por isso os jogos, como expressões de manifestações culturais com sentido lúdico, possuem um espaço próprio para os participantes, onde as normas e regras que orientam as atividades são respeitadas.

Assim, podemos partir do pressuposto de que qualquer atividade pode ser um jogo, dependendo da forma como ela é concebida pela pessoa que está participando dela. Depende para isto da forma e do estado de ânimo com que é percebida pelas pessoas que dela participam, como exemplo, a atividade de mutirão que é feita no campo, especificamente nas atividades da roça, as pessoas que a ela acodem voluntariamente a prestar seus serviços a consideram como um jogo.

Claro que com esta abrangência se corre o risco de acreditar que tudo e qualquer coisa são jogos; até pode ser, porém aqui estamos tentando o resgate do jogo com sentido pedagógico.

Assim, os jogos e as brincadeiras são parte fundamental da Cultura Corporal, dado que por seu intermédio nos apropriamos das diferentes manifestações culturais de forma lúdica da nossa cultura de origem. Assim, eles são parte integrante da nossa personalidade e identidade nacional.

Como os jogos são atividades lúdicas que outorgam prazer e agrado em sua execução, são conteúdos fundamentais para o processo educativo e de aprendizagem, já que eles passam a ser incorporados a nossas experiências, junto com as sensações e emoções de agrado e de prazer.

Essas experiências lúdicas passam a ser a fonte da qualidade de vida, dado que as ações dentro do jogo se constituem em uma experiência agradável, à qual podemos recorrer

em qualquer momento, seja para desfrutar novamente da ação ou simplesmente para sentir as sensações proprioceptivas que guardamos em nossa memória e as levamos à tona nas recordações.

Os jogos, brincadeiras, as atividades físicas e pré-esportivas devem servir para ampliar as fronteiras dos alunos, para abrir portas e janelas para o futuro, de forma que eles consigam ter experiências de vida, que lhes permitam adquirir (com base na aproximação do conhecido ou por conhecer) novas experiências e culturas, devendo promover a autonomia e a liberdade. No caso das atividades físicas e esportivas, quando ensinadas tendo como fim o domínio das habilidades esportivas ou técnicas (isto é com fim em si mesmas), criam a dependência do aluno ou atleta ao professor ou técnico, tendo que realizar apenas o que eles indicam, desde o como fazer, quando fazer e por que fazer. Assim o conhecimento passa a ser ferramenta de domínio, outorgando o poder que os adultos têm sobre as crianças.

Os jogos e brincadeiras que oferecem maior potencial educativo são aqueles que correspondam ao patrimônio cultural da família e do grupo social, sendo interessante ressaltar que em todas as culturas os jogos e brincadeiras estão presentes, mostrando seu valor e sua contribuição no processo de desenvolvimento filogenético e ontogenético das espécies que jogam e brincam.

Mais interessante ainda é comprovar a existência de jogos e brincadeiras específicas para cada uma das faixas etárias ou períodos de desenvolvimento e também das diferentes conotações que passam a ter as mesmas atividades lúdicas em diferentes períodos do ciclo de vida das pessoas.

Conhecendo as diferentes realidades sócio-culturais e os diferentes períodos do desenvolvimento humano, a escolha de jogos e de brincadeiras ganha um espaço e um potencial educativo que os transforma num recurso imprescindível no processo educativo da educação continuada.

Esse potencial está presente nas inúmeras formas de utilizar e aplicar os jogos e brincadeiras, segundo o propósito educacional, tais como:

- Na escolha de jogos e brincadeiras onde seja necessária a construção ou fabricação dos brinquedos ou dos elementos para brincar, fazendo uma ponte com as Artes Plásticas.

- Na escolha de jogos e brincadeiras onde seja necessária a representação, criando uma ponte com as Artes Cênicas.
- Na escolha de jogos e brincadeiras cantadas, percutidas e ou dançadas, fazendo uma ponte com a música e a dança.
- Na escolha de jogos e brincadeiras que possuam diferentes demandas energéticas, isto é, de pouca ou grande intensidade, utilizando-os para a melhoria da condição física.
- Na escolha de jogos e brincadeiras que possuam alguns elementos de outras atividades mais complexas, como os esportes.
- Na escolha de jogos e brincadeiras que possibilitem uma maior integração social, entre as outras muitas possibilidades de aplicação.

4.7 Os Esportes

São manifestações da Cultura Corporal que transcenderam ao jogo e às brincadeiras, passando a ser regulamentadas e tendo fim em si mesmas. Isso significa que têm definida toda a sua estrutura, desde as leis e regulamentos que orientam a atividade, até as formas de executar as habilidades que fazem parte de cada modalidade esportiva.

Por terem definição clara e precisa, essas atividades passaram a ocupar o lugar da Educação Física, especialmente nas Escolas, onde um conhecimento tão bem delimitado se torna um conhecimento seguro para desenvolver o processo pedagógico.

No entanto, essa clareza e simplicidade aparente das modalidades esportivas, tão atrativas para professores com formação profissional de duvidosa competência, fizeram desse conteúdo o hegemônico no âmbito escolar, chegando a ser considerado como o substituto da Educação Física na escola, problema indicado por Medina (1983) no livro *A Educação Física cuida do corpo e..... “mente”*.

Complica o panorama quando se analisa o currículo de formação profissional do Licenciado em Educação Física, onde os conteúdos orientados para as Atividades concentram mais de 60 % da carga horária total do currículo e onde as modalidades esportivas tradicionais ocupam mais de 80 % dessa carga.

Por outro lado, temos que os esportes oferecidos no currículo de formação profissional são os mais tradicionais, isto é: Atletismo, Futebol, Basquetebol, Voleibol, Handebol, Natação e Lutas, os quais são oferecidos no contexto do estudante/atleta (os requisitos de aprovação são provas que imitam a competição e que possuem níveis de rendimento para sua aprovação).

O ponto terrível desta história foi desvendado por Bracht (1992) em seu artigo “O Esporte na Escola ou o Esporte da Escola”, mostrando de forma clara os prejuízos à educação quando os esportes são aplicados na Escola sem realizar nenhuma modificação neles, onde as metodologias visam como única forma de execução às habilidades do esporte definidas a priori, orientando toda sua pedagogia a tentar fazer com que as crianças joguem o jogo esportivo competitivo. Todas as atividades se orientam a um só fim, deixando de lado a liberdade de expressão, o prazer de brincar, para atingir a seriedade do gesto. Sendo apenas um instrumento para ser difundido e ensinado em substituição de um saber de maior complexidade. É claro que existe uma complexidade social no mundo dos esportes, porém a metodologia de aprendizagem utilizada não vai além de ensinar a forma como se joga.

Por essa característica perde seu caráter pedagógico ou educativo, passando a ter um caráter técnico e competitivo, perdendo todo seu caráter pedagógico ao criar a dependência e a submissão do aluno ao atleta, submissão tão característica da escravidão. Porém quando flexibilizados, para que todos os integrantes de um grupo social possam vivenciar-lo, perde o caráter competitivo tornando-se uma importante ferramenta educativa.

A principal fonte de recursos humanos ainda é a Escola, daí a necessidade de que a Escola ofereça um grande número de manifestações culturais e alternativas de esportes. Devemos pensar que cada uma das diferentes modalidades possui características próprias, com exigências específicas para seus praticantes. Isso significa que os atributos para serem bem sucedidos numa modalidade esportiva podem ser encontrados na própria vivência e não na prática, já que quem pratica regularmente já definiu a sua modalidade.

4.8. As Lutas

São manifestações culturais da Cultura Corporal que reproduzem as formas históricas de enfrentamento (dependendo do objetivo com que são desenvolvidas) e de preparação para o combate, totalmente ineficientes no mundo atual comandado pela tecnologia, porém cheias de tradições e de formas simbólicas de combate.

São esses rituais históricos com suas formas de combater visando à destruição ou à submissão do outro, que foram transformadas em atividades com características pedagógicas. Não podemos negar que essas atividades visam à negação do outro, porém, quando vistas como elementos que permitem proteger os nossos grupos sociais, guardam todo o potencial de altruísmo, isto é, a preparação de alguns dos integrantes do nosso grupo social para nos proteger. O problema é: nos proteger de quem?

Temos na nossa memória recente a função de proteger-nos das forças armadas, as que voltaram as armas contra seu próprio povo em vez de proteger-nos contra inimigos externos. Assim fica em pé a pergunta proteger-nos de quem?

A Capoeira é considerada uma forma de luta mais pedagógica, porque ela nasce com uma função específica de se defender, sabendo muito bem de quem, nela as agressões são simbólicas e transformadas numa dança lúdica, onde a habilidade e a plasticidade são mais fortes e valoradas que o poder destrutivo das ações. Ela emerge das necessidades reais de sua população, onde a engenhosidade, a criatividade e a flexibilidade para se adaptar ao jogo do outro constituem o elemento principal dela. É pena que, por ser representativa de um grupo social que é considerado marginal pela classe hegemônica, tenha também marginalizado essa forma particular de luta, somente valorizada quando a mídia passa a interessar-se por ela, porém destacando aqueles elementos que para ela são importantes, descaracterizando-a de seu verdadeiro papel social.

As outras formas de lutas como o Karate, a Esgrima, o Judô, o Box, entre outras, possuem as mesmas características que os esportes, onde depende de seu grau de flexibilização a sua contribuição à Educação Física Escolar e comunitária.

Assim, com este panorama, enfrentaremos no próximo capítulo a atuação profissional no Ensino Médio.

Capítulo V: Formação de Líderes Comunitários

Baseando-nos no panorama da atual Formação Profissional, das condições em que se encontra a Educação Física no Ensino Médio e nas características dos alunos que cursam este segmento escolar, podemos abordar o objetivo central da Tese.

Este estudo se constitui numa continuação do estudo de Schönardie (2001), que elaborou a tese: Educação Física na 1ª Série do Ensino Médio: Uma Prática por Compromisso, objetivando capacitar o aluno da 1ª Série do Ensino Médio a desenvolver com autonomia, programas de condicionamento físico para a melhoria da performance esportiva e/ou o nível de aptidão física relacionada à saúde. Nosso estudo procura oferecer uma fundamentação acadêmica e subsídios para a elaboração de uma proposta de formação de Líderes Comunitários para os alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, organizando o material necessário para a estruturação desta proposta.

Ao investigarmos uma proposta de Educação Física do Ensino Médio de Schonardie (2001), concordamos com ele que o aluno, mais do que receber informações, deve estar motivado e capacitado para buscar, com as pesquisas e experiências do dia-a-dia, as informações e o condicionamento físico necessários para sua integração no mundo social, utilizando-se para isto uma avaliação de espírito crítico-criador. Assim, o aluno passa não só a receber as informações e os condicionamentos físicos da Educação Física, mas também retribuir estas informações, aplicando-as na sua comunidade, através de uma avaliação por compromisso.

Para esta finalidade, Schonardie (2001) buscou alternativas de análise, através de um Processo de construção de Socialização/Sociabilização, valorizando a Formação Humana e a Capacitação para viabilizar o desenvolvimento da Educação Física na 1ª Série do Ensino Médio priorizando uma prática por compromisso.

O Objetivo Geral de sua tese foi capacitar o aluno da 1ª Série do Ensino Médio a desenvolver, com autonomia, programas de condicionamento físico para melhoria da performance esportiva e/ou em nível de aptidão física relacionada à saúde.

O desenvolvimento metodológico contou com a participação de 28 adolescentes, sendo 10 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, alunos da 1ª Série da Escola Estadual

de 2º Grau Ruy Barbosa da cidade de Ijuí – Rs. Esses alunos receberam três horas aulas semanais que totalizaram 112 aulas de Educação Física, durante o ano de 1999. O conteúdo da disciplina contou com os conhecimentos teóricos e práticos em nível geral e específico das capacidades motoras de força, resistência, velocidade e flexibilidade, mais os conteúdos escolhidos pelos alunos e os previstos pela Escola. Para os depoimentos dos professores das demais disciplinas do curso, da coordenação pedagógica e dos alunos envolvidos foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin (1987), para os Testes Cognitivos, Motores e as Medidas Antropométricas; durante os quatros bimestres foram utilizados a média aritmética e o percentual, observando o sexo.

Nos resultados gerais ao final do ano letivo, além dos resultados quantitativos do desempenho cognitivo, motor e antropométrico dos alunos, foram registradas as manifestações qualitativas dos professores, da coordenação pedagógica e dos alunos, como: “foi muito construtivo o que aprendemos este ano; como é importante praticar exercícios físicos corretamente; a Educação Física é muito mais importante do que eu pensei; aulas totalmente diferentes do que eu já fiz, foram envolventes, divertidas e os alunos faziam as atividades por gostar e não por obrigação; o professor nos ouvia; quando comecei a gostar das aulas não faltei mais e me dediquei ao máximo”.

Como resposta deste trabalho surgiu o Livro do Aluno, que será reavaliado e dará informações para as 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, ao mesmo tempo que oferece oportunidades para reconhecer as características dos alunos, para suprir suas necessidades e para atingir suas expectativas, levando-o à independência, à liberdade de atuação e à apropriação do mundo da cultura corporal.

Para satisfazer os objetivos de nossa tese, baseando-nos no estudo de Schonardie (2001) e nas características do aluno que frequenta as duas últimas séries do Ensino Médio, e levando em consideração alguns conteúdos da formação profissional em Educação Física, os que podem ser utilizados pelos alunos deste segmento escolar em suas práticas cidadãs, iniciamos nossa tarefa, que é oferecer uma grade curricular que permita capacitar os alunos da segunda e terceira séries em Líderes Comunitários.

Partimos do pensamento de que estes alunos estão envolvidos em atividades requeridas pelos seus respectivos espaços sociais, tais como: organização de festas,

excursões, campeonatos esportivos e recreativos, atividades lúdicas e de jogos, além de outras. (Anexo 2).

Também estamos cientes de que esta faixa etária tem certas características de comprometimento com seus grupos sociais e que muitas vezes a pressão do grupo os leva a cometer atos que vão contra as normas de convívio social. O grupo social passa a ter uma influência maior que a família e as instituições escolares, características já discutidas no capítulo II.

O panorama da Educação Física no Ensino Médio analisado no capítulo III, onde ela não passa a ser mais que uma atividade sem nenhuma relevância para eles e para a sociedade nos impulsiona a oferecer uma alternativa para esta, que leve em consideração, estes aspectos verificados.

Tal qual como indicamos no capítulo I sobre a função da Escola, cabe-lhe socializar o conhecimento universalmente produzido, com todos os integrantes da sociedade escolar, de acordo com as características, necessidades e expectativas da população escolar. Assim lhe cabe também possibilitar a vivência de valores humanos relevantes para viver nesse grupo social (Normas, Regras e Regulamentos que fazem parte de sua organização social), isto é, a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade e capacitados para intervir quando ela o necessite. Isso será possível preferentemente nas duas últimas séries do Ensino Médio, dado que este aluno já está participando efetivamente em grupos sociais e é detentor de um conhecimento que lhe permite contribuir para o desenvolvimento de seu grupo social.

Por outro lado, o currículo de formação profissional dos professores de Educação Física contempla estes conhecimentos, tal como foi comprovado por Schonardie (2001) na análise dos conteúdos do currículo de preparação profissional, os quais possuem conhecimentos sobre administração e/ou gerenciamento de atividades e de preparação física. Esses conhecimentos podem ser a base para capacitar os Líderes Comunitários.

Dentro desta visão, não seria necessária a reformulação da grade curricular dos cursos de formação de professores de Educação Física; o que é necessário é a mudança de enfoque de como estes conhecimentos podem ser socializados.

A seguir, apresentamos os conhecimentos que acreditamos sejam úteis à formação de Líderes Comunitários.

5.1. Conceito de Líder e Liderança:

5.1.1. O que é Liderar?

Quando pensamos na figura de um líder comunitário remetemo-nos a alguém muito carismático, dinâmico, com muito talento, cultura e habilidade de influenciar as pessoas.

Todos esses atributos podem estar presentes na figura de um líder, mas absolutamente não serão suficientes para garantir a condução do grupo ao sucesso. O verdadeiro líder não é o expoente do grupo, é aquele que sabe de forma discreta dinamizar o grupo para que ele brilhe e conclua os objetivos a serem alcançados.

Para Dohme (2001) os principais atributos que deve um líder buscar são:

- Ver a organização (escola e/ou comunidade), como um conjunto e ter exata noção de onde a equipe, como um todo, precisa chegar.
- Ter os conhecimentos necessários (não necessariamente conhecimentos absolutos) de como atingir esses objetivos.
- Comunicar às pessoas do seu grupo uma visão global do projeto e como a equipe se encaixa nela.
- Compreender cada elemento de seu grupo, perceber suas necessidades e procurar articulá-las interna e externamente.
- Estabelecer um ambiente propício para que cada elemento de sua equipe desenvolva o senso crítico em relação ao desempenho do grupo, manifestando-o aos demais em busca de soluções para o aperfeiçoamento do grupo.
- Trazer às discussões da equipe os elementos e as informações necessários para a tomada de decisões, orientando e aceitando essas conclusões, defendendo-os perante as demais equipes da escola e/ou da comunidade.
- Motivar e orientar os elementos de seu grupo a trabalharem em prol da tarefa.
- Ter uma visão clara do desempenho do grupo e das habilidades de seus elementos para direcioná-los às funções adequadas.
- Ter habilidade para perceber indícios de conflitos, deflagrando ações que possam satisfazer os descontentamentos e estando sempre pronto a aconselhar e mediar.
- Desejar sinceramente o sucesso do grupo, estar constantemente motivado e ter energia suficiente para o trabalho.

5.2. Outros pontos a serem exercidos pelo Líder Comunitário:

5.2.1. Respeito e autoridade

A liderança que determinada pessoa exerce para executar a coordenação de uma equipe pressupõe sempre poder. E o que vem a ser poder? Basicamente, seria a autonomia para implementar as decisões e ações da equipe dentro do contexto em que o grupo está inserido.

Muitas vezes essa autonomia está associada à posição que o sujeito ocupa na hierarquia escolar e/ou na sociedade, mas essa é uma visão muito limitada de poder. “Ter poder” é “ser capaz de”, o que combina muitos atributos provenientes da posição que ocupa com as capacidades pessoais. Podemos chamar a junção dessas duas situações de autoridade.

Essa autoridade sozinha também de nada adianta; ela precisa assumir responsabilidade. Assim, a liderança seria o assumir responsabilidades que serão desempenhadas mediante o exercício da autoridade.

Se autoridade sem responsabilidade não realiza nada, o contrário, responsabilidade sem autoridade, leva a situações muito mais difíceis.

Geralmente o que se observa nesses grupos (escolas e comunidades) é que o líder de determinado grupo não tem toda a autoridade necessária para levar a cabo um projeto; ele não é autônomo, portanto, precisa comunicar-se constantemente com as pessoas com as quais divide a autoridade.

Isso normalmente causa muita confusão, retarda o processo e, em situações extremas, mudam constantemente o direcionamento das ações. O ideal é que cada líder de grupo tenha autonomia suficiente para dar cabo das responsabilidades que lhe estão relacionadas.

É claro que o professor de Educação Física supervisiona, orienta e opina sempre que necessário, mas, estabelecendo as diretrizes básicas de como determinada equipe, deve funcionar, o líder deve receber autonomia suficiente, passando a dar retorno dos resultados.

Outra observação importante é que, quando o professor intervém, se reporta diretamente aos membros do grupo, querendo influenciar ou impedir ações estabelecidas e

outras intromissões, acabam “esmagando” o líder, levando, invariavelmente, o grupo ao fracasso.

Os professores não devem nunca esquecer que os líderes comunitários são alunos que trabalham incansavelmente porque acreditam nos objetivos sociais da escola e/ou comunidade; por isso devem ser respeitados, valorizados e apoiados, pois o sucesso do seu trabalho vai reverter no sucesso do seu grupo e/ou sua comunidade.

Infelizmente, ainda existem professores que se sentem ameaçados e que têm ciúmes e concorrem com os líderes comunitários. Não percebem que, ao diminuírem o brilho de seus alunos, escurecem seus próprios domínios.

5.2.2. Tentações da Liderança:

Dohme (2001) nos esclarece que para liderar o aluno precisa ter autodomínio e uma constante revisão dos valores que norteiam a vida pessoal, mas, principalmente, um cíclico relembrar que os objetivos da equipe (da organização) preponderam sobre os objetivos individuais. E nesse particular novamente as personalidades e as características individuais falam altos e podem levar a situações que complicam o desempenho do trabalho em grupo.

Vejamos quais são as principais ameaças que levam um líder comunitário a desviar-se de suas funções de “mediador” do seu grupo:

5.2.3. O líder com personalidade narcisista

É claro que a maioria das pessoas traz uma boa dose de auto-estima, e isso é muito bom. Porém, o narcisista exagerado é obcecado por sua imagem e pelos efeitos que ela produz e, por querer sempre causar uma boa impressão, tem medo de se expor. É indiferente ao próximo. Vive fechado dentro de si e tem uma permanente necessidade de ser compreendido, valorizado e admirado.

Nessas condições, as outras pessoas só existem para dar suporte aos seus desejos. Assim, é claro que um líder narcisista nunca irá viver e trabalhar comunitariamente com os demais; seus grupos tendem a não frutificar.

5.2.4. O líder com vocação autoritária

Esse estilo de líder crê ser o protagonista de todas as ações do grupo, precisa pensar e agir por todos. Não admite que nada aconteça sem que ele tenha conhecimento, quer saber de todas as propostas, por menores que sejam, desprezando-as com facilidade quando

não se encaixam no seu modo de pensar. Assume um papel de “fiscal” do grupo, o que desempenha com perfeição.

Como não há “espaço” para ninguém, os voluntários cansam-se de não colocar o seu potencial no trabalho, tornam-se angustiados e, desanimados, abandonam a equipe ou tornam-se marionetes que obedecem cegamente, evitando dar suas opiniões, o que acaba por deixar também o líder sozinho, à mercê somente de suas próprias possibilidades, sem contar que, sobre essa aparente apatia, se escondem poderosos sentimentos de agressividade, hostilidade e rebeldia.

5.2.5. O líder com a síndrome do “salvador”

É um líder que não convive com as adversidades, pois teme que isso revele suas fraquezas. Desenvolve uma imagem de “todo poderoso” que encontra solução para tudo, adotando uma postura misteriosa, às vezes até mística, postergando eternamente as decisões mais difíceis.

Isso o impede de colocar-se frente a frente com os problemas e de desenvolver alternativas criativas diante de seu grupo; pessoas que precisam de alguém que assuma as responsabilidades por elas, que se iludem com promessas e acreditam que, mesmo sem ver resultados, “estão fazendo algo”.

5.2.6. O líder “bonzinho”

É muito simpático humilde e sempre concorda com a maioria, mesmo que isso afronte os interesses do grupo e da própria organização, pois para ele isso não é tão importante quanto estar bem com todo mundo. É o “rei dos acordos”, que na maioria das vezes não são falados, mas sentidos. Com o tempo, os liderados começam a perceber quais pontos o líder dá importância e que gostaria de impor; cedem então ‘a sua vontade, “trocando-a”, em contrapartida, por ações que não poderiam ou deveriam ser feitas, mas que o líder dá um “jeitinho” de fazer que não está vendo acontecer. No fundo, a relação é de “você faz de conta que manda que nós fazemos de conta que obedecemos”.

É claro que nessa relação ninguém evolui e os interesses da organização podem ser muito prejudicados.

5.2.7. O Líder Laissez-faire (deixar fazer ou anárquico)

É passivo, é um pseudodirigente que segue o grupo e pelo mesmo motivo ele é prescindível (o fato de ter ou não ter líder não tem maiores repercussões no grupo). Há total liberdade para tomar qualquer decisão, individual ou grupalmente. O líder limita-se a observar e se omite de participar. Fornece os materiais ou informações só quando lhe são solicitadas. Não tenta valorizar ou regular o curso dos acontecimentos. O grau de satisfação dos membros do grupo, assim como a sua produtividade, é baixa. Por outro lado, se observa desordem, anarquia, agressividade. O mais forte se impõe.

5.2.8. O Líder Democrático

Para ele cada membro do grupo é importante. O grupo centra sua atenção nele. Consegue um clima de respeito e de ampla participação. Delega autoridade e responsabilidade e não possui o monopólio das comunicações internas do grupo. O líder sinaliza passos gerais para atingir a meta do grupo, sugere dois ou mais procedimentos alternativos para que o grupo decida por algum. Consegue que os membros trabalhem mais motivados e interessados de que pela utilização de controle ou normas disciplinares. A atitude de confiança na capacidade dos integrantes do grupo e do respeito para com cada um contribui para que as decisões sejam tomadas coletivamente.

Síntese

- Os grupos liderados pelo Laissez-faire trabalham menos que o estilo autoritário ou democrático. A produtividade do grupo democrático é insignificamente menor que o autoritário.
- Os grupo com liderança autoritária tendem a ser mais dependentes do líder e precisam de mais atenção. Os grupos em situação democrática mostram mais iniciativa para empreender novos trabalhos ou para seguir trabalhando na ausência do líder.
- Outras diferenças a favor da liderança democrática: Moral alto, maior unidade do grupo, maior capacidade para enfrentar situações e/ou sentimentos agressivos.

À continuação se apresenta no Quadro 6 com um resumo sobre o comportamento dos Líderes.

QUADRO 6 – Comportamento dos Líderes

Comportamento do Líder	Autoritário	Democrático	Laissez-faire
Tomada de decisões	Unicamente pelo chefe	De comum acordo com o grupo	Indeterminado, fraca participação do chefe.
Determinação das atividades e das técnicas	Dadas pelo chefe	Objetivos gerais demarcados pelo chefe indicando alternativas	Nenhuma ajuda do chefe, oferece o material ou informações.
Divisão de tarefas	Pelo chefe	Divisão espontânea do trabalho	Nenhuma intervenção do chefe
Composição dos grupos de trabalho	Pelo chefe	Livre escolha de cada um	Nenhuma intervenção
Apreciações	Do tipo "pessoal" (estímulo, crítica)	De tipo objetivo	Nenhuma não ha comentários.
Participação nas atividades	Nenhuma participação	Participa	Nenhuma participação

Uma técnica eficaz para trabalhar na formação de líderes é o estudo de casos, que consiste na análise de uma situação, fictícia ou real, que esteja relacionada com algum problema típico do grupo de trabalho (conflitos e formas de condução mais freqüentes).

5.3. Funções e Atribuições do Líder Comunitário:

Fritzen (1992) nos apresenta as seguintes funções e atribuições.

1ª Função:

Ajudar a organização do grupo

Capacidades:

- a) Compreender por que os membros se ajudam e por que continuam a pertencer ao grupo.
- b) Compreender as forças que afetam os indivíduos e os grupos no início da vida do grupo.
- c) Habilidade para ajudar o grupo a organizar-se na busca de objetivos.
- d) Habilidades para ajudar o grupo a desenvolver os objetivos próprios da organização.

2ª Função:

Ajudar os membros do grupo a serem mais eficientes como pessoas e como membros do grupo

Capacidades:

- a) Conhecimento dos conceitos de liderança de grupo e habilidade para aplicá-los.
- b) Habilidades de comunicação.
- c) Habilidade para desenvolver mais abertura entre os membros do grupo.
- d) Habilidades para ajudar os membros do grupo a dar e receber <<feedback>>.
- e) Habilidade para esclarecer as expectativas dos membros e o uso do conflito para uma aprendizagem construtiva.
- f) Habilidade para responder construtivamente ao comportamento dos membros do grupo.
- g) Habilidade para desenvolver um clima de crescimento tanto para os membros do grupo como para o crescimento do próprio líder.

3ª Função:

Ajudar o grupo a desenvolver o seu programa

Capacidades:

- a) Um conhecimento da comunidade da qual o grupo é uma parcela – seus problemas, necessidades, características e recursos.
- b) Compreensão das necessidades, problemas, preocupações, interesses, condições, estilo de vida e as tarefas básicas de crescimento de seus membros.
- c) Ajuda o grupo para que se torne mais inventivo e criativo no programa.
- d) Habilidade para ajudar o grupo a relacionar-se com uma comunidade maior.

4ª Função:

Ajudar o grupo para que seja mais eficiente como grupo

Capacidades:

- a) Conhecimento dos estágios de desenvolvimento do grupo e suas solicitações de mudança.
- b) Habilidade para ajudar os membros a identificar, desenvolver e manter o padrão do grupo.
- c) Habilidade para ajudar o grupo na solução de seus problemas.
- d) Compreensão dos efeitos da cooperação e da competição nos grupos.
- e) Conhecimento sobre a maneira de como o grupo obtém informação a respeito do seu próprio desempenho.
- f) Compreensão da função do grupo no processo da mudança social.
- g) Habilidade para servir como consultante e de recurso para o grupo e para os seus membros.

5ª Função:

Ajudar para que o líder possa crescer como pessoa humana.

Apresentadas as funções e atribuições dos líderes, vamos nos deter agora no conceito de grupo e necessidade de seus membros.

5.4. Conceito de Grupo e Necessidades de seus Membros:

5.4.1. Que é um grupo?

Um grupo caracteriza-se por um objetivo comum que canalize todas as forças numa só direção e que unifique as aspirações de todos os membros do grupo. O ideal é que o objetivo seja considerado realmente importante pelos membros do grupo e que este objetivo seja realista.

5.4.2. Relações pessoais entre os membros.

Deve existir intercomunicação entre os membros do grupo (afinidade, harmonia, amizade, confiança, etc.).

5.4.3. Interações dependentes e ou cooperativa.

Apoio entre os membros para realizar um trabalho, para alcançar o objetivo.

5.4.3.1. Ação Competitiva: cada membro do grupo condiciona o resultado ao esforço pessoal, independentemente dos outros. Superar, chegar em primeiro lugar constitui a dinâmica essencial da ação individual e/ou competitiva.

5.4.3.2. Ação Cooperativa: ninguém pode alcançar o objetivo sem os outros. Depende e se apóia no esforço dos demais. Não é o indivíduo, mas o grupo, que consegue o objetivo, sem destruir, evidentemente, o suporte pessoal de cada um.

Síntese:

O grupo é a união de varias pessoas que se intercomunicam e interatuam numa ação cooperativa para conseguir alcançar um objetivo que é comum a todos os membros do grupo, que dificilmente poderia alcançá-lo sozinho.

5.5. Níveis que compõem um Grupo:

5.5.1. Nível de conteúdo: diz relação como o Para quê? Isto é, com os objetivos do grupo. A necessidade de outorgar-lhe um sentido ou significado à ação, de saber para onde se encaminha e o que se deseja alcançar, de ter uma boa razão para esforçar-se e fazer sacrifícios pelo grupo.

5.5.2. Nível sócio-emocional: refere-se à qualidade das relações entre os membros do grupo, é a rede de interações afetivas e emotivas que facilitam ou dificultam o caminhar do grupo rumo ao objetivo. Encontram-se aqui as necessidades de ser respeitado, de

comunicação, de estabelecer relações de amizade, de querer e ser querido, de estimação, entre outras.

5.5.3. Nível de procedimento: refere-se a todas as ações que realiza o grupo para alcançar seus objetivos (planejamento, reuniões, regulamentos, etc.). Aqui se localizam as necessidades de ser levado em conta, de se sentir útil e valioso ao grupo, de auto-estima e autovalorização.

5.6. O Grupo

5.6.1. Por que as pessoas entram num Grupo?

- a) Pelo atrativo da atividade que desenvolve o grupo.
- b) Pelas pessoas que estão no grupo.
- c) Por necessidades pessoais, para conhecer gente, para adquirir prestígio, etc.
- d) Por mais de uma das razões citadas anteriormente.

5.6.2. Fatores que aumentam o atrativo do Grupo.

- a) **O prestígio:** Quanto mais prestígio obtenha uma pessoa dentro de um grupo ou quanto mais acredita tê-lo, mais se sentirá atraída por esse grupo. Pessoas que estão alocadas em posições de maior autoridade (que possuem certos cargos) e respeito aos outros, são mais atraídas pelo grupo que aqueles que se encontram em posições subalternas.
- b) **A cooperação:** uma relação de cooperação entre os membros do grupo acaba por ser mais atrativa que a competição, dado que se realça o valor de trabalho em equipe e a necessidade de salientar o esforço grupal mais que a execução individual.
- c) **O tamanho:** Num grupo pequeno é mais fácil estabelecer contato com os outros membros do grupo; a descoberta de interesses em comum aumenta a sensação de ser importante dentro do grupo. Tudo indica que o aumento no tamanho do grupo reduz o grau de participação individual, de intimidade e de dedicação.
- d) **O êxito:** Os membros mostram mais tendência a incorporar-se a grupos ou a continuar neles, quando os grupos obtêm êxito ou prestígio.

5.7. Proposta de Formação de Líderes Comunitário

Como foi apresentada anteriormente, a formação de líderes comunitários deve conter no seu cerne algumas características como:

A Educação Física Escolar deve procurar então alcançar seus objetivos, seus ideais de educar o homem em suas áreas biopsicossociais harmonicamente, para que este homem possa expressar-se e ser participante ativo em sua realidade, em sua história.

“Tanto o corpo quanto a mente devem ir à Escola, mas ambos para transformar, crescer..., e, não, um para aprender, outro para transportar” (FREIRE, 1989, pg.13).

Corpo-mente é uma unidade, não há corpo separado da mente, e, não existiria mente se não houvesse corpo; logo, esta sintonia, esta unidade poderá fazer com que as pessoas se harmonizem, começando dentro delas mesmas.

A Educação Física deve dar oportunidade aos alunos de amadurecimento, resgatando valores fundamentais da vida humana: “A mobilidade, o lúdico, a sensibilidade e a fisionomia unitária do homem” de acordo com Santin (1987).

E é através das aulas de Educação Física na escola que permite um conhecimento do corpo, que devemos trabalhar nos alunos, atitudes conscientes. Não simplesmente, uma “aula por aula”, por dever, mas uma oportunidade, a partir da Educação Física consciente na Escola, de se conhecer, conhecer os outros e se situar melhor no seu mundo.

Vem-se sentindo uma sobrevalorização do esporte em detrimento do jogo dentro e fora dos muros escolares. Por que tal fato vem ocorrendo? Sabemos que a Educação Física vem se colocando muitas vezes em função de um pragmatismo que valorizou muito o produto em vez de se dar conta da importância do processo, não considerando que, através desse último, efetivamente as mudanças mais profundas se estruturam nos indivíduos.

Através dessa ênfase foi buscar uma metodologia cujo objetivo é a perfeição de exercícios, o rendimento no domínio dos movimentos. O esporte vem se enquadrar nessa proposta dentro de uma ideologia a serviço do poder, com uma preocupação mais voltada para a quantidade do que para a qualidade de vida, do “ter” em detrimento do “ser”, mostrando certo desprezo em relação aos aspectos humanos. As consequências dessas práticas alienantes acabam produzindo homens estranhos até na execução dos próprios movimentos, pois acaba considerando o corpo humano como uma máquina submissa às

leis do rendimento, não se importando com os malefícios que essa prática possa causar no futuro.

Essa hipervalorização do esporte muitas vezes leva os profissionais de Educação Física a não perceberem a dimensão educativa desta, transformando o esporte escolar numa competição onde os mais “poderosos” merecem atenção e os inimigos abatidos se traduzem em pontos ganhos, transformando-se nos fracos que não fazem mais úteis, são “naturalmente” eliminados.

Então, por que não planejarmos um novo caminho para as aulas de Educação Física através da valorização das vivências e experiências dos alunos, de forma a valorizar o lúdico, que é um traço da personalidade dos homens que vai da infância até a idade adulta, caracterizando-se por sua oposição ao real, por uma quebra do formal, a uma forma criativa, pois o ato lúdico é um ato criativo, onde deve se fazer presentes a reflexão e o questionamento? É necessário investigar esses aspectos, sua importância e seu valor, na tentativa de resgatá-los a fim de contribuir para uma Educação Física que não seja reprodutiva, mas, além de tudo, produtiva e transformadora.

Pretende-se incorporar definitivamente o jogo na Educação Física de forma lúdica que amplie uma comunicação com o mundo e com as outras pessoas, aproveitando os elementos da cultura que vive para “jogar” com eles, de modo a aproveitar o que essa cultura oferece.

Também há de se diferenciar o fenômeno esportivo enquanto perspectivas de alto rendimento ou espetáculos da prática de lazer. No esporte espetáculo há uma tentativa de se produzir, no plano micro, a estrutura global da sociedade, na qual imperam valores fortemente marcados pela competitividade, agressividade, prestígio pessoal, político, entre outros. Como prática de lazer, jogos lúdicos, o esporte contempla a automatização, colocando o elemento prazer em evidência. Além disso, é favorecidas, pelas vivências lúdicas espontâneas, situações significativas capazes de interferir em mudanças atitudinais e de condutas. A atividade lúdica, o jogo esportivo tem na cooperação possibilidades de formação de seres íntegros, equilibrados, alegres, solidários, criativos, cientes de suas qualidades e dificuldades, respeitadores dos menos habilidosos, sensíveis, com identidade pessoal preservada e cooperativa no coletivo, entre outras.

5.8. Planificação da Educação Física para o Ensino Médio

O Conceito de Orientação para a escola de Ensino Fundamental e Médio deve ser a "*Socialização*", entendida como a apropriação e respeito pelas diferentes formas de organização social (normas, regras e regulamentos) pelas quais se organizam as diferentes instituições da sociedade (Formação Humana) e pela apropriação dos diferentes conhecimentos que se acreditam úteis para viver nessa sociedade (Capacitação).

A proposta de objetivos para o Ensino Médio e para cada uma das séries é a seguinte:

Ensino Médio: da 1ª à 3ª séries: Objetivo Geral: Rumo à autonomia e à vida em sociedade

Objetivos específicos para cada série:

Educação Física na 1ª série: Conhecendo e administrando o corpo

Objetivos: Facilitar a vivência e apropriação de todos os conhecimentos necessários à melhoria da condição física, tanto geral como específica da modalidade que o aluno pratica, oferecendo-lhe a oportunidade de utilizar de forma autônoma estes conhecimentos (SCHÖNARDIE, 2001).

Educação Física na 2ª série: Criando Líderes comunitários para a escola.

Objetivos: Facilitar a apropriação de todos os conhecimentos necessários à organização e administração de atividades educativas e educativo-físicas que são utilizadas na escola, fazer com que os alunos desenvolvam estas atividades com grupos de interesses de alunos no espaço extra-escolar.

Educação Física na 3ª série: Criando Líderes comunitários para a comunidade.

Objetivos: Facilitar a apropriação de todos os conhecimentos necessários à organização e administração de atividades educativo-físicas que são utilizadas na comunidade à qual a escola pertence, fazer com que os alunos desenvolvam estas atividades com grupos de interesses de alunos, pais, professores e pessoas da comunidade onde a escola está inserida.

5.9. Planejamento dos conteúdos da Educação Física do Ensino Médio

5.9.1. Primeira série:

Primeiro semestre: Análises e vivência de todos os conhecimentos necessários para capacitar ao aluno a desenvolver de forma autônoma programas de condicionamento físico geral.

Principais temas a serem abordados:

- Conhecimentos sobre o corpo e as principais mudanças da puberdade distintas entre os sexos.
- Medidas e avaliações corporais.
- Formas e estratégias para desenvolver a Força, Velocidade e Resistência.

Segundo semestre: Análises e vivência de todos os conhecimentos necessários para capacitar o aluno a se desenvolver de forma autônoma, programas de condicionamento físico específico, segundo a modalidade de seu interesse.

Principais temas a serem abordados:

- Análises biomecânicas das modalidades mais praticadas pelo grupo (demandas energéticas, tipo de habilidades, técnicas de execução, estratégias de competição, históricos da modalidade, etc.).
- Aplicação destes conhecimentos dentro dos grupos de interesses.

Sugestões de Atividades para o professor

Para o primeiro semestre:

- Programar as aulas na forma de seminários, onde os alunos pesquisem e apresentem os resultados de suas investigações.
- Realizar aulas teórico-práticas analisando os diferentes sistemas de condicionamento físico, indicando os pontos positivos e negativos de cada um.

Para o segundo semestre:

- Formar pequenos grupos de interesse de práticas esportivo-recreativas: Aeróbica, Atletismo, Ciclismo, Patinagem, Futebol, entre muitas outras.
- Estimular que os alunos desenvolvam planos de atuação nas modalidades escolhidas pelos alunos, em horários extraclasse.
- Analisar aula a aula as atividades desenvolvidas pelos alunos, discutindo com eles os problemas enfrentados durante a prática das modalidades escolhidas.

- Realizar avaliações por compromisso, isto é, acompanhar os planos de atividades dos alunos e se os objetivos propostos por eles estão ou não sendo alcançados.

5.9.2. Segunda série:

Primeiro semestre: Análises dos conhecimentos necessários para capacitar o aluno para gerenciar atividades físicas e recreativas em sua escola.

Principais temas a serem abordados:

- Fundamentos de cidadania: O que é uma sociedade? Como viver dentro da sociedade? A responsabilidade de um cidadão (direitos e deveres).
- Análises dos principais problemas da escola e da comunidade e alternativas de solução para os mesmos.
- Conhecimentos sobre liderança
- Conhecimentos sobre administração de grupos.
- Conhecimentos sobre organização de eventos (campeonatos, feiras esportivas, seminários, palestras, entre muitas outras) (Anexo 3).

Segundo Semestre: Aplicação dos conhecimentos de liderança, administração e organização de eventos, em grupos de interesses da escola.

Principais temas a serem abordados:

- Formação de grupos, por meio de pesquisa de campo, levantando os interesses da comunidade escolar.
- Aplicação dos conhecimentos de liderança, administração e organização de eventos com e nos diferentes grupos de interesses.

Sugestões de Atividades para o professor

Para o primeiro semestre:

- Ministrando conhecimentos sobre liderança, administração e organização de eventos.
- Fazer seminários com os alunos com temas sobre cidadania.
- Fazer pesquisa de campo com os alunos, investigando os principais problemas da escola e discutir alternativas para a solução desses problemas.
- Fazer pesquisa de campo com os alunos, levantando as necessidades e interesses por atividades esportivo/recreativas, artísticas e intelectuais da escola.
- Formar grupos de interesses na escola, onde os alunos desta série possam desenvolver atividades nas quais eles tenham uma melhor competência.

Para o segundo semestre:

- Desenvolver atividades com os grupos de interesses em horários extraclasse.
- Analisar aula a aula as atividades desenvolvidas pelos alunos, discutindo com eles os problemas enfrentados durante a prática das modalidades escolhidas.
- Realizar avaliações por compromisso, isto é, acompanhar os planos de atividades dos alunos e se os objetivos propostos por eles estão ou não sendo alcançados.
- Organizar eventos na escola (campeonatos, festas juninas, desfiles cívicos, feira de esportes, entre outros) (Anexo 4)

5.9.3. Terceira série:

Primeiro semestre: Aplicação dos conhecimentos de liderança e de administração em grupos de interesses da comunidade escolar, isto é, pais, professores, alunos e funcionários.

Principais temas a serem abordados:

- Formação de grupos, por meio de pesquisa de campo, respeitando os interesses da comunidade escolar.
- Aplicação dos conhecimentos de liderança, administração e organização de eventos com e nos diferentes grupos de interesses.

Segundo Semestre: Aplicação dos conhecimentos de liderança e de administração em grupos de interesses da comunidade escolar.

Principais temas a serem abordados:

- Formação de grupos, por meio de pesquisa de campo, respeitando os interesses da comunidade escolar.
- Aplicação dos conhecimentos de liderança, administração e organização de eventos com e nos diferentes grupos de interesses.

Sugestões de Atividades para o professor

Para o primeiro semestre:

- Ministrando conhecimentos sobre liderança, administração e organização de eventos.
- Fazer seminários com os alunos com temas sobre cidadania, entre outros. (Anexo 2)
- Fazer pesquisa de campo com os alunos, investigando os principais problemas da escola e da comunidade escolar e discutir alternativas para a solução desses problemas.

- Fazer pesquisa de campo com os alunos, respeitando as necessidades e interesses por atividades esportivo/recreativas, artísticas e intelectuais da comunidade escolar.
- Formar grupos de interesses na comunidade escolar, onde os alunos desta série possam desenvolver atividades nas quais eles tenham uma melhor competência.
- Organizar eventos na escola (campeonatos, festas juninas, desfiles cívicos, feira de esportes, etc.)

Para o segundo semestre:

- Desenvolver atividades com os grupos de interesses em horários extraclasse.
- Analisar aula a aula as atividades desenvolvidas pelos alunos, discutindo com eles os problemas enfrentados durante a prática das modalidades escolhidas.
- Realizar avaliações por compromisso, isto é, acompanhar os planos de atividades dos alunos e se os objetivos propostos por eles estão ou não sendo alcançados.
- Organizar eventos na escola (campeonatos, festas juninas, desfiles cívicos, feira de esportes, etc.)

Como os interesses e necessidades das escolas e da comunidade escolar podem ser muito diversificados, as noções de gerenciamento devem ser o mais generalizável possível de modo a incorporar a todas elas, discutindo em aula com os alunos os problemas específicos de cada atividade.

Para isto, acreditamos que o aluno, além de receber informações sobre a Educação Física, deve estar motivado e capacitado para pesquisar a literatura, associando estas informações com as suas experiências do dia-a-dia, necessárias para seus interesses e que lhe favoreçam a sua integração no mundo social.

Uma boa estratégia é agrupar os conteúdos que precisem de um mesmo marco referencial, fazendo grupos de conteúdos, o que facilitaria os Planejamentos curriculares. A modo de exemplos:

Liderança; administração, organização de eventos, entre outros.

Conhecimentos desportivos

Conhecimentos culturais

Conhecimentos artísticos

Conhecimentos políticos

Sugestão de Classificação das atividades:

Atividades esportivo-recreativas.

Atividades Artísticas. Segundo Marcelino (1990), todas as atividades são culturais, por isso é melhor utilizar a denominação de Artística.

Atividades em CTs (Centros de Tradições).

A seguir, é apresentada uma lista de possíveis atividades que podem ser administradas pelos alunos destas séries escolares.

5.10. Lista de atividades que podem ser desenvolvidas e gerenciadas pelos alunos da segunda e terceira séries do Ensino Médio, e os conhecimentos necessários que o permitem:

- Aulas de recuperação para alunos de séries anteriores, com alunos que possuam um domínio de algumas áreas ou conhecimentos.
- Organizar grupos de interesse em Condicionamento Físico.
- Organizar grupos de interesses em atividades da cultura corporal: esportes, dança, teatro, coro, ginástica, ginástica geral, capoeira, etc.
- Organizar as festas cívicas da Escola, desfiles, bandas.
- Organizar as atividades próprias do calendário escolar: festas juninas.
- Organizar atividades esportivo-recreativas, tais como: campeonatos, apresentações, encontros, bailes beneficentes.
- Organizar grupos de estudo e de interesse, tais como grupos religiosos, culturais (grupo ou clube de astronomia, de matemática, de poesia, pintura, cerâmica, tricô, culinária, computação ou internautas, entre outros).
- Organizar grupos de vivência e de prática de danças (de salão, populares, regionais, funk, entre outros ritmos).
- Organizar grupos ou clubes de pagode, de música moderna, de violão, entre outros.
- Organizar, administrar e ensinar em grupos de desportos, tais como atletismo, voleibol, futebol, basquetebol, handebol, skate, mountain bike, rapel, escaladas em muro, badminton, surf, entre outros.

- Organizar grupos de interesse em atividades relacionadas com a natureza, tais como passeios ecológicos, visitas a zoológicos ou parques, museus, trilhas, carreiras ou marchas orientadas, mountain bike e acampamentos, entre outras.
- Dependendo da região, organizar atividades relacionadas aos ecossistemas próprios, tais como, canoagem, pesca esportiva, floricultura, jardinagem, equitação, entre outras.

CTGs (Centro de Tradições Gaúchas);

CTNs (Centro de Tradições Nordestinas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O adolescente é um desbravador do mundo, curioso por natureza e sedento de novas experiências que ampliem seu mundo familiar e social. A adolescência implica exatamente sair do restrito círculo familiar para participar da sociedade, como cidadão com direitos e deveres, a partir da transmissão dos valores de sua cultura. Em muitas sociedades, essa passagem é marcada por rituais de reconhecimento do jovem em sua nova condição.

Estudos e pesquisas aqui apresentadas demonstram que o adolescente não está sendo acolhido e valorizado pela sociedade. Ele precisa urgentemente encontrar canais para expressar seus sentimentos, suas inquietudes, sua reflexão crítica e, sobretudo, sua criatividade e sensibilidade face às desigualdades sociais.

É consenso que as atividades de esporte, lazer, arte e cultura representam espaços privilegiados de evasão das energias positivas. Assim, é fundamental garantir o acesso dos adolescentes a essas atividades, entre outras.

O nosso estudo ratificou a importância dos professores de Educação Física, em todos os níveis de ensino, para mediar essas vivências. Para tanto, eles precisam conhecer e desenvolver suas atividades com base em planejamentos que contribuam para o desenvolvimento e aprimoramento dos alunos, o que constatamos não estar ocorrendo. A maioria das atividades desenvolvida tem um fim em si mesmas, contribuindo pouco ou quase nada para a Formação Humana e a Capacitação dos alunos, entendidas, aqui, como sendo o real objetivo da Educação Física - a primeira, e a apropriação dos elementos da Cultura Corporal - a segunda, de acordo com o paradigma adotado. A repetição e a descontextualização dos conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física, em função dos problemas detectados, influenciam para que os alunos não continuem a praticar atividade física se, a uma certa altura da sua vida, já não estiverem convencidos da necessidade de sua continuidade. Esse convencimento deve ocorrer na escola!

Nem todos os alunos vão cursar universidade, nem todos são líderes, os grupos de interesses são variados. Para atender a essas e tantas outras variáveis, não é necessário mudar o conhecimento, mas a forma com que este é trabalhado na escola, pelo professor. A Educação Física Escolar deveria buscar o elemento “novo”, que despertasse no aluno o real

interesse em continuar praticando atividade física ao longo da vida. De acordo com nosso estudo esse elemento “novo” pode surgir a partir da variação dos conteúdos, de forma a atender às características, necessidades e interesses dos alunos, nas diferentes faixas etárias.

Em se tratando de um estudo referente ao Ensino Médio, propõe-se que algo diferente deva acontecer nesse nível, para diferenciá-lo dos anteriores.

O programa de Educação Física oferecido para o Ensino Médio nos PCNs reedita a tendência técnico/esportiva, onde são considerados apenas os desejos de prática esportiva dos alunos, sem levar em conta outras realidades desses alunos que já atuam, de alguma maneira, em grupos dentro de sua sociedade. Esta atuação no âmbito social extraclasses cria uma demanda de conhecimentos que não estão sendo oferecidos e/ou aproveitados na escola e, portanto, não atendendo às novas necessidades, interesses e expectativas que esta inserção gera.

Em relação à realidade detectada neste estudo, os conteúdos vistos no Ensino Fundamental, especificamente de quinta a oitava séries, seguem sendo repetidos no Ensino Médio, com a diferença de que, em algumas escolas, são os alunos que elegem os esportes a serem praticados, e o professor assume apenas a função de “rola bola” (atividade realizada sem orientação do professor).

Além disso, quando analisados os elementos da cultura corporal, constatamos que grande parte desses conteúdos pertencem à nossa área acadêmica. Mas constatamos, também, que são poucos os cursos de formação profissional que transmitem estes conhecimentos, o que explicaria, de alguma forma, a tendência dos nossos professores a restringirem o conteúdo de suas aulas às atividades esportivas mais conhecidas (basquete, voleibol, futebol e handebol).

Com o panorama descrito enfrentamos o desafio de indicar uma outra possibilidade de atuação profissional neste segmento escolar: a formação de Líderes Comunitários para os alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Para a implementação desta proposta não seria necessária uma reformulação dos currículos de formação profissional (tarefa extremamente burocrática e de longo prazo, dados os interesses econômicos que dominam a área), mas uma mudança de paradigma. O aqui proposto visa garantir a apropriação e o respeito pelas normas, regras e regulamentos considerados importantes para o convívio familiar e pelas quais se organizam as diferentes

instituições sociais (Formação Humana), junto com a apropriação das formas culturais que são valorizadas pelo grupo familiar e dos diferentes conhecimentos que se acredita serem úteis para viver em sociedade (Capacitação).

Para não sermos repetitivos, podemos sintetizar as questões aqui discutidas da seguinte forma:

Com relação à formação profissional

Precisa ser repensada. Nos poucos anos destinados à atual formação profissional é impossível preparar profissionais orientados à satisfação dos mercados de trabalhos alheios do Ensino Formal; esses mercados podem ser supridos eficientemente por bacharéis e ou profissionais preparados em cursos profissionalizantes. As instituições responsáveis pela formação profissional do professor de Educação Física necessitam estruturar uma grade curricular baseada num perfil profissional previamente definido, o que significa que elas devem ter clareza do tipo de profissional que estão formando e a função deste profissional dentro do meio social para o qual estão sendo formados.

É de responsabilidade dos cursos de formação profissional com Licenciatura, preparar um professor com forte embasamento teórico, que permita sua atuação em qualquer âmbito da Educação Física (Vivência, Prática ou Treinamento), dotando-o de autonomia para intervir, da forma mais adequada e necessária, no contexto em que ele desenvolve sua atuação profissional. Trata-se de um professor generalista, mas seus conhecimentos acadêmicos devem permitir-lhe analisar qualquer atividade da Cultura Corporal que tenha relação com a Educação Física, para criar programas de apropriação, adequados às necessidades, características e interesses dos alunos.

Com relação à escola

Ela tem a responsabilidade de socializar e sistematizar todo o conhecimento universalmente produzido. Para isso deve oferecer espaços para o desenvolvimento de valores humanos (Formação Humana), onde normas, regras e regulamentos da convivência em grupos sociais sejam vivenciados, ao mesmo tempo em que oferece conhecimentos (Capacitação) para que o aluno possa inserir-se e contribuir para o desenvolvimento de seu grupo social.

Os espaços que a escola possui para cumprir com estas suas tarefas são o espaço formal de aulas, onde todo o conhecimento universalmente produzido deveria ser socializado durante o ciclo escolar, para que o aluno tenha uma visão global do

conhecimento, e o espaço informal ou extraescolar, onde deveriam ser oferecidos conhecimentos (teóricos, prático ou teórico-práticos) de interesse dos alunos para satisfazer suas necessidades de maiores informações sobre um determinado conhecimento. Este espaço deve ser muito dinâmico e as atividades devem surgir dos interesses dos próprios alunos e não somente da Escola ou dos professores. Essas atividades oferecidas devem partir do surgimento de grupos de interesse, os quais devem ser negociados com os interesses da Escola até que se chegue a um consenso.

Ambos os espaços escolares podem ser complementares, porém sem se confundirem. Um é o espaço da aula, o espaço de oferecer um conteúdo, e o outro, um espaço de aplicação de conteúdos vistos e vivenciados nas aulas, que, por prazer e/ou relevância para os alunos, leve-os a se organizarem para poderem usufruí-los.

Com relação aos professores

Também precisam rever seu papel social e cumprir a sua função, independentemente da escola em que estejam trabalhando. Eles têm por responsabilidade formar seres humanos sensíveis, críticos, honestos e conscientes, não havendo justificativas para deixar de cumprir essa função.

É responsabilidade do professor Licenciado em Educação Física facilitar aos seus alunos a apropriação de todos os conteúdos da Cultura Corporal que têm relação com a Educação Física, e não apenas o de alguns jogos e esportes, que têm sido o conteúdo da Educação Física Escolar e Comunitária. Deve permitir que os participantes tenham experiências práticas com sucesso, de modo a criar uma vontade de continuar praticando as atividades em seu cotidiano. Deve permitir que o participante seja independente e autônomo nas suas escolhas, podendo sugerir mudanças nas atividades que lhe são oferecidas. Fornecer a fundamentação de cada uma das atividades contextualizando-as historicamente, para que o participante possa obter os fundamentos e/ou conhecimentos necessários que lhe permitam compreender e criticar os programas de atividades que lhe são oferecidos, e ao mesmo tempo sugerir atividades que considere mais relevantes.

Com relação a nossa proposta

Surgiu da necessidade de minimizar o quadro atual, referente às aulas de Educação Física que são ministradas no Ensino Médio. Tem por objetivo facilitar a apropriação de todos os conhecimentos necessários à organização e administração de atividades educativas e educativo-físicas, primeiro na escola (2ª série) e, num segundo momento, fora dela (3ª

série), indo ao encontro de grupos de interesses de alunos, pais, professores e pessoas da comunidade. Para que isso ocorra, é necessária a formação de Líderes Comunitários que assumam essa tarefa. O Líder deve ser carismático, dinâmico, talentoso, possuir cultura e habilidades de influenciar as pessoas, exercendo a liderança com respeito e autoridade, sem ceder às tentações do poder e ser democrático. As funções e atribuições do Líder Comunitário devem permear a organização, e desenvolvimento do programa do grupo, ajuda os seus membros para aumentar a sua eficiência como pessoas e como membros do grupo, e ao próprio grupo para que seja mais eficiente enquanto tal. Assim, a formação de Líderes Comunitários deve ter por característica educar o homem biopsicossocialmente, para que ele possa atuar em sua realidade e em sua história.

Finalizando nosso trabalho, fornecemos regras que acreditamos serem fundamentais para uma boa implementação da nossa proposta de formação de Líderes Comunitários para alunos de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

- 1- Colocar os objetivos do grupo sempre à frente dos objetivos individuais.
- 2- Dialogar muito. Com franqueza e honestidade.
- 3- Ter reuniões organizadas com frequência sistemática.
- 4- Planejar os objetivos com a participação e compromisso de todos.
- 5- Motivar constantemente e promover reconhecimentos proporcionais às contribuições de cada um.
- 6- Identificar precocemente situações que podem gerar conflitos e evitá-las.
- 7- Resolver conflitos com firmeza, sabedoria e complacência.
- 8- Manter um clima de descontração e alegria, que valoriza cada pessoa, respeitando as diferenças e promovendo uma relação de cooperação.
- 9- Fugir dos paradigmas, analisar livremente cada situação buscando soluções criativas.
- 10- Ter uma filosofia, política, planejamento de ações e atuações calcadas em uma base sólida de valores éticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- APPLE, M. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense. 1982.
- ARNOLD, P. J. **Kinesiology and the professional preparation of the movement teacher**. Journal of Human Movement Studies. (25): 203-231. 1993.
- ASTUDILLO, E. **Glosario Metodológico: Administrativo, Técnico, Educacional**. Santiago, Chile. Fondo Editorial Educación Moderna. 1981.
- BARBOSA, C. L. A. **Educação Física Escolar: as representações sociais**. R.J.: Shape. 2001.
- BETTI, M. **A Educação Física na escola Brasileira de 1º e 2º Graus, no período 1930-1986: uma abordagem sociológica**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Campinas. FEF-UNICAMP, 1988.
- BRACHT, V. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Unicamp. V. 2. 1987.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister. 1992.
- BRANDÃO, C. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1984.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. SOUZA, Paulo Nathanael P. de e Silva, Eurides Brito. Como entender e aplicar a nova LDB: Lei 9.394/96. São Paulo: Pioneira, 1997.
- BROEKHOFF, J. **A discipline – who needs it? Proceedings of the National Association for Physical Education in Higher Education**. Volume III. Champaign, IL: Human Kinetics. 1982.
- CARDOSO, C. **Confusões de Aborrecente**. Frente: R.J., 1995.
- CARVALHO, M. de **A miséria da Educação Física**. Campinas: Papirus. 1991.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus. 1988.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.
- CUNHA, M. S. **Para uma epistemologia da ciência da motricidade humana**. Lisboa: Compendium. 1990.

- DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Topázio. São Paulo. Araras, 1999.
- DAUGHTREY, G. & LEWIS, C. G. **Effective teaching strategies in secondary physical education**. 3ª ed. Philadelphia: W. B. Co, 1997.
- DE ROSE JR, D. & COLABORADORES **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DOHME, V. D. **Voluntariado: equipes produtivas: como liderar ou fazer parte de uma delas**. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- ERIKSSON, E. H. **Infância e Sociedade**. R.J.: Zahar, 1987.
- ESTRELA, M^a.T. & ESTRELA, A. **Perspectivas factuais sobre a formação de professores**. Lisboa: Estampa, 1997.
- FARIA, M. **Competências básicas do professor que orienta as atividades de Educação Física no primeiro segmento do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado, Escola de Educação Física e Desportos, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1985.
- FREIRE, J. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione. 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.
- FRITZEN, S. J. **Treinamento de Líderes Voluntários**. Rio de Janeiro: Vozes. 1992.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.
- GALAHUE, D. L. & OZMUN, J.C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.
- HENRY, F. M. **Physical education – an academic discipline**. JOHPER. (35): 32-38.1964.
- JONES, V. B. **Representações do sentido da Educação Física em Escolas de 2º Grau**. Dissertação de Mestrado. R.J.: UGF, 1991.
- KATCH, F. I. **Exercise science – it's more than just a name change**. JOPERD. 60(8): 71-72, 1989.
- KRAMER, S. **A Política do Pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LANGER, J. **Theories of development**. Nova York, Holt, Rinhehart and Winston. 1969.

LAWSON, H. e MORFORD, W. **The cross-disciplinary structure of kinesiology and sport studies: Distinctions, implications, and advantages**. *Quest*. (31): 222-230, 1979.

LITWIN, J. **Organizacion de Campeonatos Deportivos**. Buenos Aires. Argentina: Editorial Stadium, s/d.

MAFRA, I. A. e CAVALCANTI, E. de C. **O Ensino Médio no Brasil: Da Ruptura do Privilégio à Conquista do Direito**. Brasília; INEP, 1992.

MAGILL, R.A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1984.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e Escola: fundamentos filosóficos para uma pedagogia da animação no início do processo de escolarização**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 11. n. 2, p. 151. 1990.

_____. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARIZ de OLIVEIRA, J. G. **Preparação profissional em educação física**. In: S.C.E. Passos (Org.). Educação física e esportes na universidade. Brasília: SEED-MEC/Unb. 1988.

_____. **Mercado de Trabalho e Formação Profissional em Educação Física**. *Revista Corpo & Movimento*, vol. 1, 7. 1983 a.

_____. **Discurso proferido por ocasião da Formatura da Turma de 1983 da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo**, em 15 de dezembro, na cidade de São Paulo, São Paulo. 1983b.

MARTINI, T. P. A (In) **Disciplina nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Trabalho realizado para a conclusão da disciplina EL 406; Campinas, 2001.

_____. **Análise da Realidade das Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Monografia de Conclusão de Curso de Educação Física –Licenciatura. FEF-UNICAMP – Campinas, 2003.

MARTINS Jr., J. **A escola como centro de atividades físicas e de lazer: estudo sobre a prática desportiva continuada na comunidade**. Tese de Doutorado, UNESP-Marília, 1995.

MATURANA, H. & VARELA, G. *Amor y Juego: Fundamentos olvidados de lo humano. Desde el Patriarcado a la Democracia*. Santiago – Chile. Editorial Instituto de Terapia Cognitiva. 1994.

MATURANA, H. & DE REZEPKA, S. N. **Formación Humana y Capacitación**. Santiago-Chile: Dolmen Ediciones, 1995.

MATURANA, H. **El sentido de lo humano**. Santiago – Chile: Dólmen Ediciones S.A. 1987.

MEDINA, J. **A Educação Física cuida do corpo e... "mente"**. Campinas, Papirus. 1983.

MEINEL, K. **Motricidade II: o desenvolvimento motor do ser humano**. Ao Livro Técnico: R.J., 1984.

MENEZES, L.C. **Os papéis dos Ensinos Médio e Superior**. *Revista Veja São Paulo*. Abril, p. 82. 2001.

MOREIA, W.W. **Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica**. Unicamp, São Paulo, 1991.

MORFORD, W. R. **Toward a profession, not a craft**. *Quest*. (18): 88-93. 1972.

NEWELL, K. M. **Kinesiology**. *JOPERD*. 60(8): 69-70. 1989.

NEWELL, K. M. **Kinesiology: the label for the study of physical activity in higher education**. *Quest*. (42): 269-278. 1990.

OLIVEIRA, A . B. **Educação Física no Ensino Noturno de 2º Grau: um estudo participativo**. (Tese de Doutorado). São Paulo, Campinas. FEF-UNICAMP, 1998.

ORO, U. **Motricidade Humana: critérios e condições de cientificidade**. (Tese de Doutorado). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. 1994.

PAOLIELLO, E. M. S. & PÉREZ GALLARDO, J. S. **A socialização/sociabilização como paradigma para a Educação Física Escolar**. Anais do V Congresso de Educação Física e Desportos dos países de língua portuguesa. Moçambique: Maputo, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/PCNEM. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e tecnológica, Brasília, 1998.

PÉREZ GALLARDO, J.S. **Discussões Preliminares Sobre Objetivos de Formação Humana e de Capacitação para a Educação Física Escolar, do Berçário até a Quarta Série do Ensino Fundamental**. (Tese de Livre Docência). São Paulo. FEF – UNICAMP, 2001.

PÉREZ GALLARDO, J. S. & PAOLIELLO, E. M. S. **A Cultura Corporal do grupo familiar como conteúdo da Educação Física Escolar**. Anais do V Congresso de Educação Física e Desportos dos países de língua portuguesa. Moçambique: Maputo, 1997.

PÉREZ GALLARDO, J. E COLABORADORES **Educação Física: contribuições à Formação Profissional**. Ijuí: Unijuí. 1997.

PEREZ GALLARDO, J. S. **Preparação profissional em educação física: Um estudo dos currículos das escolas de educação física do Estado de São Paulo e sua relação com a educação física na pré-escola e quatro primeiras séries do ensino de Ensino Fundamental**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. 1988.

PÉREZ GALLARDO, J.S. e COLABORADORES **Educação Física: contribuições à formação profissional**. RS. Inijuí, 1997.

PÉREZ GALLARDO, J.S. **La puesta en escena de un hecho folclórico**. Revista Ciências de la Actividad Física. Valparaiso, Chile: Editora Universidades de Playa Ancha. 1993a.

PÉREZ GALLARDO, J. S. **Modelos de Atuação do Profissional de Creche**. Teses de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP. 1993b.

PÉREZ, GALLARDO, J.S. **Os limites de Aplicação dos Conteúdos da Cultura Corporal na Educação Física escolar**. Anais do VIII Congresso de Países de Língua Portuguesa, Portugal: Lisboa, 2000.

PÉREZ, GALLARDO, J.S. e COLABORADORES **Educação Física Escolar: do Berçário ao Ensino Médio**. R. J., Lucerna, 2003.

PINTO, S. **Quem escolhe: eles ou você?** Revista Veja. São Paulo. Editora Abril, p.52. 2001.

QUINAN, J. **As condições de desenvolvimento da Educação Física nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, através dos professores polivalentes: o caso da Rede Oficial do Município do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1982.

RANGEL BETTI, I. C. **Educação Física e o Ensino Médio: Analisando um processo de Aprendizagem Profissional**. Tese de Doutorado; São Paulo, 1998.

RARICK, G. L. **The domain of physical education as a discipline**. Quest. (9): 49-52. 1967.

RENSON, R. **From physical education to kinanthropology: A quest for academic and professional identity**. Quest. (41): 235-256. 1989.

ROBERTS, G. C. **Graduate education in an age of change**. The Physical Educator. 43(3): 106-108; 1985.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. R.S.: Ijuí, 1987.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação**. Campinas. Autores Associados, 1995.

SBORQUIA, P. SILVIA. **A Dança na Escola: uma proposta de intervenção pedagógica** (Projeto de dissertação de Mestrado em Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Unicamp da sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo), 2002.

SCHONARDIE, L. **Educação Física no Ensino de Segundo Grau: uma prática por compromisso**. (Tese de Doutorado). Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp. 2001

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Compendium. 1977.

SÉRGIO, M. **Educação Física ou ciência da motricidade humana**. Campinas: Papirus. 1991.

SHOR, I. & FREIRE, P. **Medo e Ousadia**. R. J. : Paz e Terra, 1986.

SILVA, C. L. **Educação Física Escolar: nas linhas e entrelinhas dos PCNs do Ensino Médio**. Monografia de Término de Curso. FEF-UNICAMP, 2002.

SOARES, Carmem. **Educação Física: Raízes Européias e Brasil**. Campinas, Ed. Autores Associados, 1994.

SOARES, A . dos S. **O que é informática**: São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOUZA NETO, S. **A Educação Física na escola: ações docente no ensino de 1º e 2º graus**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo. São Carlos – UFSCAR, 1998.

SOUZA, E. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, Campinas - SP. 1997.

TANI, G. E COLABORADORES. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1996.

THOMAS, J. R. **Are we already in peaces, or just falling apart?** Quest. (39): 114-121. 1987.

TOJAL, J. B. **Motricidade humana: o paradigma emergente**. Campinas: Editora da UNICAMP. 1994.

TOLEDO, E. **Diretrizes para a ginástica escolar: objetivos conteúdos e métodos**. Dissertação de Mestrado. FEF-UNICAMP, 1999.

VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

WADE, M. G. **Further reactions to Newell: unravelling the Larry and Darryl magical mystery tour**. Quest. (43): 207-213. 1991.

WAICHMANN, P. **Recreação e Tempo Livre**. Campinas. Editora Papirus. 1998.

Anexo 1 – Roteiro de Observação:

1. Histórico da Instituição (nome, características – pública ou privada, tempo de funcionamento, dependência financeira e localização).
2. Quais os tipos de atividades desenvolvidas? Como se dá a organização das atividades (livres ou dirigidas).
3. Qual a relação professor/aluno por turma?
4. Tipo de infraestrutura para o atendimento ao aluno.
5. Tipo de relação do professor e do aluno em função das normas, regras e regulamentos (normas criadas em conjunto ou impostas ao grupo).
6. Como e quais são as atividades desenvolvidas na Instituição, que se relacionam com a Educação Física?
7. Existe planejamento das atividades? Como e por quem é feito? Quem os faz, qual profissional? Quais são os objetivos específicos da Educação Física atribuídos (da competência da) pela Instituição?
8. Característica da comunidade, onde a Instituição está localizada?
9. Filosofia de atuação e de atendimento.

Outros questionamentos:

1. Quais são os profissionais que trabalham nessa escola?
2. A Instituição aceita alunos com algum tipo de deficiência?
3. Existem atividades paralelas e ou extraprogramáticas, que são oferecidas na escola?

Considerações dos observadores:

Sugestões de atividades e de administração que podem ser oferecidas, de acordo com o que foi observado.

Anexo 2 - Itens Verificados na Organização de Eventos: Campeonatos, Festivais e similares.

Comissão Organizadora: Responsável pelo evento.

EVENTO	Sim	Não	Data
Reunião de integração			
Delimitar os objetivos do evento			
Obter autorização para realizar o evento			
Designar o diretor ou responsável pelo evento			
Elaborar informe à Federação ou Instituição patrocinadora			

Funções do Diretor ou responsável pelo evento (Secretário executivo da Comissão do evento).

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar o regulamento do evento			
Discutir o regulamento com a Comissão Organizadora do evento			
Programar as datas do evento			
Escolher os participantes			
Comunicar o regulamento aos participantes			
Solicitar autorizações e apoio da polícia e de bombeiros			
Solicitar autorização dos pais, caso o evento inclua menores			
Preparar formulários de autorização			
Preparar e enviar os convites			
Fazer um orçamento do evento			
Levar as informações à Comissão Organizadora do evento			

Comissão de prêmios ou lembranças

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar o orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Selecionar o tipo de prêmio ou lembrança:			
Diplomas			
Medalhas			
Troféus			
Placas			
Planificar o gravado das copas, medalhas e placas			
Planificar a exibição dos prêmios			

Comissão ou responsável pelas finanças

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento geral			
Levá-lo a discussão da Comissão Organizadora do evento			
Apresentar idéias para financiar o evento:			
Vender ingressos			
Vender Programas ou Folder			
Ter direitos de televisão			
Vender espaços de propaganda			
Conceder espaços para venda de produtos			
Angariar donativos			
Administrar os recursos			
Controlar o caixa diariamente			
Controlar a venda de ingressos			
Apresentar o balancete final (prestação de contas)			

Comissão ou responsável pelas instalações e equipamentos

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Selecionar, obter e deixar em perfeitas condições as instalações e equipamentos necessários ao evento seja para: O Campeonato ou evento			
Para treinamento os descanso de artistas			
Planificar compra de equipamentos			
Inspecionar: Iluminação			
Ventilação, calefação.			
Sistema de sons			
Sala de vestiário de juízes			
Sala de massagem			
Sala de reparações de material			
Inspeção prévia das instalações ao evento			

Comissão responsável pelos árbitros e juízes do evento

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Preparar a lista de árbitros e/ou juízes e seus auxiliares			
Confirmar a presença e participação dos árbitros e/ou juízes			
Providenciar materiais específicos do evento: Apitos			
Alto-falantes			
Bandeiras			

- Formulários			
- Outros			

Comissão de fiscalização ou tribunal arbitral

EVENTO	Sim	Não	Data
Escolher os integrantes			

Comissão de inscrições e de habilitação dos participantes

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar o regulamento de participação			
Confeccionar e enviar os formulários de inscrição			
Aceitar e confirmar as inscrições			
Controlar os participantes e determinar se podem ou não participar			

Comissão ou encarregados pela alimentação

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Preparar os lugares de alimentação			
Supervisar os lugares escolhidos			
Preparar menus ou dietas especiais			
Fixar horário das refeições			
Notificar a cada delegação o valor das refeições			

Comissão ou encarregados pelo alojamento

	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Procurar e fazer reservas em:			
Hotéis			
Casas de estudantes			
Centros esportivos			
Centros militares			
Centros religiosos			
Escolas			
Outros			
Notificar a cada delegação o valor do alojamento			
Distribuir os alojamentos			
Preparar lista de alojados em cada local			
Preparar o regulamento do alojamento			

Comissão ou encarregados pelo transporte

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Leva-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Providenciar transporte para participantes que estejam longe do local do evento			
Providenciar transporte para levar os participantes aos locais de treinamento, alimentação e visitas a lugares turísticos:			
Caminhão			
Ônibus			

Carros			
Outros			
Providenciar transporte das autoridades			
Distribuir plano da cidade			

Comissão ou encarregado das relações públicas e propaganda

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Divulgar o evento com os possíveis participantes			
Estabelecer contato com a imprensa (escrita, oral e televisiva)			
Preparar material impresso e fotográfico			
Impressão de programas e/ou folder.			
Preparar adesivos, botons, bandeiras do evento.			
Preparar presentes ou lembranças para todos os participantes			

Comissão ou encarregado pelo Serviço Médico

EVENTO	Sim	Não	Data
Elaborar orçamento			
Levá-lo à discussão da Comissão Organizadora do evento			
Obter o pessoal necessário:			
Médico			
Enfermeira			
Bombeiros			
Outros			

Fixar os horários e local de atendimento			
Regulamentar o exame médico			
Preparar Sala de Massagem			
Providenciar os equipamentos e medicamentos necessários			
Elaborar informes ou ocorrências de cada acidente			
Providenciar serviço de Ambulância			
Supervisar			

Pessoal necessário

EVENTO	Sim	Não	Data
Administrativo			
Serviços gerais e de limpeza			
Manutenção dos equipamentos:			
Elétricos			
Mecânicos			
Lavanderia			
Vendedores de ingressos			
Porteiros e guias (lanterninhas)			
Outros			

Materiais necessários

EVENTO	Sim	Não	Data
Mesas			
Cadeiras			
Material de Secretaria			

Computadores			
Sistemas de comunicação			
Outros			

Material retirado do Livro: Organización de Campeonatos Deportivos de Litwin, J.
Editorial Stadium. Buenos Aires – Argentina (s/d)

Anexo 3 - Organização de Campeonatos Esportivos e Recreativos

Classificação dos Campeonatos

A classificação dos campeonatos depende de vários fatores: duração; tipo de atividade (jogos ou esportes); das instalações; do pessoal responsável; do dinheiro disponível; do objetivo ou propósito do campeonato; quantidade de participantes; pelas características de organização, entre muitas outras variáveis ou fatores.

Campeonatos de extensão

São campeonatos que podem ser realizados em clubes, universidades, escolas, centros recreativos, acampamentos, etc. de forma permanente, com variados períodos de duração (um dia, uma semana, um mês, um ano ou mais) São campeonatos de desafios, onde cada pessoa ou time pode desafiar a outra para obter um ranking melhor; portanto a responsabilidade recai nos próprios participantes.

A responsabilidade pela programação, organização, difusão, regulamentos, controle, difusão e avaliação é dada por uma comissão ou diretor designado.

Campeonato em Escada

Pode ser utilizado em diferentes modalidades esportivas e/ou competitivas individuais ou em duplas, exemplos: Tênis de Mesa; Tênis de Campo; Xadrez; Jogos de Cartas ou de Pedras (Dominó), entre muitos outros.

Pode-se utiliza-lo para manter um ranking da instituição. O número de participantes pode variar de 12 com um mínimo de 8 e um máximo de 16. Se existem mais competidores e/ou equipes, podem ser construídas mais escadas. O objetivo do ou dos participantes é de chegar ao topo da escada e manter-se nele.

A conformação do ranking ou da Escada pode ser feita das seguintes formas:

- a) Por sorteio.*
- b) Por habilidade, que é determinada pelo diretor do torneio e/ou comissão, localizando o melhor participante no degrau mais baixo e ao menos hábil e no degrau mais alto, o que permite uma grande mobilidade na escada.*
- c) Misto, determinando uma porcentagem por habilidade e o resto por sorteio.*

O regulamento.

Todos os participantes têm que competir na unidade de tempo determinada pela comissão (um dia, uma semana, um mês, etc.). Os jogadores que não participaram perdem um lugar, trocando com o que está mais embaixo.

Cada jogador pode desafiar o jogador que se encontra em um ou dois lugares acima dele. Se ganha, trocam de lugares na escada; perde-se a escada fica igual. Se ganha, o jogador que se encontra dois lugares acima dele pode trocar de posto ou o perdedor descer só um degrau.

Cada jogador deve “arranjar” seus próprios partidos e notificar ao diretor do torneio para a reserva de quadra (quando necessário) e para divulgação da data do encontro.

O diretor deve manter atualizado o ranking da escada; para isso, os jogadores deverão informar o resultado do encontro ao diretor, em folha assinada por ambos os competidores.

Campeonato por Pirâmide

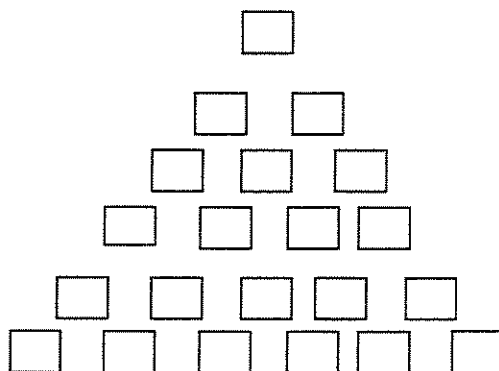
A forma de organização é a mesma que para os Campeonatos em Escada, permite um maior número de participantes. Há três tipos de Pirâmides: Fechada; Aberta e Coroa.

Pirâmide Fechada

O preenchimento dos lugares da pirâmide pode ser por sorteio, habilidades ou misto.

A Regulamentação

Somente poderá desafiar a um jogador do nível imediatamente superior quando tenha ganho um de seu mesmo nível. Se ganha, trocam de lugar; se perde, fica tudo igual.



Pirâmide Aberta

Não há preenchimento dos lugares na pirâmide. Há de se levar em conta o número de competidores para sua confecção, dado que a base da pirâmide deve ter tantos lugares quantos a metade do número de participantes.

Quem ganha um lugar na base da pirâmide é quem ganha a outro competidor. O perdedor deve desafiar outro competidor para ganhar um lugar na base da pirâmide.

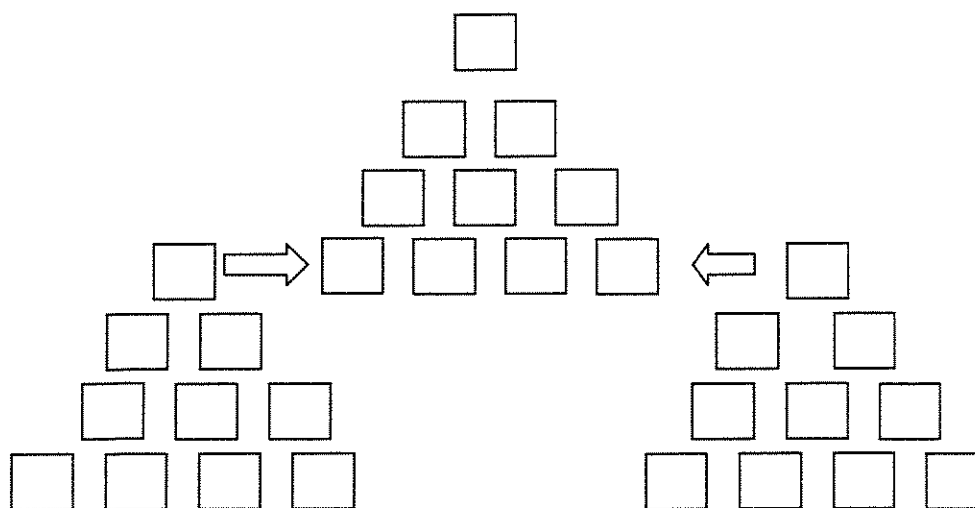
Se não há mais lugares na base, pode-se desafiar um competidor que esteja nela. Se ganha, ocupa o lugar na base.

O campeonato acaba quando um participante chega ao topo. Pode-se exigir ao ganhador que defenda seu lugar duas vezes consecutivas.

Pirâmide Coroa

É uma ampliação dos campeonatos em pirâmides e permite um maior número de participantes

Está conformada por varias pirâmides, cada uma com dez lugares. O número de pirâmides vai depender do número de participantes.

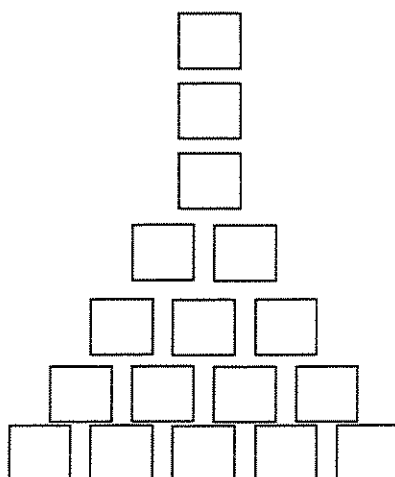


Os desafios se realizam como nas pirâmides fechadas e abertas, dentro de cada pirâmide e ao mesmo nível.

Campeonato Chaminé

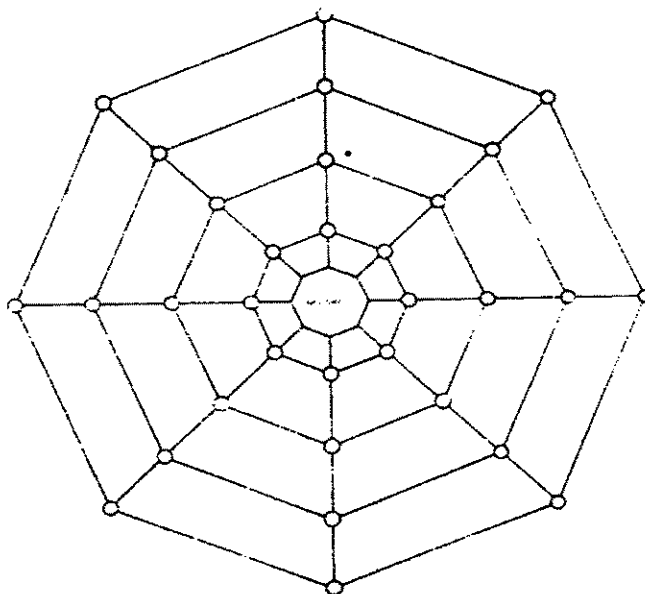
É uma mistura dos campeonatos em Escada e em Pirâmide.

A vantagem dos campeonatos em Pirâmide é que pode competir uma quantidade maior de participantes, e do campeonato em escada oferece um ranking dos três primeiros postos.



Campeonato Teia de Aranha

É muito similar aos de escada e pirâmide. Utiliza-se a mesma organização, seja para localizar os participantes ou para os desafios.



Observações

Nestes tipos de campeonatos deve-se atender às seguintes previsões:

Cada jogador deve ter a lista de todos os competidores, com endereço, número de telefone e/ou forma de entrar em contato.

Que os nomes sejam claramente visíveis nas pirâmides.

Que os participantes arranjem seus próprios jogos.

Que o diretor do torneio seja notificado dos resultados dos jogos.

Que os desafios sejam publicados em lugar visível.

Que os jogadores preencham e entreguem ao diretor o resultado dos jogos.

Que os participantes compitam pelo menos uma vez dentro de cada prazo estipulado.

O único a divulgar os resultados é o Diretor do Torneio.

Campeonatos por acúmulo de pontos

São campeonatos onde os pontos obtidos em cada encontro se somam. Podem ser coletivos ou individuais. A modo de exemplo: a súmula dos gols obtidos durante um campeonato.

Exemplos para aplicar na escola ou clube

Tabela de goleadores ou de Record nas diferentes modalidades esportivas e recreativas; exemplo, qual jogador completa primeiro os 100 pontos em Basquetebol ou os 5 gols no Futebol.

Nadar, correr, dançar, etc. acumulando o maior tempo possível; pode-se realizar as atividades todos os dias por um período de 20 minutos.

Nadar, correr, dançar mantendo um ou mais participantes na atividade; exemplo as 24 de Natação da FEF/Unicamp.

Lançamentos acumulados, grupo com igual número de alunos que fazem um arremesso de peso e somam seus resultados. Idem em corridas de 100 metros ou outras distâncias.

Campeonatos por Pontos

Também denominado “Todos contra Todos”, isto é, todos os jogadores ou equipes jogam o mesmo número de partidas. Vence o jogador ou a equipe que ganhe mais partidas. Em caso de empate entre jogadores ou equipes, podem ser jogadas partidas suplementares ou dar ganho ao jogador ou à equipe com mais pontos acumulados (Gols).

É um tipo de campeonato muito fácil de organizar e pode ser realizado num curto período de tempo como também durante toda uma temporada, incluindo-se várias rodadas.

Da organização

Confecção do calendário.

Todos os participantes devem ter previamente conhecimento da data, hora e adversário.

No caso de equipes, cada uma deve ter seu calendário com sua participação.

O número de rodadas é sempre igual ao número de jogadores; quando as equipes são ímpares, e menos 1 quando as equipes sejam pares.

O número de jogos por rodada é igual à metade de número de equipes quando são pares e da metade menos um quando as equipes são ímpares; exemplo com 8 equipes haverá 4 partidas, com 7 equipes haverá 3 partidas.

O número de jogos por campeonato é determinado multiplicando o número de equipes por número de equipes menos 1 e seu resultado é dividido por 2.

Exemplo:

Número de equipes x (número de equipes – 1):

Número de jogos = 2

Ou, número de jogos = $\frac{N \times (N - 1)}{2}$

Assim um campeonato com oito equipes terá;

$\frac{8 \times (8 - 1)}{2}$ ou $\frac{8 \times 7}{2}$ que dá 28 jogos

Cada jogador ou equipe recebe um número.

A repartição dos números se deve fazer por sorteio.

Na planificação, deve-se levar em conta que todos tenham as mesmas possibilidades, isto é, que se jogue em diferentes horários, em diferentes quadras, que possuam o mesmo tempo de descanso ou de recuperação.

Metodologia rotativa para equipes pares

A equipe com número 1 fica estacionária e as outras giram um lugar no sentido horário a cada rodada. Exemplo com oito equipes ou jogadores.

Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data
(1) v/s 2	(1) v/s 8	(1) v/s 7	(1) v/s 6	(1) v/s 5	(1) v/s 4	(1) v/s 3
8 v/s 3	7 v/s 2	6 v/s 8	5 v/s 7	4 v/s 6	3 v/s 5	2 v/s 4
7 v/s 4	6 v/s 3	5 v/s 2	4 v/s 8	3 v/s 7	2 v/s 6	8 v/s 5
6 v/s 5	5 v/s 4	4 v/s 3	3 v/s 2	2 v/s 8	8 v/s 7	7 v/s 6

Metodologia rotativa para equipes ímpares

É similar ao exemplo de cima, com a diferença que uma equipe ficará sem jogar nessa data. O espaço da equipe livre se denomina “bye”.

Data	Data	Data	Data	Data	Data	Data
(bye) v/s 1	(bye) v/s 7	(bye) v/s 6	(bye) v/s 5	(bye) v/s 4	(bye) v/s 3	(bye) v/s 2
7 v/s 2	6 v/s 1	5 v/s 7	4 v/s 6	3 v/s 5	2 v/s 4	1 v/s 3
6 v/s 3	5 v/s 2	4 v/s 1	3 v/s 7	2 v/s 6	1 v/s 5	7 v/s 4
5 v/s 4	4 v/s 3	3 v/s 2	2 v/s 1	1 v/s 7	7 v/s 6	6 v/s 5

Diagrama de acompanhamento para 7 equipes

	1	2	3	4	5	6	7	Total	Class.
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									

Diagrama de acompanhamento para 4 equipes

	Nome do jogador	1	2	3	4	Total pontos	Classificação
1							
2							
3							
4							

Campeonato de finalistas

São campeonatos onde se decidem os três primeiros lugares, com quatro finalistas que se enfrentam. Conta de duas rodadas; na primeira os ganhadores passam à final e disputam o 1° e 2° lugares, respectivamente, e os perdedores o 3° e 4° lugares, respectivamente.

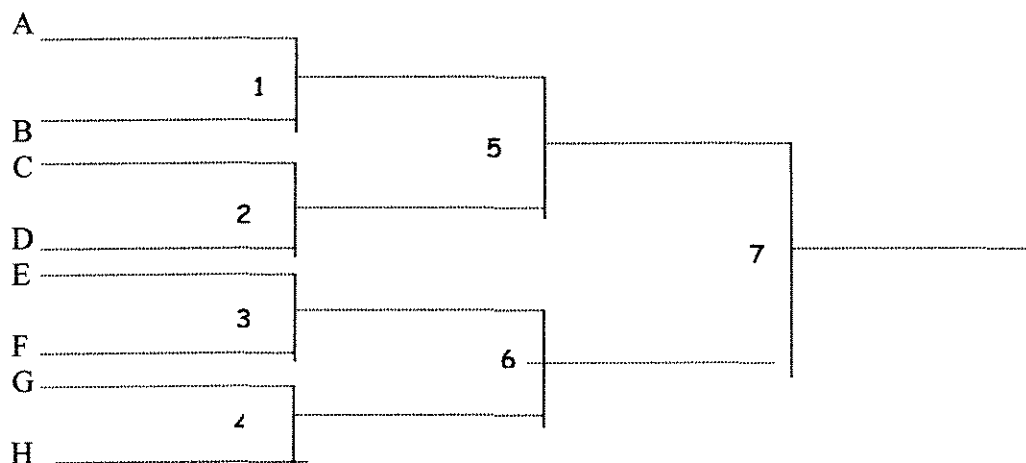
Campeonatos por Eliminação

Em cada rodada é eliminada a metade dos participantes; se não tem outra chance de participar, o campeonato se chama **Simple Eliminação**. Se os perdedores fazem outro campeonato paralelo, se chama **Dupla Eliminação**.

As rodadas calculam-se elevando a potência do número 2 tantas vezes quantas sejam necessárias para igualar ou ultrapassar o número de participantes. Exemplo: com 8

participantes, para alcançar esse número é necessário elevar 3 vezes a potência de 2, assim o número de rodadas será 3. As potências de 2 são: 2 – 4 – 8 – 16 – 32 – 64.

Simple Eliminação



No caso em que o número de competidores não seja igual a uma potência de 2, se considera a potência de 2 imediatamente superior ao número de participantes, obtendo-se o número de bye. Estes não participam da primeira rodada, distribuindo-se acima e abaixo do diagrama.

Extraído do livro Organización de Campeonatos Deportivos.Litwin, J. (s/d).